



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**ANÁLISE SOCIOFUNCIONALISTA DAS FORMAS VERBAIS IMPERFECTIVAS
DE PASSADO NO ESPANHOL ORAL DE GRANADA**

JULIANA LIBERATO NOBRE

**FORTALEZA
2019**

JULIANA LIBERATO NOBRE

ANÁLISE SOCIOFUNCIONALISTA DAS FORMAS VERBAIS IMPERFECTIVAS DE
PASSADO NO ESPANHOL ORAL DE GRANADA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística. Linha de pesquisa: Descrição e Análise Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Valdecy de Oliveira Pontes.

FORTALEZA
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

N672a Nobre, Juliana Liberato.
Análise sociofuncionalista das formas verbais imperfectivas de passado no espanhol oral de Granada /
Juliana Liberato Nobre. – 2019.
150 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-
Graduação em Linguística, Fortaleza, 2019.

Orientação: Prof. Dr. Valdecy de Oliveira Pontes.

1. Sociofuncionalismo. 2. Espanhol oral de Granada. 3. Formas verbais imperfectivas. I. Título.

CDD 410

JULIANA LIBERATO NOBRE

ANÁLISE SOCIOFUNCIONALISTA DAS FORMAS VERBAIS IMPERFECTIVAS DE
PASSADO NO ESPANHOL ORAL DE GRANADA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística. Linha de pesquisa: Descrição e Análise Linguística.

Aprovada em: 28/02/2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Valdecy de Oliveira Pontes (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dra. Aluiza Alves de Araújo (1^a Examinadora)
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof^a. Dra. Nadja Paulino Pessoa Prata (2^a Examinadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dra. Marisa Ferreira Aderaldo (Suplente)
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof^a. Dra. Hebe Macedo de Carvalho (Suplente)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Ao Bom Deus e Doce Mãe Maria Imaculada,
por todo Amor.

A meu esposo, Nicolás, por ser um anjo em
minha vida.

A meus pais, Maria do Socorro e Josenir, por
toda dedicação em mostrar o caminho certo.

Dedico esta dissertação.

AGRADECIMENTOS

Ao Bom Deus e Maria Imaculada, Dulcíssima Mãe, por todo amor em mim depositado, pois foi o que me ergueu muitas vezes e me fez seguir acreditando que estavam sempre comigo.

A meu esposo Nicolás, por todo apoio e por ter me incentivado a construir um trabalho que não só fortaleceu o meu intelecto, mas também a minha alma que, assim, como o estudo, é uma constante construção, construção essa que se torna fortaleza. Somos um só e juntos a Deus podemos tudo.

A meus pais Maria do Socorro e Josenir, por sempre enfatizar a importância dos estudos na vida e por ter ensinado que sempre devemos confiar em Deus seja qual for a circunstância. Por todo o sacrifício feito verdadeiramente por amor para eu alcançar vitórias.

A meus irmãos Jean e Julio, por não serem somente irmãos, mas, também, amigos.

A meu querido Padre Sérgio, por ter ajudado quando eu precisava, em sempre estar disposto a ajudar em qualquer momento, por ter ajudado na nossa caminhada rumo ao Sacramento do Matrimônio, de meu esposo e meu e, principalmente, por cumprir sua missão em elevar nossa alma a Deus.

A minhas irmãs de alma da Pia União das Filhas de Maria de Fortaleza – CE, por tão importantes orações.

A minhas irmãs de alma Stefani e Marta Felipe, por sempre terem sido apoio em orações e conselhos, por incentivarem a prosseguir nos estudos, a seguir em frente mesmo em meio a tantos momentos difíceis, terem ajudado a superar os obstáculos e crescer espiritualmente em cada um deles.

A minha eterna professora Dra. Letícia Joaquina de Castro, por sempre ter acreditado em mim desde o primeiro semestre da graduação. Obrigada pelo amor demonstrado nos momentos que precisei, pelo olhar atencioso e palavras de apoio, quando eu me sentia incapaz e queria desistir. É uma professora que mora em meu coração e desejo que permaneça nele por todo o sempre.

Ao meu orientador Dr. Valdecy de Oliveira, por ter facilitado tão árduo trabalho e por seus valorosos direcionamentos e correções e, principalmente, ter me amparado nos momentos mais difíceis. Por, desde a graduação, ter me acompanhado no crescimento intelectual e ter sido um pai nesse caminhar da vida acadêmica, guiando-me com conselhos, com olhar atencioso e instruindo-me para obter o melhor resultado nos trabalhos de pesquisa.

Às professoras Dra. Nadja Paulino e Dra. Aluiza Alves, por suas valiosas contribuições na qualificação.

À professora Dra. Márluce Coan, pelas aulas de Sociolinguística na graduação e no mestrado, pela leitura detalhada do meu trabalho e pelas contribuições, de valor imensurável, na disciplina de seminários de pesquisa.

A José Victor, meu irmão de caminhada no mestrado, por toda a atenção e ajuda.

A meus amigos acadêmicos do mestrado, por todo o apoio.

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (PPGL/UFC), por toda dedicação ao trabalho, de forma prestativa.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo subsídio financeiro.

Deste modo, a vitória não é só minha, mas de todos que contribuíram de alguma forma, até mesmo com um sorriso.

“Contemporizar? É palavra que só se encontra no léxico dos que não têm vontade de lutar – comodistas, manhosos ou covardes –, porque de antemão se sabem vencidos”. (São Josemaria Escrivá)

RESUMO

O presente trabalho deteve-se no estudo, à luz de pressupostos sociofuncionalistas, do fenômeno de variação linguística nas formas verbais imperfectivas de passado em espanhol, em contextos de uso do pretérito imperfeito do indicativo e das perífrases imperfectivas no espanhol oral granadino, encontrados nas entrevistas em estudo e levou em consideração as motivações linguísticas e extralinguísticas. Uma das formas da constituição interna verbal de uma determinada situação é a imperfectividade, a qual o falante, dependendo da dinâmica interna do verbo e de sua escolha, percebe somente parte da situação, isto é, não é possível perceber seu início e nem o seu fim. Os objetivos que nortearam a nossa pesquisa foram: (i) mapear as funções aspectuais das formas verbais imperfectivas de passado no espanhol oral granadino que estejam em variação; (ii) examinar, nas funções que apresentam variação, os condicionamentos linguísticos (tipos de verbos, sequência discursiva nas entrevistas sociolinguísticas, presença ou ausência de modificadores aspectuais, tipo de frase e Modalidade – *realis* x *irrealis*), considerando o princípio de marcação e (iii) investigar a influência dos fatores extralinguísticos (sexo, idade e nível de instrução), considerando o princípio de marcação. Para o desenvolvimento da pesquisa, utilizamos dados de Entrevistas Sociolinguísticas do *Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América* (PRESEEA – Granada), a partir de uma metodologia quali-quantitativa. Desse modo, foram coletadas 36 das 54 entrevistas, de acordo com a escolha das variáveis de estratificação (3 níveis de instrução X 3 grupos de idade X 2 sexos X 2 informantes por célula) e teve como aporte teórico: (i) a Sociolinguística variacionista, a partir das considerações de Labov (1972a, 1978, 1994, 2001, 2003, 2010), Beatriz Lavandera (1978), Silva-Corvalán (2001), Company Company (2003), López Morales (2004) e Blas Arroyo (2005); (ii) o Funcionalismo givoniano (GIVÓN, 1984, 1990, 1995, 2001e 2005) e (iii) o Sociofuncionalismo, de acordo com Tavares (2003). Após o processamento necessário no programa estatístico Goldvarb (2005), obtivemos um total de 2.596 dados, sendo que 2.251 desses são de formas do pretérito imperfeito do indicativo (86,7 % do total), e 345 de perífrases imperfectivas de passado no espanhol oral de Granada (13,3% do total de dados). Duas funções tiveram variação nas duas formas em estudo (habitual e progressiva). Em nosso *corpus*, dos 2.596 dados obtidos no total, encontramos 1.523 formas de pretérito imperfeito no Aspecto habitual (58,6% do total de dados). Já as formas perifrásticas de passado ocorreram em 110 dados (4,2%). Os resultados revelaram que os falantes granadinos preferem a forma de pretérito imperfeito do indicativo, sendo a forma menos marcada e de mais fácil

processamento. Ademais, ao se utilizar a forma de pretérito imperfeito do indicativo como regra de aplicação, o programa Goldvarb (2005) selecionou grupos relevantes, em ordem de significância, os seguintes grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos foram: i) modalidade, que a forma de pretérito imperfeito do indicativo tendeu em aparecer nas sentenças de modalidade *realis*; ii) tipos de verbo, em que os fatores processo culminado, seguido do estado e, logo, da culminação favoreceram a ocorrência do pretérito imperfeito do indicativo e iii) presença ou ausência de modificadores aspectuais, na qual a presença de modificadores aspectuais favoreceu o uso do pretérito imperfeito do indicativo e, na ausência, houve uma tendência maior da ocorrência de perífrases. Já no Aspecto progressivo, encontramos 683 formas de pretérito imperfeito do indicativo (26,3% do total dos dados obtidos). As perífrases imperfectivas, por sua vez, ocorreram em 230 dados (8,8%). E assim como no Aspecto habitual, os falantes preferem a forma menos marcada (pretérito imperfeito do indicativo). Esta forma, que os falantes preferiram, foi utilizada como regra de aplicação na função progressiva. Assim, o programa estatístico selecionou os grupos de fatores relevantes em ordem de significância, a saber: i) modalidade, na qual a forma de pretérito imperfeito do indicativo tendeu a aparecer na modalidade *realis*; ii) tipos de verbo, em que os verbos de processo culminado e estado favoreceram o uso do pretérito imperfeito do indicativo e iii) sexo, a mulher tendeu a usar mais a forma imperfectiva pretérito imperfeito do indicativo. Concluiu-se que há variação linguística das duas formas em estudos nas funções habitual e progressiva, sendo a forma de pretérito imperfeito do indicativo a mais utilizada pelos falantes granadinos. Desse modo, trata-se de uma variação estável.

Palavras-chave: Sociofuncionalismo. Espanhol oral de Granada. Formas verbais imperfectivas.

RESUMEN

El presente trabajo se centró en el estudio, a la luz de de presupuestos Sociofuncionalistas, del fenómeno de variación lingüística en las formas verbales imperfectivas de pasado en español, en contextos de uso del pretérito imperfecto de indicativo y de las perífrasis imperfectivas en el español oral granadino, encontrados en las entrevistas en estudio y tuvo en cuenta las motivaciones lingüísticas y extralingüísticas. Una de las formas de la constitución interna verbal de una determinada situación es la imperfectividad, la cual el hablante, dependiendo de la dinámica interna del verbo e de su elección, percibe solamente parte de la situación, o sea, no es posible percibir su comienzo y ni su final. Los objetivos que orientaron nuestra investigación fueron: (i) identificar las funciones aspectuales de las formas verbales imperfectivas de pasado en el español oral granadino que estén en variación; (ii) examinar, en las funciones que presentan variación, los condicionamientos lingüísticos (tipo de verbos, secuencia discursiva en las entrevistas sociolingüísticas, presencia o ausencia de modificadores aspectuales, tipo de frase y Modalidad – *realis x irrealis*), considerando el principio de marcación y (iii) investigar el influjo de los factores extralingüísticos (sexo, edad y nivel de instrucción), teniendo en cuenta el principio de marcación. Para el desarrollo de la investigación, utilizamos datos de entrevistas sociolingüísticas del *Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América* (PRESEEA – Granada), desde una metodología cuali-cuantitativa. De ese modo, fueron colectadas 36 de las 54 entrevistas, de acuerdo con la elección de las variables de estratificación (3 niveles de instrucción X 3 grupos de edad X 2 sexos X 2 informantes por célula) y tuvo como aporte teórico: i) Sociolingüística variacionista, a partir de las consideraciones de Labov (1972a, 1978, 1994, 2001, 2003, 2010), Beatriz Lavandera (1978), Silva-Corvalán (2001), Company Company (2003), López Morales (2004) y Blas Arroyo (2005); ii) Funcionalismo givoniano (GIVÓN, 1984, 1990, 1995, 2001e 2005) y iii) el Sociofuncionalismo, de acuerdo con Tavares (2003). Tras el procesamiento necesario en el programa estadístico Goldvarb (2005), obtuvimos un total de 2.596, de los cuales 2.251 son de formas del pretérito imperfecto de indicativo (86,7% del total), y 345 de perífrasis imperfectivas de pasado en español oral de Granada (13,3% del total de los datos). De las funciones tuvieron variación en las dos formas en estudio (habitual y progresiva). En nuestro *corpus*, de los 2.596 datos obtenidos en el total, encontramos 1.523 formas de pretérito imperfecto en el Aspecto habitual (58,6%) del total de datos. Ya las formas perifrásticas de pasado ocurrieron en 110 datos (4,2%). Los resultados revelaron que los hablantes granadinos prefieren la forma de pretérito imperfecto de indicativo, de los cuales es

la forma menos marcada y de más fácil procesamiento. Además, al utilizarse la forma de pretérito imperfecto de indicativo como regla de aplicación, el programa Goldvarb (2005) seleccionó grupos relevantes, en orden de significancia, los siguiente grupos de factores lingüísticos y extralingüísticos fueron: (i) modalidad, que la forma de pretérito imperfecto de indicativo tendió aparecer en las sentencias de modalidad *realis*; (ii) tipos de verbo, en los que los factores proceso culminado, seguido del estado y, luego, de la culminación favorecieron la ocurrencia del pretérito imperfecto de indicativo y (iii) presencia o ausencia de modificadores aspectual, en la cual la presencia de modificadores aspectuales favoreció el uso del pretérito imperfecto de indicativo y, en la ausencia, hubo una tendencia mayor de la ocurrencia de perífrasis. Ya en el Aspecto progresivo, encontramos 683 formas de pretérito imperfecto de indicativo (26,3% del total de los datos obtenidos). Las perífrasis imperfectivas, a su vez, ocurrieron en 230 datos (8,8%). Y así como en el Aspecto habitual, los hablantes prefieren la forma menos marcada (pretérito imperfecto de indicativo). Esta forma, que los hablantes prefirieron, fue utilizada como regla de aplicación en la función progresiva. Así, el programa estadístico seleccionó los grupos de factores relevantes en orden de significancia, a saber: (i) modalidad, en la cual la forma de pretérito imperfecto de indicativo tendió a aparecer en la modalidad *realis*; (ii) tipos de verbo, en que los verbos de proceso culminado y estado favorecen el uso del pretérito imperfecto de indicativo y (iii) sexo, la mujer tendió a usar más la forma imperfectiva pretérito imperfecto de indicativo. Se concluyó que hay variación lingüística de las dos formas en estudio en las funciones habitual y progresiva, con la forma de pretérito imperfecto de indicativo la más utilizada por los hablantes granadinos. Así, se trata de una variación estable.

Palabras-clave: Sociofuncionalismo. Español oral de Granada. Formas verbales imperfectivas.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Diagrama do Tempo.....	50
Figura 2 – Pretérito imperfeito – (Adaptação da análise de Reichenbach)	52
Figura 3 – Diagrama do pretérito imperfeito.....	52
Figura 4 – Diagrama da perífrase imperfectiva	53
Figura 5 – Referências temporais no <i>continuum</i> do Tempo.....	53
Figura 6 – Relações das Modalidades tradicionais.....	62
Figura 7 – Mapa da província Granada	71
Figura 8 – Exemplo de ficha técnica do nível alto	77
Gráfico1 – Funções aspectuais imperfectivas e formas imperfectivas de passado	101

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Documentação do arquivo de áudio	75
Quadro 2 – Documentação da transliteração	76
Quadro 3 – Documentação sobre os informantes e entrevistadores e suas relações	76
Quadro 4 – Valores obtidos na rodada do Aspecto habitual	103
Quadro 5 – Valores discursivos do pretérito imperfeito do indicativo	105
Quadro 6 – Valores obtidos na rodada do Aspecto progressivo	118

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – População dos bairros de Granada (2006-2008)	71
Tabela 2 – Porcentagens da população por bairros e idade (2008).....	73
Tabela 3 – Distribuição (N e percentagem) das formas variáveis pretérito imperfeito do indicativo e perífrase	97
Tabela 4 – Atuação da modalidade no uso de pretérito imperfeito do indicativo versus perífrases imperfectivas no Aspecto habitual.....	104
Tabela 5 – Atuação dos tipos de verbo no uso de pretérito imperfeito do indicativo versus perífrases imperfectivas no Aspecto habitual.....	107
Tabela 6 – Atuação da presença ou ausência dos modificadores aspectuais no uso de pretérito imperfeito do indicativo versus perífrases imperfectivas no Aspecto habitual	108
Tabela 7 – Atuação dos grupos não significativos no uso de pretérito imperfeito do indicativo versus perífrases imperfectivas no Aspecto habitual.....	110
Tabela 8 – Atuação da modalidade no uso de pretérito imperfeito do indicativo versus perífrases imperfectivas no Aspecto progressivo	119
Tabela 9 – Atuação dos tipos de verbos no uso de pretérito imperfeito do indicativo versus perífrases imperfectivas no Aspecto progressivo	121
Tabela 10 – Atuação do sexo no uso de pretérito imperfeito do indicativo versus perífrases imperfectivas no Aspecto progressivo.....	123
Tabela 11 – Atuação dos grupos não significativos no uso de pretérito imperfeito do indicativo versus perífrases imperfectivas no Aspecto progressivo	124

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
2	SOCIOFUNCIONALISMO	23
2.1	Teorias de base	23
2.1.1	<i>Sociolinguística variacionista</i>	23
2.1.2	<i>Funcionalismo linguístico</i>	36
2.1.3	<i>Sociofuncionalismo</i>	42
2.2	Síntese do capítulo	48
3	AS CATEGORIAS TEMPO, ASPECTO E MODALIDADE E AS FORMAS VERBAIS IMPERFECTIVAS DE PASSADO EM ESPANHOL	49
3.1	Categoria Tempo	50
3.2	Categoria Aspecto	54
3.3	Categoria Modalidade	60
3.4	Formas verbais imperfectivas de passado em espanhol	65
3.5	Síntese do capítulo	67
4	METODOLOGIA	68
4.1	Contexto da pesquisa	68
4.2	Métodos de procedimento	69
4.2.1	<i>Procedimento para coleta de dados</i>	69
4.2.1.1	<i>Delimitação do universo</i>	69
4.2.1.2	<i>Entrevista Sociolinguística</i>	78
4.2.1.3	<i>Descrição da coleta de dados</i>	79
4.2.1.4	<i>Descrição da análise de dados</i>	80
4.2.1.5	<i>Sobre a análise estatística</i>	88
4.2.1.6	<i>Restrições e dados desconsiderados</i>	91
4.3	Síntese do capítulo	95
5	DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	96
5.1	Mapeamento funcional do pretérito imperfeito do indicativo e perífrase imperfectiva de passado	98
5.2	Análise sociofuncional das formas verbais imperfectivas de passado em variação	101
5.2.1	<i>Variação entre o pretérito imperfeito do indicativo e perífrase imperfectiva de passado na função aspectual habitual</i>	102

5.2.2	<i>Variação entre o pretérito imperfeito do indicativo e perífrase imperfectiva de passado na função aspectual progressiva</i>	117
5.3	Síntese do capítulo	129
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	132
	REFERÊNCIAS	139

1 INTRODUÇÃO

Dê-me, Senhor, acerto ao começar, direção ao progredir e perfeição ao concluir.
São Tomás de Aquino

Embora muitos gramáticos contemplem os estudos das formas imperfectivas de passado, como RAE (1983), García Fernández (2004), entre outros autores, estes são explicados de uma forma que se subentende que a língua é homogênea. Porém, de acordo com o viés sociolinguístico, consideramos que a língua é heterogênea, pois há variações dessas formas de acordo com o contexto em que estão inseridas e motivações de natureza diversa, como linguísticas e extralinguísticas.

Conforme Coseriu (1976), há quatro tipos de variações linguísticas: as diatópicas (variantes regionais, que diferem de acordo com o espaço geográfico); as diastráticas (variantes de distintos grupos sociais, que variam em função dos aspectos sociais em etnia, sexo, escolaridade etc.); as diafásicas (diferenças linguísticas utilizadas em situações formais ou informais) e as diageracionas (que concernem às variantes linguísticas que aparecem em função da faixa etária). Nesse sentido, seria oportuno desenvolver um estudo sobre variação linguística, especialmente em relação às formas verbais imperfectivas de passado do espanhol oral de Granada de acordo com o contexto em que estão inseridas, pois é escassa a abordagem dessas formas.

Dentre os motivos que colaboraram para a escolha de Granada é, principalmente, por termos tido uma experiência na própria comunidade de fala em determinadas situações que causaram curiosidade na variação linguística das formas em estudo. Percebemos que as entrevistas sociolinguísticas de Granada continham muitas ocorrências de variação entre o pretérito imperfeito do indicativo e as formas perifrásticas, o que viabilizava o estudo pensado. Essa ocorrência significativa constitui um fator relevante para seleção da referida comunidade de fala. Vale ressaltar que há muitos estudos sobre a variação das formas verbais imperfectivas de passado em narrativas escritas, porém pouca ocorrência, quando se trata do mesmo assunto em narrativas orais.

A imperfectividade é uma das formas da constituição interna verbal de uma determinada situação. Essas formas dependem da dinâmica interna do verbo e da escolha do falante, utilizando um ponto de vista, seja ele interno ou externo, para dar foco a uma ação. O falante pode focar em duas perspectivas de aspectos, uma delas, o aspecto imperfectivo, que só pode ser percebida parte da situação, isto é, não é possível perceber seu início e nem seu fim. Segundo Alcântara (2010), o imperfectivo seria durativo, difuso e não-delimitado. O

trabalho está focado em todas as perífrases imperfectivas de passado e no pretérito imperfeito do indicativo, havendo variação entre as duas formas. Vale ressaltar que algumas formas não são intercambiáveis em contextos semelhantes, assim, não havendo variação. Desse modo, serão consideradas algumas perífrases, as quais possibilitam essa intercambialidade.

Em relação a essa temática, há os estudos de Freitag (2007) e de Albuquerque (2015) sobre o Português e, ainda, de Pontes (2012) cujos dados provêm de contos escritos em espanhol. Podemos citar ainda os estudos de Silva (2015), que expõe, em um dos seus trabalhos, o aspecto do passado imperfectivo, mais especificamente o pretérito imperfeito e a perífrase de passado no espanhol mexicano. Formas que podem concorrer dependendo da situação. Coan e Pontes (2014) abordam, em um dos seus estudos, o tema que trata sobre a variação entre o pretérito imperfeito e as perífrases imperfectivas, porém este trabalho aborda sobre variações na narrativa escrita no espanhol. Quanto aos estudos que se referem às perífrases imperfectivas de passado em espanhol, segundo Genta (2008), os usos e as funções das formas em estudo são poucos abordados em pesquisas. A grande maioria das pesquisas trata deste tema de forma teórica, quanto a sua natureza categórica e formal. Há exemplos desses estudos mais teóricos, tais como: Lenz (1935), RAE (1983), Gómez Torrego (1988) e Alarcos Llorach (1994).

Alguns autores incluem em seus estudos o pretérito imperfeito em espanhol, tais como Garcés (1997) e Muñoz e Soto (2000), considerando que essa forma indica uma ação no passado, porém não informam seu início e nem o seu fim. Ainda sobre o pretérito imperfeito, García Fernández (2004) tem exposto o panorama mais específico do fenômeno pretérito imperfeito, dando base a um estudo mais aprofundado. De acordo com os estudos expostos, percebemos que faltam análises provenientes de narrativas orais, pois o estudo das formas imperfectivas de passado, quanto à variação, é mais recorrente quando referido a textos escritos.

É necessário não só um estudo com viés sociolinguístico, mas também com viés funcionalista, pois nos possibilitará um estudo da variação linguística referente às funções que umas formas aspectuais imperfectivas de passado codificam, em dadas situações comunicativas. Desse modo, nosso estudo tem a base teórica sociofuncional. A partir do estudo do fenômeno de variação entre as formas em estudo, consideramos que a coocorrência destas está ligada aos contextos prototípicos de uso, o que ainda reforça o estudo sob viés sociofuncional. Explanemos, a seguir as bases teóricas.

Além dos estudos das formas imperfectivas apresentadas, estudaremos a Sociolinguística que é abordada por autores como Labov (1972a, 1978, 1994, 2001, 2003,

2010), precursor da Sociolinguística Variacionista; como Coseriu (1976) sobre as classificações das variações (diatópicas, diastráticas e diafásicas) e também autores espanhóis que tratam sobre a Sociolinguística, como Beatriz Lavandera (1978) e Silva-Corvalán (2001). Essas abordagens sociolinguísticas também estão presentes em Cavalcante (2014), entre outros autores.

Concernente aos estudos funcionalistas, há trabalhos de Givón (1984, 1990, 1995, 2001 e 2005) que contribuirão com seus pressupostos teóricos como uma das bases para o estudo das formas imperfectivas. Em relação ao complexo TAM (Tempo, Aspecto e Modalidade), assunto também presente em nossa pesquisa, podemos citar Pontes (2012), pois, em sua tese, identificamos alguns fenômenos tratados na pesquisa, tais como: considerações teóricas sobre as categorias verbais Tempo, Aspecto e Modalidade; exposição das características da Sociolinguística e algumas considerações do programa a ser utilizado para submeter os dados a tratamento estatístico, Goldvarb (2005). Com o objetivo de agregar as perspectivas sociolinguística e funcional, para esta pesquisa, consideramos o casamento teórico, Sociofuncionalismo, conforme Tavares (2003).

Em suma, os pressupostos teóricos que oferecem suporte a esta dissertação pertencem a Labov (1972a, 1978, 1994, 2001, 2003, 2010), Beatriz Lavandera (1978), Silva-Corvalán (2001), Company Company (2003), López Morales (2004) e Blas Arroyo (2005), Givón (1984, 1990, 1995, 2001 e 2005) e Tavares (2003). Uma vez que seus estudos e princípios, principalmente referentes às variantes linguísticas e aos grupos de fatores que as controlam, estão ligados às comunidades de fala, trouxeram contribuições relevantes à identificação da variação linguística e suas motivações linguísticas e extralinguísticas.

Esta pesquisa propõe a análise de dados de fala de granadinos. Desse modo, pode-se aproximar o estudo do espanhol ao uso real de seus falantes, pois é mostrada uma faceta da fala granadina da atualidade. Para o desenvolvimento da pesquisa, utilizamos dados de entrevistas sociolinguísticas do *Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América* (PRESEEA – Granada). Foram coletadas 36 das 54 entrevistas, de acordo com a escolha das variáveis de estratificação: 3 níveis de instrução X 3 grupos de idade X 2 sexos X 2 informantes por célula. O objetivo central desta pesquisa sobre as formas verbais imperfectivas do espanhol é analisar, à luz de pressupostos sociofuncionalistas, o fenômeno de variação linguística entre o pretérito imperfeito do indicativo e perífrases imperfectivas no espanhol oral granadino, levando em consideração motivações linguísticas e extralinguísticas. Os objetivos específicos que norteiam este trabalho são: (i) mapear as funções Aspectuais imperfectivas das formas verbais imperfectivas de passado no espanhol

oral granadino que estejam em variação; (ii) examinar, nas funções que apresentam variação, os condicionamentos linguísticos (tipos de verbos, sequência discursiva nas entrevistas sociolinguísticas, presença ou ausência de modificadores aspectuais, tipo de frase e Modalidade – *realis* x *irrealis*), considerando o princípio de marcação e (iii) investigar a influência dos fatores extralinguísticos, como: sexo, idade e nível de instrução. Concernente às hipóteses da presente pesquisa, hipotetizamos que os condicionamentos linguísticos determinam ou influenciam a variação das formas verbais imperfectivas de passado e os condicionamentos extralinguísticos influenciam na variação das formas verbais em estudo.

Logo após estudos que já foram realizados a respeito das formas imperfectivas de passado, percebemos que o diferencial de nossa pesquisa consiste em uma análise Sociofuncionalista das formas imperfectivas de passado do espanhol e tem como base de dados um *corpus* oral. Além do exposto, a pesquisa será feita levando em consideração o Tempo, Aspecto e Modalidade das formas imperfectivas de passado, além de aproximar o estudo do espanhol ao uso real de seus falantes, pois é exposta uma faceta da fala granadina da atualidade. Desse modo, podemos fazer uma ampla análise em torno da variação que ocorre entre o pretérito imperfeito do indicativo e as perífrases imperfectivas de passado.

Buscamos preencher a lacuna da falta de estudos com *corpus* oral sobre o fenômeno em estudo, pois uma abordagem sociofuncional do tema tratado traria benefícios às pessoas que desejam se aprofundar no assunto e no entendimento dos usos das variantes aqui propostas em narrativas orais. Escolhemos o viés sociolinguístico variacionista, uma vez que Labov (2001) defende que a análise da variação linguística não constitui de uma simples descrição da gramática, mas uma descrição da língua que vai além dos manuais de gramática, englobando os usos linguísticos oriundos do contexto social de interação verbal. Muitas das explicações que existem sobre o tema abordado, as formas imperfectivas de passado do espanhol, são elaboradas de maneira formal ou categórica, com funções e papéis abordados de maneira fixa nas gramáticas, assim, não consideram em seus trabalhos a heterogeneidade linguística: Lenz (1935), RAE (1983, 2009), Gómez Torrego (1988) e García Fernández (2004). Com esses tipos de abordagens feitas nas gramáticas, percebe-se que é necessário um estudo também funcional no que tange ao estudo das funções que as formas podem desempenhar em uma situação comunicativa.

A Sociolinguística estuda a língua a partir do seu contexto social, com o objetivo de descrever como os fatores linguísticos e extralinguísticos influenciam os fenômenos de variação e mudança que dizem respeito às línguas. A partir desta perspectiva, analisaremos a noção de regra variável e os condicionamentos para o uso das formas em questão (imperfeito

vs. perífrases). As formas imperfectivas em análise podem assumir várias funções no enunciado e, considerando as funções, é provável que haja variação de acordo com as mesmas. Assim, leva-nos a considerar os condicionamentos linguísticos e extralinguísticos que motivam a variação das formas imperfectivas de passado. Para ampliar os estudos do fenômeno em questão, será também aportado o princípio de marcação, pois pode influenciar o comportamento das formas em variação.

Dada a importância dos princípios da Sociolinguística e a escassez de trabalhos que analisem à luz dessa abordagem as formas imperfectivas de passado do espanhol em um sistema verbal, esta pesquisa deter-se-á em tentar preencher a lacuna teórica existente, na intenção de entender a variação linguística no que diz respeito às formas imperfectivas de passado do espanhol oral, visto que os poucos estudos, com viés sociolinguístico dessas formas encontradas, são de textos narrativos escritos. Pretendemos, no entanto, ampliar os estudos sobre o pretérito imperfeito do indicativo e as perífrases imperfectivas de passado com análises do espanhol oral da cidade de Granada, por meio do *Corpus PRESEEA* – Granada.

Os resultados oriundos da pesquisa objetivam não só contribuir com a descrição do espanhol oral da cidade de Granada, como também visam subsídios descritivos acerca do funcionamento do passado imperfectivo para livros didáticos e gramáticas pedagógicas. Além disso, poderemos comparar os resultados com outros estudos realizados com *corpus* escrito de espanhol, tais como o de Pontes (2012).

Visando estudar as formas verbais imperfectivas de passado do espanhol oral de Granada, pretérito imperfeito do indicativo e as perífrases imperfectivas, analisamos o fenômeno de variação entre as formas supracitadas de acordo com os fatores linguísticos e extralinguísticos. Para isso, esta dissertação apresenta cinco capítulos. O primeiro capítulo é constituído pela introdução. No segundo capítulo, tratamos da fundamentação teórica, ou seja, os princípios teóricos que sustentam a análise da variação linguística em estudo. Neste capítulo, são expostos os fundamentos teóricos da Sociolinguística variacionista e do Funcionalismo linguístico, os quais, a partir de um casamento teórico, dão origem ao Sociofuncionalismo. No terceiro capítulo, explanamos sobre as formas imperfectivas de passado e as categorias Tempo, Aspecto e Modalidade. No quarto capítulo, de natureza metodológica, expomos o *corpus* de modo detalhado, para isso, apresentamos o contexto da pesquisa, os métodos de procedimentos utilizados (procedimentos para a coleta de dados, delimitação do universo, explicação da entrevista sociolinguística, descrição da coleta de dados, descrição da análise de dados, explanação sobre a análise estatística e, por fim, as

restrições e dados desconsiderados). No capítulo seguinte, o quinto, é apresentada a descrição e análise dos resultados obtidos. O quinto capítulo é seguido pelas considerações finais do trabalho, conclusões a que chegamos e, por fim, as referências bibliográficas.

Neste primeiro capítulo, introdução, a temática da pesquisa foi apresentada e contextualizada, também, apresentada a configuração do fenômeno em estudo. Além disso, a pesquisa foi justificada. Destacamos alguns autores que trabalharam com as formas verbais, como, nos estudos do pretérito imperfeito do indicativo, Garcés (1997), Muñoz e Soto (2000) e García Fernández (2004) e para a forma perifrástica, Genta (2008), entre outros pesquisadores que colaboram com o estudo. Ainda, expomos as teorias de base, tais como: Labov (1972a, 1978, 1994, 2001, 2003, 2010), Beatriz Lavandera (1978), Silva-Corvalán (2001), Company Company (2003), López Morales (2004) e Blas Arroyo (2005), Givón (1984, 1990, 1995, 2001 e 2005) e Tavares (2003). Também, apresentamos a motivação do *corpus* e os objetivos que nortearam esta pesquisa, a saber: (i) mapear as funções Aspectuais imperfectivas das formas verbais imperfectivas de passado no espanhol oral granadino que estejam em variação; (ii) examinar, nas funções que apresentam variação, os condicionamentos linguísticos, considerando o princípio de marcação e (iii) investigar a influência dos fatores extralinguísticos. Ainda, expomos as hipóteses. Por fim, apresentamos a relevância de nosso trabalho.

2 SOCIOFUNCIONALISMO

Non há lugar para a sabedoria onde não há paciência.
Santo Agostinho

No presente capítulo, será apresentada a fundamentação teórica que sustenta a análise da variação linguística das formas imperfectivas de passado do espanhol (pretérito imperfecto do indicativo e perífrases). Haverá uma apresentação da teoria de base do presente estudo, a qual fornecerá os pressupostos à análise do fenômeno em questão. Procedente a essa etapa, exporemos considerações sobre as formas imperfectivas de passado do espanhol, presentes em gramáticas e livros didáticos e, também, os estudos linguísticos sobre o mesmo tema.

2.1. Teorias de base

Nesta seção, são apresentadas as teorias de base, as quais têm como função nortear a análise da variação linguística entre formas imperfectivas de passado do espanhol, a Sociolinguística variacionista, a qual tem como principal representante Labov (1972a, 1978, 1994, 2001, 2003, 2008, 2010). Podemos mencionar, ainda, outros sociolinguísticos, a saber: Beatriz Lavandera (1978), Silva-Corvalán (2001), Company Company (2003), López Morales (2004), Blas Arroyo (2005). Em relação ao Funcionalismo linguístico, tomamos como base os pressupostos de Givón (1984, 1990, 1993, 1995, 2005) e, também, o casamento teórico entre essas duas abordagens, conhecido como Sociofuncionalismo, conforme Tavares (2003).

2.1.1 Sociolinguística variacionista

Consolidada a partir de um congresso na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), na década de 60, a Sociolinguística é um dos ramos da Linguística. Dentre tantos estudiosos, um dos participantes foi William Labov. Labov (1972a, 1978, 1994, 2001, 2008, 2003, 2010) é o principal representante dessa área de estudos da linguagem. A corrente teórica que parte dos estudos de William Labov tem como característica considerar a variação como propriedade inerente aos sistemas linguísticos. A Sociolinguística Variacionista surgiu como uma reação à corrente linguística proposta por Chomsky na década anterior, a qual propunha a existência de um falante-ouvinte ideal que pertencia a uma comunidade linguística de caráter homogêneo.

O surgimento da Sociolinguística Variacionista decorre de um cenário de características que vão contra ou a favor de seus pressupostos teóricos. O estruturalismo é uma episteme que se desenvolveu a partir dos estudos de Saussure, nele a língua é considerada como uma estrutura, na qual se estudam os fenômenos. Assim, Saussure, de um ponto de vista diferente, estuda a língua sincronicamente como um sistema em que os elementos se definem por outros elementos que não sejam eles próprios, ou seja, se definem pelos demais elementos. Uma das características peculiares do estruturalismo saussuriano é afirmar que “o único e verdadeiro objeto da linguística é o sistema linguístico (la langue) focalizado nele mesmo e por ele mesmo” (LYONS, 1987, p.205). Para Saussure, a língua é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo e existe em virtude de uma espécie de contrato entre os membros da comunidade e é de natureza homogênea. É um sistema abstrato e regido por leis próprias e autônomo. A fala é considerada a parte individual da linguagem, no entanto, ela é multifacetada e heterogênea. Por ela, o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir o seu pensamento, o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas combinações. A fala seria uma execução individual, um ato individual de vontade e inteligência, diferente da língua que é um produto que o indivíduo possui passivamente sem poder premeditar nela. Logo, quando se separa língua da fala separa-se, também, o social do que é o individual. Para Saussure, a língua, por ser homogênea e, por isso, sistemática, diferentemente da fala que é heterogênea e assistemática, é mais acessível para um estudo mais organizado. Portanto, para o mestre genebrino, a fala é excluída de sua análise, pois é heterogênea.

Ainda na década de 60, nasce outra corrente linguística, o Gerativismo, cujo precursor é Noam Chomsky. Assim como no Estruturalismo, no Gerativismo, toma-se a língua como um sistema homogêneo. Os conceitos estudados nessas correntes linguísticas são debatidos por linguistas que consideram o estabelecimento de uma relação entre a língua e sociedade. Conforme Chomsky (1965), membro da escola gerativo-transformacional, o objeto de estudos linguísticos é a competência linguística de um falante-ouvinte ideal e que pertence a uma comunidade de fala que tem como característica ser homogênea. Porém, segundo Tarallo (2007), falante-ouvinte não parece ser falante-ouvinte e nem ser ideal, visto que, no contexto em que o indivíduo está inserido percebe-se que a língua falada é heterogênea e diversificada. Para Weinreich, Labov e Herzog (1968), a ausência do caráter heterogêneo da língua seria disfuncional. Para os autores, a questão fundamental de uma teoria da mudança linguística é entender, mesmo que em períodos que há pouca sistematicidade, como é a eficiência do funcionamento da língua. Um modo encontrado para sanar o problema pelos

autores foi a dissociação entre os conceitos de estruturalidade e homogeneidade. Segundo Silva-Corvalán (2001), o fato de estudar a língua como um fenômeno social leva a rechaçar o seu caráter homogêneo exposto no conceito de homogeneidade, conceito esse que é ferramenta analítica básica para os linguistas do estruturalismo. Esse rechaço dá espaço para o conceito que se adéqua melhor ao sistema heterogêneo, ainda que a estrutura seja funcional.

Estão presentes nos estudos de Labov argumentos que, muitas vezes, são contra o ponto de vista estruturalista, que consideravam o sistema linguístico homogêneo. Em um dos seus trabalhos, Labov (1972a) propõe um estudo empírico das comunidades de fala, assim, muda o modo de fazer linguístico. A língua, para os sociolinguistas, é dotada de “heterogeneidade sistemática”. Conforme Labov (2008, p. 13), “existe uma crescente percepção de que a base do conhecimento intersubjuntivo na linguística tem que ser encontrada na fala”: língua utilizada entre cônjuges, amigos e em outras situações comunicativas na vida diária. Labov iniciou seus estudos em Linguística em 1961 com “ensaios em linguística experimental”, que eram desenvolvidos em ambientes sociais corriqueiros, ele percebeu que “existiam diversas barreiras ideológicas para o estudo da língua na vida diária”. Uma dessas barreiras ideológicas era que Saussure (1949) tinha enunciado um estudo separado dos sistemas estruturais do presente e das mudanças históricas, porém foi erodido por Martinet (1995) e outros estudiosos, os quais encontraram estruturas nas mudanças passadas, contudo nas estruturas presentes obteve-se pouco êxito na localização da mudança.

Outra barreira era a afirmação de que a observação da mudança sonora não podia ser de forma direta. Referente à mudança sonora, Blomfield (1933) declara que as flutuações que podem ocorrer seriam caso de empréstimo e para Hockett (1958), enquanto a mudança sonora é rápida, a mudança estrutural é lenta. Dessa forma, nas palavras de Labov (2008, p. 14), “o estudo empírico da mudança linguística estava, portanto, eliminado do programa da linguística do século XX”. A terceira e, talvez, a mais importante restrição é que a variação é livre, ou seja, não podia ser condicionada. Pode-se concluir, então, que a variação de uma estrutura não era estudada linguisticamente e, consequentemente, o estudo da mudança em andamento, também, não era inserido nos estudos linguísticos.

Para a Sociolinguística, a função da língua é social e comunicativa, além de se comportar como um reflexo das diferenças sociais na comunidade de fala, isso pode ser comprovado ao que expõe Labov (1972a, 1983), quando afirma que os processos sociais se refletem na estrutura linguística. Labov mostra que há variação sistemática na língua, a qual procede dos processos sociais que, por ventura, estão fora dela, assim, a variação, que ocorre

na língua, está sendo considerada heterogênea, é como uma realidade social. A variação é estudada com o intuito de entender melhor o sistema linguístico como um todo, também, a sua evolução ao longo do tempo. Nas palavras de Labov (1972a), a preocupação central ao que se refere à variação é com as formas das regras linguísticas que existem e com as restrições que elas sofrem, com a sua combinação nos sistemas linguísticos, assim como a evolução dessas regras e sistemas no decorrer do tempo.

A variação linguística em uma determinada língua pode ser percebida quando houver distintas possibilidades de expressão, ou seja, distintos recursos linguísticos para uma determinada função linguística em uma dada comunidade de fala, de modo que não afetam o processo de comunicação. Segundo Company Company (2003), para a escolha de uma forma linguística em detrimento da outra pode ser considerada a ocorrência em: dois grupos de falantes, em um indivíduo que tem como escolher entre duas estruturas e, dependendo da situação social comunicativa, escolhe uma estrutura em detrimento da outra. Desse modo, uma determinada variação, conforme Tavares (2003):

...implica que para cada enunciado A há um enunciado B que fornece a mesma informação referencial. Alguns membros de uma dada comunidade de fala podem não ser capazes de produzir A ou B com igual competência devido a restrições em seu conhecimento pessoal, mas todos normalmente conseguem interpretar A e B e entender o porquê da escolha de um ou outro por parte de seu interlocutor (TAVARES, 2003, p. 80).

A comunidade de fala¹ diz respeito a um grupo de pessoas que compartilham traços linguísticos, os quais possibilitam a distinção de seu grupo em relação a outros grupos, comunicam-se mais entre si e tem como característica principal o compartilhamento de normas e atitudes frente ao uso da linguagem (LABOV, 1972; GUY, 2000). A noção apresentada por Labov (1972) é ampla, pois o conceito abarca o termo comunidade de fala de um modo geral. Percebendo a necessidade de um refinamento desse conceito, Guy (2000) propôs três características para a comunidade de fala: “características linguísticas compartilhadas”, “densidade de comunicação interna relativamente alta” e “normas compartilhadas”. A primeira característica consiste no uso de sons, palavras ou construções gramaticais na comunidade de fala, ou seja, o uso não vai além de uma determinada comunidade. A segunda diz respeito à frequência da fala do falante com outras pessoas, é mais frequente uma pessoa falar com outra de seu grupo que com uma que não faz parte desse mesmo grupo. Por último, no que tange às normas compartilhadas, verificamos o

¹Esse conceito será utilizado em nossa pesquisa para designar a comunidade de fala de Granada.

compartilhamento das mesmas atitudes quanto ao uso da língua, normas e avaliações em comum diante do uso da linguagem (GUY, 2000).

Apresentado o conceito de variação, partimos agora para os conceitos de variável e variante. Com o intuito de facilitar o estudo sobre a heterogeneidade linguística, Weireich, Labov e Herzog (1968) introduzem a noção de variável linguística, a qual consiste em elemento variável e presente no sistema, sendo controlado por uma regra singular. A variável linguística comporta duas ou mais variantes, as quais, semanticamente, remetem a um mesmo contexto de maneiras diferentes de se dizer a “mesma coisa” (TAVARES, 2003).

Ainda sobre variáveis e variantes, Labov (1978) considera as variáveis linguísticas como regras variáveis, as quais não são bem uma “teoria da linguagem”, pois são construtos capazes de explorar um fenômeno de ordem social, já que a estrutura linguística é influenciada pelos processos sociais. De acordo com Labov (1978), as variantes constituem diversas maneiras de se expressar um determinado estado de coisas. Visando ao ponto de vista metodológico, Mollica (2012, p. 10-11) afirma que as variantes são “formas alternativas que configuram um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente”. A denominação dependência, nesse caso, é por ser controlada por grupos de fatores. Para que haja uma variável é preciso, no mínimo, que duas formas estejam competindo para expressar o mesmo valor referencial. Essa variável sofre pressão de vários fatores, que são as variáveis independentes. Desse modo, a variável pode ser sistematizada e analisada quantitativamente, desde que seja controlada pelas variáveis independentes. Podemos citar como variável dessa pesquisa a expressão do passado imperfectivo, já as variantes são o pretérito imperfeito e a perífrase imperfectiva de passado, as quais dependem das variáveis independentes (fatores linguísticos e fatores extralinguísticos) como, por exemplo, a temática, pois o uso das variáveis dependentes é determinado pelas variáveis independentes.

Conforme Blas Arroyo (2005), a análise da relação probabilística e estatística é umas das principais tarefas da Sociolinguística Quantitativa. Essa análise é entre determinadas variáveis dependentes, as quais são determinadas por fenômenos linguísticos que são objetos que são estudados, observados em determinados casos e entre as variáveis independentes, as quais podem ser linguísticas e extralinguísticas. Na concepção de Labov (2003), o falante apresenta alguma diferença nas regras do nível fonológico e, também, no nível sintático (LÓPEZ MORALES, 2004).

As variantes como duas ou mais formas para um mesmo significado em um mesmo contexto no nível fonológico são facilmente aplicadas, pois nesse nível o conjunto de elementos é relativamente definido, limitado e previsível. Já nos níveis gramaticais mais altos,

é mais complicado, porque os fatores morfossintáticos, semânticos e pragmáticos influenciam nas escolhas gramaticais. Quanto aos estudos no nível sintático em forma de crítica a Weiner e Labov (1977), Beatriz Lavandera (1978) afirma que, cada construção sintática possui seu significado e seria complicado substituir por outra forma sintática sem mudar o valor de verdade. Para a autora, o estudo da variação linguística fica comprometido fora do nível fonológico, com isso, propõe a comparabilidade funcional, cujo significado se condiciona e é ampliado, logo a escolha de uma forma ou outra que se alternam ou se trocam de forma sequencial com o mesmo significado referencial não são livres, mas também nem se condicionam totalmente aos fatores extralinguísticos. Porém, trata-se de uma escolha funcional do falante em detrimento dos propósitos comunicativos deste. A autora propõe que a condição de mesmo significado seja ampliada para o que chama de comparabilidade funcional: a existência em um mesmo espaço de formas alternantes ou a troca sequencial de uma forma por outra com o mesmo significado referencial não são livres e nem totalmente condicionadas por fatores extralinguísticos, mas refletem uma escolha funcional do falante, tendo em vista atender aos seus propósitos comunicativos. É alvo também de crítica por Lavandera “o fato de que muitas formas que estão fora do campo fonológico não sofrem influências sociais ou estilísticas, apenas linguísticas”. (PONTES, 2012, p. 79). É, na comparabilidade funcional que as estruturas, mesmo tendo a mesma função comunicativa, podem não ter o mesmo significado.

Como resposta à crítica exposta, Labov (1978) afirma que as variantes são determinados enunciados que possuem o mesmo significado referencial, ou seja, o autor considera um significado mais restrito, para representar o mesmo estado de coisas. Logo, quando dois enunciados se referem ao mesmo estado de coisas, possuem o mesmo valor de verdade. Vejamos os exemplos expostos por Silva-Corvalán (2001, p. 77), a seguir:

- (1) *Ese era el hombre (0) que estabas hablando **con él** esta mañana.* / Esse era o homem que estavas falando **com ele** esta manhã. (SILVA-CORVALÁN, p. 136, tradução nossa).
- (2) *Ese era el hombre (con) que estabas hablando esta mañana.* / Esse era o homem (com) que estavas falando esta manhã. (SILVA-CORVALÁN, p. 136, tradução nossa).

Os exemplos supracitados consistem na ocorrência variável de um pronome ou frase nominal coreferencial com o antecedente de uma cláusula relativa. Desse modo, a variável possui duas variantes: no exemplo (1) há a ocorrência de um pronome redundante e no exemplo (2) a ausência de um pronome redundante. Assim, foi identificada uma variável linguística, ou seja, duas formas diferentes para comunicar o mesmo estado de coisas.

Silva-Corvalán (2001) reconhece que, ao menos, dois níveis de significado, para nós, interessa o contextual, de semântica-discursiva (valor informacional das entidades) ou pragmática (intenções, inferências), que deriva do uso das formas linguísticas no discurso. Vejamos alguns exemplos expostos por Silva-Corvalán (2001, p. 136):

(3) *Le compraron um CD-Rom a Juan.* / Compraram um CR-Rom para Juan.
(SILVA-CORVALÁN, p. 136, tradução nossa).

(4) *A Juan le compraron um CD-Rom.* / Para Juan compraram um CD-Rom.
(SILVA-CORVALÁN, p. 136, tradução nossa).

(5) *Un CD-Rom le compraron a Juan.* / Um CD-Rom compraram para Juan.
(SILVA-CORVALÁN, p. 136, tradução nossa).

(6) *El CD-Rom se lo compraron a Juan.* / O CD-Rom o compraram para Juan.
(SILVA-CORVALÁN, p. 136, tradução nossa).

Os exemplos (3), (4), (5) e (6) são referencialmente equivalentes, ou seja, representam o mesmo estado de coisas. A variável é a ordem das palavras: o objeto ou complemento direto (OD, CD) y o objeto ou complemento indireto (OI, CI) que, como pudemos perceber, podem ocupar diferentes posições.

Labov (1978) reafirma o princípio da equivalência semântica e coloca em respaldo a necessidade, como variantes de uma regra variável, da aceitação de dois enunciados poderem representar o mesmo estado de coisas, mas sem necessariamente possuírem o mesmo sentido. Seguindo essa linha de raciocínio, podem ser observadas as ocorrências de diferenças, em relação ao sentido, desde que o significado referencial, isto é, o estado de coisas, não seja afetado. Labov faz uma divisão em dois níveis, considerando o primeiro nível composto pelo significado referencial e o segundo por funções de identificação do falante e de acomodação do ouvinte. Dessa forma, Labov (1978) propõe a análise

linguística partindo do primeiro nível, o do significado referencial, e logo, segue para o segundo nível, o das funções de identificação do falante e de acomodação do ouvinte. Conforme Labov (1978), a Sociolinguística não é “sócio” pelo fato de lidar com fatores estilísticos e sociais, mas porque analisa a língua como componente social.

A função referencial predomina na identificação das variantes. Porém, nas funções em que há alternância, do ponto de vista da Sociolinguística laboviana, não se trata de variação e sim de equivalência semântica. Levando em consideração a definição de variantes, de acordo com Labov (1978) cuja consideração amplifica a definição de Nichols (1984), a interface funcionalista considera a definição deste para o termo função/significado, de mesmo significado e mesma função, remetendo ao papel discursivo das variáveis. Não são formas que desempenham funções ou codificam significados, mas é a função/ significado das formas que é depreendida do contexto (GORSKI et al., Freitag 2003, p. 120). Esse avanço foi possível porque o grupo trabalha com a noção estrita de significado, a qual requer a equivalência de significado referencial na caracterização das variantes. A noção de um mesmo significado se estende para uma mesma função. Pode-se concluir que, para além da fonologia, a variável linguística pode ser definida em termos de forma e função.

Dessa forma, o primeiro passo para um estudo de variação nos níveis gramaticais mais altos seria (i) o mapeamento das formas, as quais podem realizar determinada função comunicativa. Em segundo, seria (ii) a análise dos contextos em que essas formas ocorrem que, normalmente, são específicos. Nesse sentido, as formas seriam um ponto de partida, a partir da investigação de suas funções. Podemos citar como exemplo, de acordo com Pontes (2012, p. 32), as funções da forma do imperfeito que podem desempenhar, no espanhol, a expressão do passado imperfectivo com valor de futuro em relação ao passado, como no seguinte exemplo: *Su amigo dijo que mañana se iba de viaje*. (Seu amigo disse que amanhã ia de viagem.).

Em relação às funções comunicativas, ou seja, como um falante pode se utilizar de uma determinada forma, levando em consideração a função comunicativa, podemos mencionar, por exemplo, a função de expressar o passado imperfectivo do espanhol oral granadino que pode ser desempenhada por duas formas: o imperfeito e todas as perífrases imperfectivas de passado. Desse modo, serão consideradas todas as perífrases aspectuais imperfectivas de passado a partir do conceito explicitado de perífrase no capítulo teórico 3.

As variantes podem ser percebidas em situações naturais de contextos de uso da língua, assim, a melhor maneira encontrada para a coleta dos dados é por meio de entrevistas sociolinguísticas, havendo a interação entre o entrevistador e o informante em vernáculo, pois

este possibilita a conversa mais natural. Logo após a coleta, o pesquisador faz a verificação dos fatores ou contextos que influenciam ou determinam o comportamento das variantes. Desse modo, pode ser postulado que a variação linguística não é aleatória, sendo possível estudá-la sistematicamente. Podemos concluir que os grupos de fatores linguísticos, por exemplo, os deste trabalho (nível semântico-lexical, tipos de sequência discursiva, nível sintático-semântico, tipos de frase e modalidade) e extralinguísticos (sexo, idade, nível de instrução) influenciam na estrutura da língua, determinando as variantes (pretérito imperfeito do indicativo e perífrases imperfectivas de passado) e, assim, condicionam a ocorrência de determinadas estruturas.

Podemos perceber, a partir do exposto, que há uma relação estreita entre a estrutura social e a estrutura linguística, visto que os problemas percebidos no sistema linguístico podem ser resolvidos, quando se recorre às variações que provêm do contexto social (CAMACHO, 2001). Partindo desse pressuposto, consideraremos, entre os fatores que podem influenciar na variação das formas em estudo, os fatores extralinguísticos, tais como: o sexo, grau de instrução, idade e temática, como também os contextos de uso. Segundo Labov (2001), os informantes mais velhos e escolarizados tendem às correções gramaticais. Portanto, pode-se inferir que a forma de preferência deste grupo de informantes seria o pretérito imperfeito do indicativo, como assevera Pontes (2012). Para outros autores, como Naro (2012), as pessoas de idade mais avançada tendem a serem mais conservadoras que as mais jovens, já para Votre (2012), os que têm grau de instrução mais elevado tendem a recorrer à gramática tradicional, tendo assim a influência de seus estudos.

As inovações linguísticas em um indivíduo são comuns, sendo assim, constantes. Porém, a mudança linguística ocorre quando uma determinada forma é adotada por uma comunidade de fala e essa forma deve ser aceita ou, pelo menos, entendida pelos membros dessa determinada comunidade de fala. Weinreich, Labov e Herzog (2011) consideram que a variação é o rosto sincrônico da mudança e a mudança é a variação diacrônica, ou seja, a diferença entre esses dois conceitos pode ser evidenciada na escala de tempo.

A mudança linguística, na concepção de Labov (2008, p. 19), parece envolver três problemas, os quais são: “a origem das variações linguísticas; a difusão e propagação das mudanças linguísticas; e a regularidade da mudança linguística.” Desse modo, a origem consiste na existência da variação de uma ou mais expressões na fala de um ou mais falantes. A propagação se dá quando essa determinada variante passa a ser adotada por muitas pessoas da mesma comunidade de fala, ao ponto de se classificar como inovadora e se opor à forma antiga. E, por último, o término que consiste no triunfo de uma das variantes e, assim,

alcança-se a regularidade da mudança linguística. Todavia, há um modelo a que subjazem os três mencionados, a mudança linguística ocorre em tempo e lugar específicos e não em vácuo social.

Na visão de Weinreich; Labov; Herzog (2006), há problemas que devem ser percebidos e observados pelos pesquisadores sociolinguistas, além do mapeamento dos grupos de fatores que influenciam nas estruturas, ocasionando as mudanças. Nesse sentido, eles expõem o problema da transição, do encaixamento, da avaliação e da implementação, que consistem em:

- **Transição:** análise da história de uma língua com o intuito de observar os estágios entre duas formas de língua em distintas épocas em uma determinada comunidade linguística. “Todas as mudanças submetidas ao exame empírico cuidadoso até agora têm mostrado distribuição contínua através de sucessivas faixas etárias da população.” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 122). Assim, entre dois estágios que estejam em processo de mudança se observa o estágio interveniente que expõe um caminho da evolução de uma estrutura A para uma estrutura B. Conforme Labov (2008), o problema da transição consiste no encontro de um caminho, o qual traça a evolução de um estágio de uma mudança linguística a outro, partindo de um estágio anterior. Aspectos como regularidade da mudança linguística, influência gramatical na mudança sonora e movimentos constantes *versus* alterações súbitas e descontínuas compõem o problema da transição.
- **Encaixamento:** encaixe da mudança linguística na estrutura linguística (contexto linguístico) e na estrutura social (contexto extralinguístico). O encaixe das mudanças linguísticas deve ser no sistema linguístico como um todo. Com a necessidade de uma teoria da mudança que tenha fundamentos empíricos sólidos, esses encaixamentos precisam de natureza e extensão para uma teoria mais sólida. Labov (2008, p. 193) pondera que o problema que consiste no encaixamento é “encontrar a matriz contínua de comportamento social e linguístico em que a mudança linguística é levada a cabo”. Contudo, a maneira como esse problema pode ser revolido é descobrindo “as correlações entre os elementos e o sistema não linguístico de comportamento social.” (LABOV, 2008, p. 193);

- **Avaliação:** entendimento dos efeitos das mudanças sob a eficácia comunicativa e avaliação a respeito desses efeitos pelos falantes. Conforme Labov (2008, p. 193), o problema presente na avaliação “são os correlatos subjetivos (ou latentes) das mudanças objetivas (ou manifestas) que foram observadas”. Há duas formas de abordar esse problema: indireta e diretamente. A indireta se dá na correlação das atitudes e aspirações gerais dos informantes juntamente com seu comportamento linguístico, já a direta se dá em “medir as reações subjetivas inconscientes dos informantes aos valores da própria variável linguística” (LABOV, 2008, p. 193). Podemos entender pelo exposto que, de acordo com a exposição da variável linguística em questão, podem ser verificadas as reações subjetivas do informante que dizem respeito a uma determinada variante;
- **Implementação:** é uma resposta ao questionamento de Weinreich; Labov; Herzog (2006), que consiste em saber por que ocorre uma mudança em um determinado aspecto estrutural, em uma determinada língua e determinada época, mas não ocorre em outras línguas a mudança desse determinado aspecto ou, ainda, na mesma língua, mas em uma época diferente. Nesse caso, para Weinreich; Labov; Herzog (2006), o processo da mudança linguística pode envolver tanto a sociedade quanto a estrutura da língua, considerando-se as restrições e os estímulos.

A guisa de conclusão, o que Weinreich; Labov; Herzog (2006) explicam quanto à mudança é que esta tem início quando há a difusão dos traços de variação no subgrupo de uma comunidade de uma forma que tenha significância social. Logo, há o encaixe de uma determinada mudança linguística no sistema e é quando ela começa a se generalizar de forma compassiva a outros elementos constituintes do sistema linguístico. “O avanço da mudança linguística rumo à completação pode ser acompanhado de uma elevação no nível de consciência social e do estabelecimento de um estereótipo social.” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 125). E, para finalizar as etapas dessa mudança, há a consolidação da mesma, esse fato ocorre quando a variável em questão vira uma constante de modo que começa a não possuir uma significância social que antes possuía.

Na concepção de Labov (1972 a), a mudança ocorre quando a variação era uma realização individual, mas que passou a ser adotada na comunidade linguística. Vale ressaltar que toda mudança pressupõe variação, mas nem toda variação virá a ser mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006), pois pode acontecer de uma variação permanecer estável por um considerável tempo, sem chegar a ser uma mudança. Os autores expõem uma síntese do que seria necessário para um estudo da mudança linguística, a qual consiste em postulados, a saber: (i) a variação não possui comportamento aleatório; (ii) a homogeneidade e a estrutura linguística não devem ser associadas; (iii) toda mudança provém da variabilidade e heterogeneidade, mas nem sempre a variabilidade e a heterogeneidade poderão se converter em mudança; (iv) a mudança ocorre em toda a comunidade de fala e não apenas em família, por exemplo; a relação é entre a mudança linguística e a comunidade de fala, assim, não é uma relação entre a mudança linguística e os idioletos isolados; (v) a generalização da mudança não ocorre de modo instantâneo e nem uniforme; (vi) a mudança linguística se relaciona com a atuação de grupos de fatores linguísticos e sociais.

Para Pontes (2012), a mudança é inevitável quando se considera a língua dinâmica e um meio que é constituído por identidade social, assim, “a variação linguística constitui uma realidade concreta na comunicação” (PONTES, 2012, p. 79). Pode-se estudar a estrutura do fenômeno de mudança linguística por meio de várias propostas que surgiram depois dos estudos de Weinreich, Labov e Hergoz (1968), conforme López Morales (2004). Dessa forma, de acordo com Labov (1994), é possível estudar o fenômeno de mudança linguística em dois tempos, a saber: tempo real e tempo aparente:

- **Tempo real:** estudo de uma mudança em curso ou que já esteja efetivada. A forma de contraste dos dados coletados, normalmente, se dá em coleta de dados em diferentes épocas;
- **Tempo aparente:** “estudo do padrão de distribuição do comportamento linguístico através de grupos de gerações diferentes em um dado momento do tempo” (LABOV, 1968). Na concepção de Labov (1994), nesse tipo de estudo, a mudança aparente se realiza de forma que os dados são coletados no momento atual e, logo, relacionam-se variantes com as idades dos informantes. Esse estudo é feito partindo da hipótese de que o falante tem finalizado sua aquisição da língua até o término de sua adolescência, mantendo essa língua intacta durante a vida. Assim, o pesquisador tem como,

a partir dos estudos das coletas de dados atuais, projetar sobre os usos do passado e do futuro de uma determinada comunidade de fala em estudo. “Esta é a visão clássica que propõe a estabilidade do falante, após a puberdade, e a instabilidade da comunidade de fala com o decorrer das décadas.” (PONTES, 2012, p. 80). Podem-se levar em consideração outros estudos quanto ao exposto da estabilidade do sistema linguístico do falante. Por exemplo, Mollica (2007) pondera que pode haver estabilidade na comunidade de fala e instabilidade no sistema linguístico do falante, porém também, pode ocorrer mudança linguística na comunidade de fala do indivíduo e no próprio indivíduo.

Labov (2001) compara a evolução biológica de Darwin e a linguística. O analogismo exposto é o fato de que na linguística também ocorre a seleção natural. Nesse sentido, como na evolução biológica, porém na linguística é a sobrevivência ou preservação de determinada palavra em detrimento de outra, por isso o analogismo mencionado. De acordo com Labov (2001), a variabilidade genética não é condição necessária para a evolução, apesar de ser um importante mecanismo evolucionário biológico. Com a ausência da seleção natural, a descrição por meio da variabilidade é insuficiente para descrever a evolução rápida de espécies variadas e a irradiação de organismos que possuem diferentes estruturas adaptativas. A reformulação de Labov (2001), quanto ao paradoxo de Darwin, é suficiente para explicar as causas para que ocorra a mudança linguística, pois afirma a semelhança entre a evolução das espécies e a evolução da linguagem que consiste na forma, mesmo que o mecanismo da primeira não esteja presente na segunda.

No entanto, Labov (2008) considera que, para se entender o desenvolvimento de uma mudança linguística, é preciso levar em consideração a vida social da comunidade de fala em que ela ocorre, pois as pressões sociais operam frequentemente sobre a língua. Para o autor, conforme o falante muda de posição social, muda, também, o seu comportamento linguístico, logo, é possível que se realize um estudo em análises estruturais que se alternam em relação ao nível funcional. Nesse sentido, a interação social tem um importante papel no processo de mudança linguística (PONTES, 2012). Com intuito de sintetizar as características da Sociolinguística Variacionista, apresentamos um breve resumo, levando em consideração os estudos de Tavares (2003), vejamos:

- Para o estudo da difusão linguística e social da mudança, é importante considerar a frequência das ocorrências, pois uma recorrência possibilita a comparação das formas por meio de um programa estatístico;
- Mudança é um termo que designa a difusão social das inovações. Essa difusão pode ser analisada em grau por meio das distribuições sociais dos itens linguísticos;
- É importante ressaltar as formas de variantes que coexistem em um determinado momento da evolução, de modo que seja possível a investigação desse fenômeno linguístico concernente à variação;
- A mudança decorre da variação, assim é um resultado desta. Para a identificação de uma variação, é necessário que uma variante prepondere sobre as demais e cada variante possua um papel distinto.

Neste trabalho, verificaremos se o que está havendo com as formas em estudo se trata de uma mudança em curso ou uma variação estável. Desse modo, fez-se necessário explicar sobre a variação e mudança. O estudo do fenômeno da mudança linguística será em tempo aparente, o qual considera o comportamento linguístico das gerações em uma faixa de tempo específica.

Por fim, a grande contribuição de Labov foi considerar que o comportamento das formas da língua é motivado pelo social e, também, encontrar um meio de mapear o comportamento de forma metodológica. Referente ao nosso estudo, analisaremos as variantes dependentes (pretérito imperfeito do indicativo e perífrases imperfectivas de passado) que ocorrem em uma determinada comunidade de fala (Granada), observando as relações que se estabelecem com as variantes independentes (fatores linguísticos e fatores extralinguísticos).

2.1.2 Funcionalismo linguístico

O início da Linguística moderna, normalmente, é considerado a partir da publicação do *Cours de linguistique générale* de Saussure, em 1916, obra organizada a partir de anotações de aulas dos alunos de Saussure. Saussure (2012) apresenta a língua como um sistema de signos, ou seja, um conjunto de unidades que se relacionam dentro de um todo. Assim, para Saussure (2012), a língua consiste em um produto, o qual é social, da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, que são adotadas pelo corpo social com o intuito de permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Também, propõe a

distinção entre *langue* e *parole*, porém toma como objeto de estudo a primeira, a qual é a língua e tem como característica a homogeneidade. Com as ideias expostas desse estudioso, algumas escolas as assimilaram. Dessa forma, foram três as escolas estruturalistas: a Escola de Praga, que tinha como principais estudiosos Trubetzkoy e R. Jakobson; a Escola de Copenhague, a qual foi fundada por L. Hjelmslev; e a Escola Americana, que tinha à frente L. Bloomfield e Z. Harris. Deve-se considerar que a Escola de Praga não enfatizou a língua como um sistema autônomo e, ainda, acrescentou, em seus estudos, a noção de função.

As primeiras considerações funcionalistas surgem na Escola de Praga, que teve origem no Círculo Linguístico de Praga, o qual foi fundado em 1926 por Vilém Mathesius. O funcionalismo linguístico é uma corrente teórica composta por estudiosos que consideram a língua como um instrumento de interação social e que a gramática é motivada pela pressão do uso (NEVES, 2004). A abordagem dessa teoria se caracteriza como uma investigação de como os falantes conseguem comunicar-se de modo eficiente e com rechaço ao princípio de autonomia da sintaxe. No funcionalismo, há diferentes escolas como: Funcionalismo praguense, desenvolvido pelos estudiosos pertencentes ao Círculo linguístico de Praga – Jakobson, Mathesius, Trubetzkoy, entre outros membros do Círculo; Funcionalismo norte-americano, com Givón, Hopper e Thompson, etc e o Funcionalismo Holandês, com Dik, Hengeveld, entre outros (NOGUEIRA, 2006). Segundo Nogueira (2006), a distinção das vertentes funcionalistas se dá pelo nível de generalização e abstração das propostas teóricas, também, por aspectos como os temas que investigam, entre outros.

Para Furtado da Cunha (1998, p. 159), “esses linguistas se opunham à distinção nítida entre sincronia e diacronia, assim como à noção de homogeneidade do sistema linguístico.” Assim, há uma reação, nessa vertente, aos princípios do estruturalismo. O funcionalismo tem como foco a “competência comunicativa” do falante. Segundo Neves (2004, p. 2), o estudo da competência comunicativa “implica considerar as estruturas das expressões como configurações de funções, sendo cada uma das funções vista como um diferente modo de significação na oração”. Podemos concluir que a língua, levando em consideração que a língua é um sistema não-autônomo, contrariamente ao estruturalismo que a considera autônoma de dependências internas, não pode ser descrita sem referência a parâmetros como processamento mental e cognição, interação social, variação e mudança, evolução e aquisição (NEVES, 2004).

De acordo com estudos funcionalistas, há variações dessas formas de acordo com o contexto em que estão inseridas e motivações de natureza diversa, como linguísticas e extralinguísticas. Para os linguistas da Escola de Praga, a língua é considerada como um

sistema funcional, pois tem como caráter a sua utilização para um determinado fim (CUNHA; OLIVEIRA e MARTELOTTA, 2003). Na visão de Nichols (1984), a função consiste em um termo polissêmico e não constituída por homônimos. Assim, o termo possui sentidos que se relacionam com a dependência de um elemento estrutural com outros elementos que sejam de uma outra ordem ou domínio. Os sentidos, também, relacionam-se com o desempenho do papel de um determinado elemento estrutural no processo comunicativo.

Cunha, Oliveira e Martelotta (2003) apresentam uma divisão dos estudos linguísticos em dois pólos, a saber: o pólo formalista e o pólo funcionalista. O primeiro consiste em focar na forma linguística, assim, a sua função fica em segundo plano, considera a língua como um objeto de caráter autônomo, ou seja, uma estrutura que não depende das situações comunicativas reais em uma comunidade de fala. A segunda, o pólo funcionalista, já objetiva o caráter funcional da língua, ou seja, a função da forma linguística na situação comunicativa está em primeiro plano, assim, a língua é tomada como um instrumento de comunicação que é maleável às pressões que podem ocorrer nas diversas situações comunicativas reais. Logo, estudiosos, que fazem parte do funcionalismo como Sandra Thompson, Paul Hopper e Talmy Givón, consideram que a linguística deve ter como ponto de vista a análise da língua, a partir de um determinado contexto linguístico e de uma determinada situação extralinguística.

Givón (1995) assevera que a linguística estrutural possui três características, as quais são: a arbitrariedade do signo linguístico; a distinção entre *langue* e *parole* e, por fim, a dicotomia diacronia e sincronia quanto a sua divisão. Com a finalidade de refutar essas características, Givón (1995) defende a correlação natural entre um código linguístico e o seu *designatum*, ou seja, o conteúdo e, também, dá relevância ao discurso individual, o qual pode sofrer constantes transformações, sendo considerado como um corpo que pode ser moldado. Nesse sentido, o sistema é usado como um suporte para uso de formas do discurso, pode-se concluir então que a língua é inseparável da fala. Conforme Cunha, Oliveira e Martelotta (2003), o Funcionalismo norte-americano introduz uma visão de mudança, a qual consiste em uma forma pancrônica, que observa as ações das forças cognitivas e comunicativas no indivíduo que esteja inserido em um momento concreto de comunicação linguística.

A proposta funcionalista de Givón, segundo Neves (2004, p.15):

...se fixa particularmente no postulado da não autonomia do sistema linguístico, na concepção da estruturação interna da gramática como um organismo que unifica sintaxe, semântica e pragmática (sendo a sintaxe a codificação dos domínios funcionais que são: a semântica, proposicional e a pragmática discursiva) e no exame dos Aspectos icônicos da gramática.

Com base na visão funcionalista da língua, Givón trabalha com princípios, destacamos os princípios da iconicidade e o de marcação, que são os estudos mais comuns, porém somente a marcação servirá de base para a análise da variação em estudo, formas imperfectivas de passado do espanhol. Givón (1991, p. 99) compara a iconicidade na língua e na biologia. Quando afirma que a iconicidade do código biológico reflete o plano/estrutura biológico, o qual é baseado na função, já a evolução biológica é adaptativa ou guiada pela função. Porém, não há como emparelhar todos os elementos estruturais e funções específicas, posto que, na biologia, não há a porcentagem total de iconicidade, mas é possível que seja feito um emparelhamento em estágios prévios da evolução ou no desenvolvimento embrionário.

Os trabalhos de Givón (1990, 1995, 2001, entre outros) tentam expor explicações gramaticais, a partir de busca de parâmetros motivados de forma comunicativa e cognitiva. Givón (1995) defende que a gramática não é arbitrária. Para isso, propõe princípios como:

- **Princípio da correlação icônica** que é composto por duas afirmações:
 - (i) a existência de uma relação entre a forma e o significado;
 - (ii) a relação entre as formas gramaticais com a função semântica ou pragmática de uma determinada forma não arbitrária (icônica).

- **Princípio da falácia reducionista da arbitrariedade**, quando a estrutura não é totalmente arbitrária, ela deve ser totalmente icônica (GIVÓN, 1995, p. 10).

Os subprincípios icônicos são três, a saber:

- (i) **Quantidade:** correlação entre a quantidade de informação e a quantidade de codificação, ou seja, quanto maior a quantidade de informação, maior é a quantidade de forma;
 - (7) **Exemplo:** belo > beleza > embelezar > embelezamento.
(FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2016, p. 24).

- (ii) **Integração:** os conteúdos que estão mais próximos cognitivamente, estarão mais integrados no nível de codificação, ou seja, quando se está próximo mentalmente é também apresentado na sintaxe de uma maneira próxima;

- (8) **Exemplo:** a. Ana prometeu sair.
 b. Ana prometeu que sairia.
 c. Ana prometeu que ele sairia.
 d. Ana disse que ele sair.
 e. Ana disse que ele saísse.
 f. Ana disse: “saia”! (FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2016, p. 24).

(iii) **Topicalidade:** quando uma informação é importante, ela tende a ocupar o primeiro lugar na cadeia sintática, assim, em um discurso de um falante a ordem na sintaxe deixa em evidência a ordem de importância, por exemplo, colocando a informação velha antes da nova.

- (9) **Exemplo:** *Ele comprou um carro novo.* (FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2016, p. 24).

Conforme Givón (1990), a não-arbitrariedade pode ser encontrada em estruturas do nível sintático, quando, por exemplo, em uma narração de sequência de ações se ordena as cláusulas de acordo com a sequência dos fatos que ocorreram e não de maneira arbitrária. Givón, também, expõe a meta- iconicidade que consiste em categorias que são estruturalmente marcadas, também, serem marcadas substantivamente. Essa expressão provém de uma afirmação de Bolinger (1977 apud GIVÓN, 1990) que consiste em expor que a preservação tanto de uma forma para um significado, quanto de um significado para uma forma, é condição natural da linguagem. Cunha, Oliveira e Martelotta (2003), entretanto, afirmam que, quando se estuda a variação e a mudança, percebe-se a presença de duas ou mais formas de se dizer o mesmo estado de coisas.

Outro princípio apresentado por Givón (1990) é o princípio de marcação, o qual consiste na ideia de que uma estrutura marcada é de uma maneira estrutural mais complexa e uma não-marcada apresenta uma estrutura mais simples. Conforme o autor, a marcação deve ser considerada em determinado contexto dependente, pois dependendo do contexto uma mesma estrutura pode ser marcada ou não-marcada. Os termos marcados e não-marcados foram introduzidos na linguística pela Escola de Praga. A ideia desses termos é o contraste que há em uma determinada categoria, seja ela fonológica, morfológica ou sintática. Quando há dois elementos e um apresenta uma propriedade que é ausente no outro elemento, o que possui essa propriedade é considerado marcado, ou seja, elementos que são mais marcados

são estruturalmente mais complexos, e os menos marcados são mais simples (GIVÓN, 1995, p. 25).

Para a distinção de uma categoria marcada e uma não-marcada Givón (1995, p. 947) apresenta três subcritérios:

- (i) **Complexidade estrutural:** quando se afirma que a estrutura marcada é mais complexa e maior que a estrutura não-marcada;
- (ii) **Complexidade distribucional:** quando a frequência da categoria marcada é menor que a da não-marcada;
- (iii) **Complexidade cognitiva:** a qual diz respeito à atenção ou tempo de processamento maior no que tange a uma categoria marcada.

Conforme Dubois e Votre (2012, p. 57), “o princípio de marcação é cognitivamente motivado, em termos do esforço associado às tarefas de codificação e decodificação.” A marcação é considerada como uma categoria analítica que proporciona um melhor trabalho quanto à existência de assimetrias entre estruturas de constituintes, tanto entre constituintes quanto em seu interior (DUBOIS E VOTRE, 2012).

Quando o objetivo é estabelecer o equilíbrio cognitivo, a marcação pode atuar de acordo com o princípio de expressividade retórica, proposto por Dubois e Votre (1994). O equilíbrio cognitivo textual pode existir quando uma forma marcada tende a ocorrer em contextos menos marcados e formas menos marcadas em contextos mais marcados. Essa premissa parte da afirmação de Dubois e Votre (1994) de que é preciso repensar sobre o princípio de marcação referente à complexidade cognitiva, no sentido de que não é um aumento de cadeia que, necessariamente, haverá aumento das tarefas de decodificação.

Givón (1990) afirma que o pretérito, *realis*, pontual e compacto tende a ser mais frequente no discurso, porém, como apresentado anteriormente, é de acordo com o contexto dependente, por exemplo, tendo como dependência a sequência discursiva. Conforme Givón (1990), outros gêneros podem apresentar diferentes distribuições para a marcação, como um discurso que tende a ser orientado para um tempo habitual, o qual é subcategoria do imperfectivo-durativo e do *irrealis*. Em relação à sequencialidade, pode não haver obediência das estruturas referente à ordem da ocorrência das ações. Desse modo, trata-se de uma estrutura marcada. Nesse caso, o que obedecesse à sequência seria não-marcado e o que estaria fora de sequência, seria o marcado.

No que tange à relevância da estrutura, os eventos que já ocorreram são os mais relevantes em referência às propriedades de percepção e de memória humanas, segundo o autor. Assim, estados ou eventos, que podem ser diretamente testemunhados, são mais fáceis de se recuperar do que os estados ou eventos que não foram testemunhados, por exemplo, um passado memorizado (não-marcado) é mais saliente que um futuro (marcado), pois o passado é uma lembrança.

Quanto à marcação das modalidades² *realis* e *irrealis*, Givón (1990) considera a *realis* como não-marcada e a *irrealis* como marcada. O status cognitivo não marcado referente à modalidade *realis* é, provavelmente, embasado nos fatores cognitivo e sociocultural. Se a modalidade *realis* tem a característica de não ser marcada, então, deve ser levado em consideração que os eventos ocorreram em um tempo e espaço reais, ou, ainda, estão ocorrendo simultaneamente ao tempo de fala, ou seja, estão mais salientes na mente que os eventos que não ocorreram ou que ainda vão ocorrer, em outras palavras, que ocorrerão em um futuro hipotético (GIVÓN, 1990).

Para Pontes (2012), os princípios de marcação e de iconicidade podem ajudar a explicar o uso de formas imperfectivas considerando: a complexidade estrutural no que tange ao imperfeito ou perífrases; a distribuição de frequência (de acordo com os planos discursivos); complexidade cognitiva em relação à ordenação e à presença de modificadores aspectuais; quantidade de informação presentes no imperfeito ou perífrases; integração que ocorre nas perífrases e ordenação linear no que diz respeito à posição das formas imperfectivas de passado em relação aos demais constituintes da oração em que estão inseridas.

Na presente pesquisa, podemos tomar como pressuposto, em um estudo sincrônico, a percepção apenas quanto à mudança em curso. O princípio de marcação ajudar-nos-á nas análises e a chegar a uma conclusão mais eficaz dos dados obtidos.

2.1.3 Sociofuncionalismo

Posteriormente ao que foi apresentado sobre Sociolinguística e Funcionalismo, podemos verificar que pode haver convergência nos dois referenciais teóricos. Percebe-se que possuem como características semelhantes: a descrição e a explicação da língua a partir de seu contexto de uso, em situações comunicativas reais, levando em consideração a interação dos

²Esse conceito será explicitado na seção 5.2.1.3 Categoria Modalidade.

falantes que participam de determinado contexto de uso, os seus propósitos de interação e o entorno sociocultural que acaba tendo influência nos interlocutores que fazem parte dessa determinada situação comunicativa (BRITO, 2013).

O estudo das formas imperfectivas de passado do espanhol será baseado nos pressupostos teóricos funcionalistas e sociolinguísticos. Conforme Tavares (2003), as duas teorias (Funcionalista e Sociolinguística) têm pontos comuns, o que possibilita um casamento teórico, conhecido como Sociofuncionalismo. Esse casamento teórico não se trata de uma soma ou combinação dos pressupostos teóricos-metodológicos, mas do estabelecimento de pressupostos por meio de diálogos entre os dois modelos em estudo mesmo havendo algumas diferenças (TAVARES, 2003). “A cada conversa ocorrem novas convergências e os conceitos são alterados, definindo-se como seres voláteis, transitórios, filiados ao momento e, dessa guisa, a re-interpretações e revisões constantes (...)” (TAVARES, op. cit., p. 102). Por exemplo, as noções de variação e mudança presentes nas duas teorias não se excluem, assim, há a possibilidade de estudo com um viés Sociofuncionalista, o qual “toma a variação linguística do ponto de vista da função discursiva e a explica com base em princípios funcionais” (TAVARES, 2003, p. 98). Contudo, apesar de o Funcionalismo e da Sociolinguística tratarem de variação e mudança linguística, Tavares (2003) pondera a reflexão que deve ser feita sobre o que é base da junção e sobre a maneira como essa junção pode passar por uma verificação na profundidade dessa relação.

Assim, o Sociofuncionalismo leva em consideração alguns aportes das teorias em estudo, ou seja, os Aspectos que são relevantes e descarta outros, pois é preciso deixar claro qual teoria vai prevalecer quando for preciso uma tomada de decisões referentes às questões distintas.

Com a finalidade de associar melhor a Sociolinguística e o Funcionalismo, Tavares (2003) expõe uma conversa das diferenças desses dois referenciais teóricos, explicando que apesar das diferenças que coexistem quanto à metodologia e aos termos técnicos, há a possibilidade da geração de um conhecimento em comum. O diálogo é feito por meio de reajustes entre os conceitos e pressupostos de cada teoria. Logo, as etapas de reflexão resultam em “um acúmulo de conhecimentos e de experiências provindas da adaptação e da negociação constantes durante a conversa que vem sendo travada no jogo da constituição, defesa e ‘utilização prática’ do Sociofuncionalismo”. (TAVARES, 2003, p. 101).

Tavares (2003, p. 104-105) estabelece um apanhado de postulados que convergem no Funcionalismo e na Sociolinguística, os quais podem ser resumidos em:

- Prioridade da língua em uso, assim, a variação e a mudança são abrigadas pela natureza heterogênea;
- Fenômenos linguísticos analisados em situações comunicativas reais;
- Língua em uma concepção dinâmica, em movimento, ou seja, a língua não é considerada estática, pois está sempre mudando e interagindo;
- Reconhecer a mudança linguística como uma noção gradual e contínua;
- Disseminação da mudança nos âmbitos linguístico e social;
- Dados sincrônicos e diacrônicos se complementando nos prognósticos de mudança mais seguros;
- Princípio de uniformitarismo;
- Analisar os níveis fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos da língua quando entendidos como discursivos, pois a sua existência se dá quando usados;
- Destacar a frequência das ocorrências;
- Terem como importante a relação entre os fenômenos linguísticos e a comunidade de fala.

Assim, alguns resultados de convergência dos dois referenciais teóricos seriam, como afirma Tavares (2003) e reafirma Pontes (2012):

- O exame da língua em seu contexto de uso;
- O estudo da evolução da língua e o que poderia motivar esse processo de mudança no que diz respeito, principalmente, ao âmbito social;
- A busca da regularidade da variação, por meio da quantificação dos dados coletados de acordo com variáveis sociais com a crença de que os fatores internos e externos possam agir nos fenômenos linguísticos;
- Ter como base um processo e verificar nas diferentes formas de expressão que pode aparecer, assim, entendendo a variável como um conjunto de estruturas mais complexas, porém tendo em comum uma função/significado;
- Utilização dos princípios e métodos da Sociolinguística, mais especificamente, laboviana, em conjunto com as interpretações funcionalistas dos resultados obtidos quantitativamente dos dados coletados, tendo como finalidade observar as tendências de uso.

Porém, apesar dos postulados apresentados convergirem nas duas teorias, Tavares (2003) faz um alerta quanto às divergências que podem surgir, pois o que parece semelhante, pode ser semelhante apenas superficialmente e, assim, pode se mostrar distinto.

Expomos uma breve explicação sobre como a variação e a mudança são trabalhadas nas teorias em estudo. Vejamos, então, como a língua é concebida nos referenciais teóricos:

- (i) Funcionalismo: língua como instrumento de comunicação, ou seja, a língua em uso;
- (ii) Sociolinguística: estuda a relação língua-sociedade, ou seja, a língua estudada em seu uso real.

O Funcionalismo, por conceber a língua em uso, tem a função de um determinado elemento como uma relação com o sistema linguístico e com o seu contexto de uso. Logo, nessas configurações, a estrutura gramatical depende do uso da língua (CUNHA, OLIVEIRA; MARTELOTA, 2003). Considerando a língua como um instrumento de interação social, o Funcionalismo tem como consideração “(...) a capacidade que os indivíduos têm não apenas de codificar e decodificar expressões, mas também de usar e interpretar essas expressões de uma maneira interacionalmente satisfatória”, como afirma Neves (1997, p. 15).

A Sociolinguística, por ter em vista a língua no uso social, considera que a língua está sujeita a transformações assim como os falantes estão em constante mudança (BAGNO, 2007). Bagno (2007, p. 39) afirma que uma das diferenças introduzidas na Sociolinguística foi “a concepção de língua como um ‘substantivo coletivo’: debaixo do guarda-chuva chamado LÍNGUA, no singular, abrigam-se diversos conjuntos de realizações possíveis dos recursos expressivos que estão à disposição dos falantes”.

Quanto à correlação que existe entre forma e função, o interesse do Funcionalismo se dá nas várias funções em que uma forma pode codificar. Já a Sociolinguística tem o interesse nas várias formas, ou seja, as variantes de um determinado contexto de fala, configuradas em uma função, ou seja, uma variável. Para resolver essa divergência, Tavares (2003) retoma a proposta de as camadas/ variantes, pois elas “podem possuir ou não o mesmo significado, conquanto exibam a mesma função” (TAVARES, 2003, p. 128).

Outra divergência que pode ser encontrada, segundo Tavares (2003), por exemplo, seria a importância que se dá às noções de estrutura, sistema e gramática. Quanto à gramática,

os autores do Funcionalismo a consideram em andamento, pois depende das circunstâncias do uso em cada ato interacional, além disso, consideram a função prioritária e é a que determina o uso dos falantes, tendo a relação entre formas e funções como gradual e escalar (GIVÓN, 1995). Por outra parte, a Sociolinguística admite como papel principal o sistema e a estrutura. Desse modo, concebe a língua como um sistema de regras variáveis. Os estudiosos dos pressupostos, que compõem a Sociolinguística, consideram que há uma primazia da regra variável, pois essas regras descrevem formalmente a relação que existe entre os condicionamentos internos e externos da língua.

Mesmo diante de algumas divergências, Tavares (2003) mostra que ainda é possível um casamento teórico, quando se considera um atencioso olhar da estrutura e da função como condicionamentos estruturais e discursivos que pressionam a variação e a mudança. A autora ainda defende que se pode pender a análise mais para o Funcionalismo ou mais para a Sociolinguística Variacionista, desde que sejam utilizadas as convergências coerentes. Como afirma Tavares (2003), a conversa que há entre as diferenças existentes entre as duas teorias pode derivar graus de convergência, ou seja, como se houvesse uma escala entre o Funcionalismo e a Sociolinguística. No Sociofuncionalismo, já que se trata de um casamento teórico, é importante haver aspectos que sejam concernentes às duas perspectivas teóricas, tais como: a concepção de princípios, hipóteses e explicações funcionais, voltando-se, assim, para o Funcionalismo e metodologias; princípios e condicionamentos sociolinguísticos, voltando-se para a Sociolinguística.

Por fim, Tavares (2003, p.127-129) apresenta algumas convergências no Sociofuncionalismo. Vejamos alguns pontos:

- Tanto a Sociolinguística variacionista quanto o Funcionalismo linguístico analisam os aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos – todos sendo considerados discursivos, pois só existem quando utilizados;
- É necessária uma certa recorrência das formas para que possam ser comparadas de modo estatístico;
- O termo mudança abrange duas características: (a) surgimento das inovações e (b) difusão social das inovações. Analisa-se o grau de difusão que se dá por meio das distribuições sociais dos itens linguísticos, das quais também, pode-se perceber se há indícios de novidades que estejam emergindo ou possam, futuramente, emergir;

- Destacam a história e a coexistência de diferentes formas, investigadas como camadas/variantes que convivem em uma mesma função, gerando uma situação de estratificação/variação;
- Camadas/ variante podem possuir o mesmo significado ou não, conquanto possuem a mesma função;
- Não se estabelece fronteiras etárias de forma rígida para a ocorrência de mudança, porém se considera que grande parte das inovações se concentre entre os falantes mais jovens, por razões sociais, provavelmente;
- As estruturas tendem a sofrer alterações e refletir por causa da pressão das motivações funcionais (tidas como cognitivas, comunicativas e sociais) e, também, por motivações estruturais.

Com base no que foi exposto sobre a Sociolinguística variacionista, sobre o Funcionalismo linguístico e sobre o casamento teórico Sociofuncionalismo, consideramos essa pesquisa Sociofuncionalista, pois contempla aspectos tanto da Sociolinguística quanto do Funcionalismo. Para uma melhor visualização, expomos alguns aspectos presentes nessa pesquisa. Vejamos:

- (i) É feita uma análise dos dados coletados em entrevistas sociolinguísticas, as quais fazem parte de situações de comunicações reais da comunidade de fala Granada;
- (ii) Atenta-se para a frequência de uso das formas imperfectivas de passado do espanhol oral para a identificação de processo de variação e mudança;
- (iii) Com base nesses parâmetros, dentre outros, observamos os fatores linguísticos e extralinguísticos e, ainda;
- (iv) Interpretamos os resultados obtidos da análise de dados com base no Funcionalismo.

Sabemos que, como mencionado, uma teoria se sobressairá, nesse trabalho, a Sociolinguística é o ponto de partida, mesmo assim, uma vez que, na visão sociofuncionalista, é necessário levar em consideração a relação entre a forma e a função de elementos linguísticos, seguimos com a análise sociofuncional das formas imperfectivas de passado do espanhol.

2.2 Síntese do capítulo

É importante ressaltar que o passado imperfectivo em espanhol oral é tomado, neste trabalho, como variável dependente. Esta variável é analisada à luz dos pressupostos teóricos da Sociolinguística variacionista, tendo como representante principal Labov (1972a, 1978, 1994, 2001, 2003, 2008, 2010). Entre outros autores da Sociolinguística, destacamos: Beatriz Lavandera (1978), Silva-Corvalán (2001), Company Company (2003), López Morales (2004), Blas Arroyo (2005). E do Funcionalismo linguístico, tomamos como base os pressupostos de Givón (1984, 1990, 1993, 1995, 2005). Desse modo, trata-se de uma abordagem sociofuncionalista, pois consideramos o casamento teórico destes dois referenciais, o Sociofuncionalismo, proposto por Tavares (2005). Esse casamento teórico possibilitou a realização do mapeamento funcional do pretérito imperfeito do indicativo e das perífrases imperfectivas de passado e, nas funções, que apresentarem variação linguística, faremos as análises com base nos pressupostos funcionalistas e sociolinguísticos para os dados quantitativos obtidos.

Neste trabalho, há aspectos da Sociolinguística e do Funcionalismo, tais como: a análise dos dados coletados em entrevistas sociolinguísticas, as quais fazem parte de comunicações reais, também, a observação de fatores linguísticos e extralinguísticos e a interpretação dos resultados obtidos de análise de dados, com base no princípio de marcação do Funcionalismo, como veremos nos próximos capítulos. Após o exposto sobre a fundamentação teórica, apresentamos, a seguir, as formas verbais imperfectivas de passado e a sua correlação com as categorias Tempo, Aspecto e Modalidade.

3 AS CATEGORIAS TEMPO, ASPECTO E MODALIDADE E AS FORMAS VERBAIS IMPERFECTIVAS DE PASSADO EM ESPANHOL

A forma da sabedoria foi dada às criaturas para que o mundo nelas reconhecesse o Verbo, seu artífice, e pelo Verbo, o Pai.
Santo Atanásio

Quando uma pessoa vai falar se referindo à noção temporal na língua considera: Tempo, Aspecto e Modalidade, os quais se interrelacionam. Desse modo, indicamos que esses componentes (Tempo, Aspecto e Modalidade) devem ser incluídos na definição das formas verbais imperfectivas em espanhol. Refirimo-nos ao significado das formas verbais como o conceito de Tempo (presente/passado/futuro), Aspecto (perfectivo/imperfectivo) e Modalidade (*realis/irrealis*). O primeiro diz respeito ao que o falante considera como tempo, este sendo uma sucessão de momentos em relação ao ato de fala, já o segundo lida com a noção que o falante tem de delimitação do período de tempo e, por último, há a atitude do falante, quando relacionada com a realidade reportada (PONTES, 2012). Considera-se uma análise das funções do passado imperfectivo em espanhol pelas formas do pretérito imperfeito do indicativo e das perífrases imperfectivas de passado, a qual envolve um domínio funcional³, que há um estabelecimento das noções de Tempo, Aspecto e Modalidade, ou seja, o complexo TAM (GIVÓN, 1984).

Antes de explicar sobre formas verbais, faz-se necessário tecer algumas considerações teóricas sobre as categorias Tempo, Aspecto e Modalidade, pois orientarão a análise do pretérito imperfeito do indicativo e das perífrases imperfectivas de passado. Porém, a apresentação dos conceitos não impede de já mencionarmos as formas verbais em estudo. As categorias serão vistas separadamente com fins didáticos, apesar de ser empiricamente impossível. Givón (1984), quando trata do complexo TAM, refere-se à separação em termos de valor expositivo visto que sincronicamente, diacronicamente e ongeneticamente⁴, as categorias são interconectadas. Lyons (1977) corrobora com a observação de Givón (1984) sobre o complexo TAM como categorias que se interconectam, reconhecendo que não pode haver diferença nítida em gramática universal entre o Tempo verbal e Aspecto por um lado e, por outro, o Tempo verbal e Modalidade, pois são noções que se interliga, no discurso para referir Tempo. As três categorias representam três pontos de partida distintos em nossa

³ Esse termo corresponde às áreas funcionais que fazem parte da gramática, podendo ser classificadas em gerais e estritas. As primeiras dizem respeito aos macrodomínios, por exemplo, o Tempo, o Aspecto e a Modalidade (TAM) e, as segundas são referentes a microdomínios, como tempo futuro, sujeitos, etc.

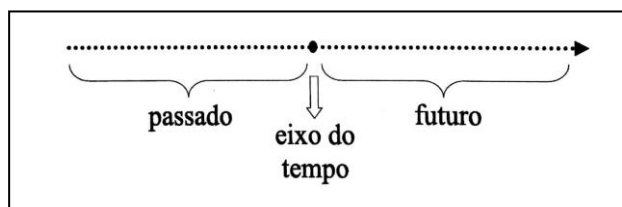
⁴ Em relação à aquisição e utilização da linguagem pelo falante no período de seu desenvolvimento.

experiência de Tempo. O “Tempo verbal envolve nossa experiência/conceito de tempo como pontos numa sequência. Aspecto envolve nossa noção de delimitação do período de tempo. E modalidade cerca nossas noções de realidade (realis e irrealis) 77, conforme Givón (1984)” (COAN, 2003, p. 87).

3.1 Categoria Tempo

A categoria Tempo verbal tem como um dos objetivos a codificação da relação entre o tempo de fala (ponto de referência) e o tempo do evento. O Tempo são pontos em uma determinada sequência, assim é como define Givón (1984). Em sua visão, há dois pontos que são envolvidos na concepção de tempo, os quais são: sequencialidade (sucessão de pontos/momentos), a qual consiste em pontos sucessivos que ocupam uma posição fixa na ordem linear, e ponto de referência (tempo da performance do ato de fala), o qual diz respeito ao tempo de fala e que se ancora no falante. O ponto de referência se localiza entre o passado e o futuro, sendo ele o eixo do tempo, segundo Givón (1984). O exposto pode ser visualizado a seguir:

Figura 1 – Diagrama do Tempo



Fonte: Givón (1984, p. 273)

O autor, ainda, afirma que o eixo do tempo pode ser absoluto (agora), quando o momento do enunciado for o centro (por exemplo, quando uma ação ocorre antes do momento da fala) ou pode ser relativo (então), quando é fixado por outros elementos que possuem outro significado (por exemplo, um advérbio de tempo ou quando se refere a um determinado evento).

O tempo absoluto apresenta o momento de fala como ponto de referência. Para Coan (2003, p. 89), é notável que “contudo, a interpretação absoluta é ilusória. A referência de tempo absoluto, é na verdade, impossível, já que o único modo de localização de uma situação no tempo é relativo a algum outro ponto no tempo já estabelecido.” Assim, Comrie (1990) explicita o tempo verbal absoluto como o tempo que inclui em seu significado o momento presente, como um centro dêitico.

O tempo relativo é o que possui outro ponto no tempo, o qual é determinado pelo contexto, como ponto de referência. A diferença nos dois tempos expostos consiste no “ponto no tempo e uma forma cujo significado não especifica que o momento presente deva ser o ponto de referência (forma não flexionada)” (COAN, 2003, p. 92), ou seja, o momento presente é dado como um possível ponto de referência. Para Comrie (1990), o que é pedido pelo tempo verbal relativo é que o ponto de referência seja identificado como compatível com o contexto dado. Portanto, tempo relativo é anafórico (COAN, 2003).

Pode-se, ainda, ser encontrado o tempo relativo-absoluto, o qual combina duas localizações: localização de tempo absoluto de um ponto de referência com a localização de tempo relativo de uma situação. Esse tempo pode ser identificado quando um ponto de referência é anterior ou posterior ao momento de fala e a localização da situação é anterior, simultânea ou posterior a esse ponto.

Para um melhor entendimento dos tempos mencionados, expomos os seguintes enunciados⁵:

(10) Admirei umas lindas flores.

(11) Quando você chegou, eu já tinha resolvido o problema.

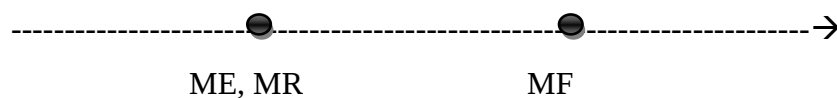
No primeiro enunciado, a ação de admirar ocorreu antes do momento de fala e o ponto de referência é o momento da interação verbal. Logo, o Tempo é denominado como absoluto, pois a sua medida é determinada pelo momento de fala e embasada no falante. No segundo enunciado, o Tempo é classificado como relativo-absoluto, pois é um enunciado que possui dois pontos de referência temporal. Os fatos ocorridos, *chegar* e *resolver*, estão antes do ponto dêitico de enunciação. Dessa forma, os pontos de referência temporal consistem no momento da enunciação e no que está relacionado ao fato de chegar, o qual seria o ponto de referência secundário.

Reichenbach (1947), quando se refere aos tempos verbais, afirma que esses determinam o tempo tendo como referência o ponto temporal do ato de fala. O ponto temporal corresponde ao momento de fala (MF). O Tempo pode se referir a dois eventos, que podem ser posicionados de acordo com o momento de fala. Esses dois pontos temporais são denominados momento do evento (ME) e momento de referência (MR). Assim, o autor propõe que o Tempo é a expressão da relação do momento de fala (MF), momento de

⁵ Esses enunciados foram elaborados pela autora com base nos exemplos de Duarte (2017, p. 44).

referência (MR) e momento do evento (ME), pois, para dar conta do significado de uma forma verbal flexionada, são necessários os três momentos. Como exemplo, exposto por García Fernández (2004) referente ao sistema de Reichenbach (1947) que diz respeito ao pretérito imperfeito, o pretérito imperfeito seria representado por: ME, MR – MF (vírgula significando simultaneidade e travessão precedência), assim, lê-se o momento do evento é simultâneo ao momento de referência e anterior ao momento de fala.

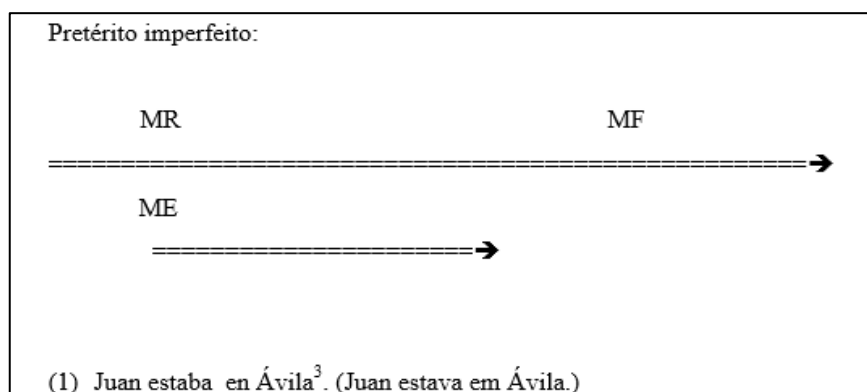
Figura 2 – Pretérito imperfeito – (Adaptação da análise de Reichenbach).



Fonte: Elaborada pela autora

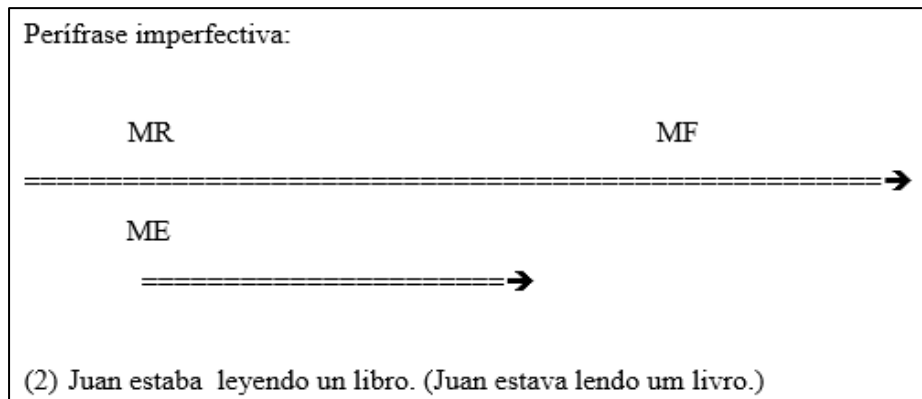
O tempo verbal imperfectivo apresenta situações que estão em curso e se desenvolvendo de modo interno sem aludir ao seu começo ou ao seu fim. Conforme Pontes (2012, p. 29), “o pretérito imperfeito e as perífrases imperfectivas expressam fatos localizados em um tempo anterior àquele em que se encontra o falante, mas os fatos são relatados em seu desenvolvimento e não há informação sobre a sua conclusão.” Conclui-se, então, que, nas duas formas, o momento de referência (que pode ser representado por MR) “é anterior ao momento de fala (MF) e o momento do evento (ME), geralmente, inicia-se na extensão do momento de referência (MR) seguindo um contínuo na linha temporal” de modo que não há uma demarcação de sua finalização (PONTES, 2012). O que foi descrito dos momentos de referência, fala e evento pode ser visualizado no diagrama proposto por Pontes (2012). Vejamos:

Figura 3 – Diagrama do pretérito imperfeito



Fonte: Pontes (2012, pág. 28)

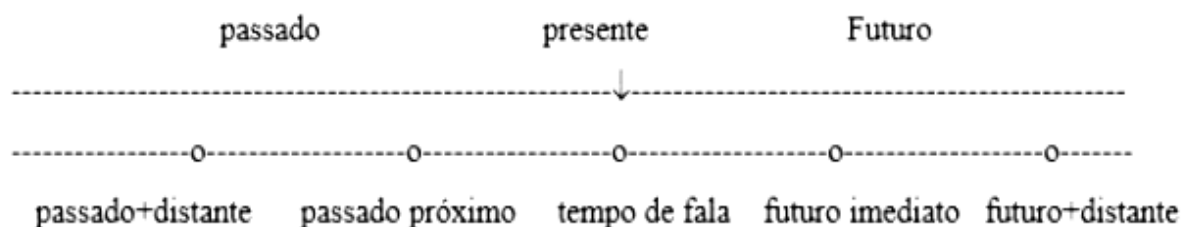
Figura 4 – Diagrama da perífrase imperfectiva



Fonte: Pontes (2012, pág. 28)

É importante destacar, ainda, que existem três referências temporais presentes na linha do tempo a partir do tempo de fala, segundo Givón (1993), as quais são: presente, passado e futuro. Coan (1997, p. 34) considera que, dentro do sistema linguístico, “o tempo verbal expressa nossa experiência de Tempo, codificando situações (estados, processos e ações) nas referências temporais”. Não se pode desconsiderar a experiência do falante e nem os marcadores temporais, os quais podem nos auxiliar em leituras de tempo quando referente a uma situação. Conforme Coan (1997), o tempo verbal é uma das formas de mapear o Tempo nas línguas.

Ainda quanto às referências temporais, Coan (1997) amplia as dimensões temporais acrescentando: passado próximo, passado mais distante, futuro imediato e futuro mais distante, como na figura a seguir:

Figura 5 – Referências temporais no *continuum* do Tempo

Fonte: Coan (1997, p. 36)

Embasado no exposto e em consonância com Duarte (2017), podemos considerar não só a forma verbal, mas também o contexto linguístico em que está inserida. Tal

consideração se dá pelo fato de os contextos se sobreporem às formas verbais, ou seja, pelo contexto a forma pode expressar um determinado tempo.

O pretérito imperfeito no espanhol possui valores, como em português, segundo Freitas (2007). Os três valores básicos do pretérito imperfeito do espanhol, segundo Brucat (2001), são: (i) o Aspecto imperfectivo, são expressões de ações, processos ou estados do momento passado que não possuem um término (conforme exemplo 12), (ii) o pretérito imperfeito coincide com o passado, a expressão de uma determinada ação, processo ou estado de passado coincide de um modo temporal com outra ação passada que está inserida no contexto (conforme exemplo 13), (iii) o valor básico consiste no Aspecto interativo, cíclico ou habitual da forma mencionada, ou seja, uma ação que se repete. Logo, acontece comumente, tornando-se, assim, indefinidas as vezes que determinada ação ocorre (conforme exemplo 14).

(12) Bem cedo, surgia a aurora.

(13) O passarinho voou quando eu chegava.

(14) Saía do jardim ao final da tarde.

Consideramos que as formas imperfectivas de passado, pretérito imperfeito do indicativo e perífrase imperfectiva de passado se configura no tempo relativo, pois o tempo relativo é o que possui outro ponto no tempo, o qual é determinado pelo contexto, como ponto de referência. Sendo, a representação dessas formas como o momento do evento (ME) é simultâneo ao momento de referência (MR) e anterior ao momento de fala (MF).

3.2 Categoria Aspecto

O termo Aspecto é usado, na gramática eslava, para distinguir os verbos perfectivos e imperfectivos, distinção que, para Mounin (1968), é proveniente da gramática latina. Essa divisão surgiu como proposta no século I A.C por Varrón que se baseia na gramática grega, a qual comporta noções temporais como de ação estendida e completa. O conceito de Aspecto consiste, conforme Comrie (1976, p. 3), em poder ver diferentes formas da constituição interna de uma determinada situação. O mesmo autor expõe que o Aspecto depende da dinâmica interna do verbo e da escolha do falante, utilizando um ponto de vista, seja ele interno ou externo, para dar foco a uma ação.

Uma das necessidades que se expõe quando se trata de Tempo e Aspecto verbal é diferenciá-los. A diferença consiste, segundo Ilari (2001), no fato de a categoria Tempo se

referir ao tempo externo, ou seja, ao passado, presente e futuro, enquanto a categoria Aspecto faz referência ao tempo interno (noção de duração, instantaneidade, desenvolvimento etc), referindo-se ao desenvolvimento interno de uma situação, o que está em consonância com a afirmativa de Comrie (1990, p. 3), de que os Aspectos consistem em serem diferentes formas de ver a constituição interna de uma determinada situação.

Deste modo, o Aspecto é designado para a perspectiva temporal da situação, enquanto que o Tempo é designado à perspectiva de localização temporal. O falante pode focar uma ação levando em consideração duas perspectivas do Aspecto: perfectiva e imperfectiva. García Fernández (1998, p. 12), com a finalidade de explicar de modo didático o Aspecto, compara-o com uma lente ou telescópio, pela qual se pode contemplar, de diferentes modos, uma determinada situação. Por exemplo, em um Aspecto perfectivo, pode ser percebida toda a situação, de seu início ao fim, já em relação ao Aspecto imperfectivo, só pode ser percebida parte da situação, isto é, não é possível perceber seu início e nem seu fim. No caso das formas em estudo, trata-se do Aspecto imperfectivo, o qual, segundo Pontes (2012, p. 38), é uma “visão interna do desenvolvimento de uma ação, na qual se destaca alguma parte da sequência temporal em curso.”

O contraste entre Aspecto perfectivo e Aspecto imperfectivo está ligado ao limite terminal dos eventos e, também, à relação deles no eixo do tempo. O perfectivo teria como característica ser completo, compacto e bem-delimitado, já o imperfectivo seria durativo, difuso e não-delimitado, conforme Alcântara (2010). Para um evento ser considerado perfectivo é preciso ser terminado e para ser considerado imperfectivo o limite temporal não precisa estar presente no eixo temporal. Givón (1984) afirma que o Aspecto comum ao imperfectivo é o durativo/contínuo. Vejamos alguns exemplos:

- (15) **Imperfectivo** – Pretérito imperfeito do indicativo: *María estaba ayer en su casa.* / Ontem Maria estava em sua casa. (GARCÍA FERNÁNDEZ, 1984, p. 13).
- (16) **Perfectivo** – Pretérito perfeito simples: *Mi perrillo se murió ayer.* / Meu cachorrinho morreu ontem. (GARCÍA FERNÁNDEZ, 1984, p. 13).

Ainda fazendo considerações sobre o perfectivo e o imperfectivo, citamos Comrie (1976), que considera o Aspecto uma categoria semântica que depende da dinâmica do verbo e da escolha do falante. O falante pode focar uma ação na perspectiva perfectiva, a qual se trata de uma visão externa e concluída do processo, na qual a ação tem um resultado expresso

por meio do verbo. Já na perspectiva imperfectiva, que consiste em uma visão interna do desenvolvimento de uma determinada ação, esta tem como destaque alguma parte da sequência do tempo em curso.

Vale ressaltar que o “tempo verbal trata da distribuição do fato na linha temporal, mas, em contrapartida, o Aspecto trata do referido fato na sua constituição temporal interna, ou seja, estuda o tempo dentro do fato, passível de fragmentação dentro de seus limites.” (PONTES, 2012, p. 39).

Conforme Comrie (1976), o Aspecto é uma categoria semântica que depende tanto da dinâmica interna do verbo como da escolha do falante, que utiliza um ponto de vista (seja ele interno ou externo) para ter como foco uma determinada situação que deve ser exposta. Um desses aspectos que se pode mencionar é a imperfectividade, visto que se trata do assunto de nossa pesquisa. No âmbito da imperfectividade, encontramos o imperfeito e a perífrase. Há um embasamento no conceito de regra variável que é uma proposta de Labov (1978). Essa regra é constituída por duas ou mais formas que têm o mesmo valor de verdade no mesmo contexto linguístico. No caso desse estudo, as formas imperfectivas de passado (pretérito imperfeito do indicativo e as perífrases imperfectivas de passado) seriam essas formas, no entanto, estariam em variação. As formas imperfectivas de passado em estudo expressam um intervalo de tempo, o qual é anterior ao momento de fala e simultâneo ao momento de referência (PONTES, 2012). A aspectualidade é considerada um elemento da perspectiva temporal, o qual está associado aos marcadores gramaticais de Tempo (GIVÓN, 2005). O Aspecto durativo, conforme Givón (1984), consiste em um evento que não apresenta limite inicial e nem final. Já o Aspecto pontual possui esses limites. O ponto de referência localiza o evento no tempo, posicionando relativamente os dois limites. Givón (1984), afirma que para ser diferente de um estado e não se configurar neste, é necessário que o evento tenha começo, caso contrário, seria um estado permanente.

Outro contraste que vale ressaltar é referente ao Aspecto Lexical e o Aspecto Gramatical. O primeiro consiste no modo de ação, o qual possui um valor intrínseco do verbo e que, embasado na extensão temporal, pode classificar os verbos em diferentes classes no que diz respeito a situações ou eventos. Já o Aspecto Gramatical permite ao falante adotar pontos de vista distintos no que tange aos predicados, ou seja, uma mesma situação pode ser vista por meio de diferentes perspectivas.

Vendler (1967), quando trata de Aspecto lexical, faz uma divisão dos verbos em quatro tipos, os quais são: (i) atividade (o evento tem a sua duração em todo o tempo da ação); (ii) processo culminado (o evento ocorre em um determinado período de tempo); (iii)

culminação (o evento se realiza pontualmente); (iv) estado (os eventos duram por um longo período de tempo). Bertinetto (2002), embasado nos estudos de Vendler (1967), configura a proposta deste último autor com base em três propriedades, a saber: duratividade, dinamicidade e homogeneidade (atelicidade).

A continuação, apresentamos exemplos:

- **Estados:** apresentam uma duração indefinida, são atélicos e estáticos;

(17) **Exemplo:** *Ama a Salomé.* / *Ama Salomé.* (GARCÍA FERNÁNDEZ, 1998, p. 11).

- **Atividades:** são durativas, atélicas e dinâmicas;

(18) **Exemplo:** *Camina por el parque.* / *Caminha pelo parque.* (GARCÍA FERNÁNDEZ, 1998, p. 11).

- **Processos culminados:** são durativos, télicos e dinâmicos;

(19) **Exemplo:** *Construyó la casa.* / *Construiu a casa.* (GARCÍA FERNÁNDEZ, 1998, p. 11).

- **Culminações:** denotam eventos instantâneos, télicos e dinâmicos.

(20) **Exemplo:** *Llegó a la estación.* / *Chegou à estação.* (GARCÍA FERNÁNDEZ, 1998, p. 11).

Para considerar um estudo mais profundo sobre a categoria Aspecto, Givón (2005) afirma que estão vinculados a esses estudos muitos elementos que são significativos, pois de acordo com esses elementos pode haver uma melhor interpretação e análise. Desse modo, incluímos o Aspecto composicional, pois podem ser considerados elementos semânticos, elementos morfossintáticos e elementos de cunho pragmático, assim, a leitura aspectual não depende somente da forma verbal (Aspecto gramatical), mas de sua interação com outras informações que podem vir acoplados aos constituintes dos enunciados, como defende Freitag (2007) e Bybee (2010). Segundo Barreto (2014), esses operadores linguísticos interagem na composição do domínio aspectual, definindo a leitura aspectual.

Conforme Genta (2008), o que permite ao falante expressar uma determinada situação de maneiras distintas é a combinação aspectual. Na visão de Pontes (2012), a escolha do falante é baseada na combinação que a língua pode oferecer na composição entre Tempo,

Aspecto gramatical, Aspecto Lexical, modificadores aspectuais, Modalidade e contexto situacional. Portanto, o falante realiza a sua eleição por meio de fatores pragmáticos que dada situação verbal exige, das necessidades enunciativas, no que diz respeito à verdade de suas proposições, assim como as implicações e efeitos que se quer conseguir. Desse modo, nas palavras do autor: “A escolha por uma perspectiva aspectual é uma forma de relatar a situação e permite ao falante enfatizá-la, por meio de um determinado ponto de vista.” (PONTES, 2012, p. 43).

Os valores aspectuais, além da forma de pretérito imperfeito do indicativo, também podem ser expressos em formas perifrásticas, uma delas é a constituição do verbo auxiliar *estar* conjugado no pretérito imperfeito e o verbo principal no gerúndio. Neste capítulo, logo após trilhar o caminho de explicação desde as ideias de Tempo, Aspecto e Modalidade apresentadas, explanaremos sobre as funções aspectuais codificadas pelas formas imperfectivas de passado, as quais serão a habitual e progressiva. Também, apresentaremos a noção do aspecto iterativo. A explicação das funções aspectuais estão embasadas nos estudos de Bertinetto (2000), Wachowicz (2003), García Fernández (2004, 2006), Bravo Martín (2008), Genta (2008), Freitag (2007) e Pontes (2012). A explicação será aprofundada no capítulo sobre a análises dos dados.

O Aspecto imperfectivo habitual acontece quando uma situação ocorre de modo regular na estrutura temporal de forma indeterminada. Desse modo, gera um costume ou hábito, conforme Wachowicz (2003), Comrie (1976), Freitag (2007) e Albuquerque (2015). Vejamos um exemplo:

- (21) *Pues en Granada siempre comía en los comedores.* (Pois em Granada sempre comia nos restaurantes universitários) (MOYA CORRAL, 2007, entrevista 2).

Podemos perceber que o informante, no exemplo acima, faz referência a um costume. Para isso, ele usa a forma verbal imperfectiva e, ainda, enfatiza usando o marcador “sempre”. Segundo Garcés (1997), uma ação que é expressa por um verbo que se repete habitualmente, normalmente, o verbo é acompanhado por um marcador temporal.

Já o Aspecto imperfectivo progressivo foca em um determinado instante, segundo Martínez-Atienza (2004). A seguir, expomos um exemplo:

(22) *Pasamos por ese charco y nos inun inundamos el agua **llegaba** hasta hasta el casco vaya llegamos super mojados nos tuvimos que secar después.* / Passamos por uma poça e nos inundamos. A água **chegava** até a metade. Bem, chegamos super molhados. Tivemos que secar depois. (MOYA CORRAL, 2007, entrevista 2, tradução nossa).

No exemplo supracitado, há uma situação na estrutura temporal, no momento passado de modo pontual expresso pelo pretérito imperfeito do indicativo.

O Aspecto imperfectivo iterativo expressa a repetição de uma situação em uma ocasião específica, porém não chega a denotar uma habitualidade, ou seja, um costume. A seguir, exemplificamos o exposto:

(23) *Como nosotros vivíamos cerca de la catedral pues lo malo teníamos que sacar sillas porque toda la familia **pasaban** casualmente por allí y se sentaban en las sillas.* / Como nós morávamos perto da catedral, pois o mal era que tínhamos que tirar as cadeiras porque todas as famílias **passavam** casualmente por ali e se sentavam nas cadeiras. (MOYA CORRAL, 2007, entrevista 12, tradução nossa).

No exemplo (23), o pretérito imperfeito do indicativo denota uma repetição que não chega a ser um hábito. A ação do passar de uma família indica essa repetição. A iteratividade ainda é enfatizada pelo marcador aspectual “casualmente”.

O Aspecto é comparado em diversas línguas, pois há uma semelhança nas línguas latinas. Bertinetto (2000) observa os dados do projeto EUROTYP⁶ para comparar o Aspecto progressivo que ocorre nas línguas românicas com o que ocorre no inglês. Percebeu-se, durante os estudos, que a forma perifrástica imperfectiva pode ser empregada, salvo em algumas exceções, nos casos em que “o falante está concentrado na situação que está em andamento em relação a um ponto temporal específico (progressivo focalizado)” (FREITAG, 2007, p. 84). Vejamos alguns exemplos expostos por Freitag (2007, p. 84):

⁶ O projeto EUROTYP (Typology of Languages of Europe) é composto por estudos de regularidades, padrões e limites de variação em nove áreas temáticas. A coleta foi feita por meio de questionários que foram aplicados a falantes de diferentes grupos linguísticos da Europa. Bernard Comrie, Joan Bybee, assim como Pier Marco Bertinetto, entre outros pesquisadores, fazem parte do grupo 6 que trata das relações de tempo e aspecto.

Exemplo (24): Forma perifrástica e pretérito imperfeito do indicativo nas línguas românicas e inglês

PRQ:3:	/Last night at 8 o'clock/ When John came, Ann still WORK. (Bertinetto, 2000)
Catalão:	quan en Joan va venir [PRET], l'Anna encara <i>estava treballant</i> . [PPROG]
Francês:	quand Jean est arrivé [COMP. PAST], Anne <i>travaillait</i> . [IMP] encore
Italiano:	quando Gianni è arrivato [COMP. PAST], Anna <i>stava ancora lavorando</i> . [P-PROG]
Português:	quando o João chegou [PRET], a Ana ainda <i>estava a trabalhar</i> . [PPROG]
Romeno:	cînd a venit [COMP. PAST] Jon, Ana încă <i>lucra</i> . [IMP]
Espanhol:	cuando Juan llegó [PRET], Ana todavía <i>estaba trabajando</i> . [PPROG]
Inglês:	when John came, Ann <i>was still working</i> . [PPROG]

Fonte: Freitag (2007, p. 84)

Partindo do que é exposto no projeto EUROTYP, a forma perifrástica nos exemplos supracitados é a forma predominante, quando é expressa por meio do Aspecto progressivo focalizado, porém o romeno e francês aceitam o pretérito imperfeito do indicativo.

3.3 Categoria Modalidade

Antes de expor conteúdos sobre a categoria Modalidade, é importante pontuar a diferença que há entre Modo e Modalidade. O Modo consiste em uma categoria morfológica do verbo, a qual tem função modal, que, normalmente envolve paradigmas verbais, como: indicativo, subjuntivo e imperativo. Para Dubois (1973, p. 415), Modo é uma categoria gramatical que normalmente é ligada ao verbo, e que traduz o tipo de comunicação entre o próprio falante e seu interlocutor ou a atitude do falante no que tange aos seus próprios enunciados. Já a Modalidade, segundo Palmer (1986), é semântica, expressando-se pela forma morfológica, lexical, semântica, por meio da entonação. A Modalidade tem relação com a atitude do falante, quando referente ao conteúdo proposicional de enunciado na situação de interação (FLEICHMAN, 1982; BYBEE E FLEISCHMAN, 1995).

Ainda sobre a diferença entre Modo e Modalidade no espanhol, conforme Pontes (2012, p. 65), a Modalidade consiste na codificação da atitude do falante, “seu julgamento acerca da informação, ou seja, tem a ver com a reação do falante em relação ao conteúdo proposicional do enunciado. Modo é uma das formas de codificação da Modalidade.” Pode-se ter vários Modos diferentes de uma mesma sentença e uma só Modalidade (ALCÂNTARA, 2010), ou seja, uma só sentença pode configurar em mais de um Modo (indicativo, subjuntivo, etc), mas mantendo a mesma Modalidade, por exemplo a de certeza.

A Modalidade, para Givón (1984, 1995), é um julgamento do falante em uma determinada atividade de comunicação, constituindo uma propriedade da interação verbal. A Modalidade abrange, entre outras que dizem a seu respeito, a noção de realidade que pode ser verdadeira, falsa ou possível. A partir do contexto pragmático, Givón (1984, p. 285) redefine a Modalidade em quatro tipos, vejamos:

- (i) **Pressuposição:** quando uma determinada proposição é assumida como verdade, ou seja, verdade por meio de um acordo prévio;

(25) **Exemplo:** *Joe cut a log.* / Joe cortou um tronco. (GIVÓN, 1984, p. 285).

- (ii) **Asserção *realis*:** quando a proposição é verdade, porém o ouvinte pode vir a refutá-la, ou seja, quando pode classificar algo como verdadeiro ou falso;

(26) **Exemplo:** *Joe will cut a log.* / Joe cortará um tronco. (GIVÓN, 1984, p. 285).

- (iii) **Asserção *irrealis*:** quando a proposição é declarada de forma fraca, mas de modo que seja possível ou necessária, ou seja, quando se trata de uma verdade possível;

(27) **Exemplo:** *Maybe Joe caught a whale.* / Talvez Joe tenha pegado uma baleia. (GIVÓN, 1984, p. 285).

- (iv) **Asserção *negada*:** a proposição é tida como falsa, indo contra ao que o ouvinte acredita, porém o falante tem como sustentar o que está colocando como proposição.

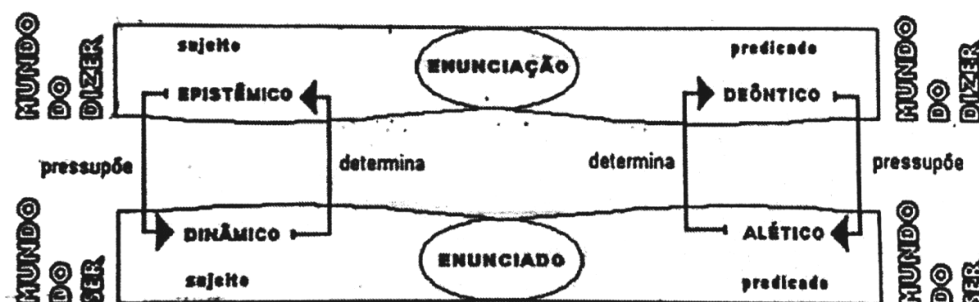
(28) **Exemplo:** *Joe not wanted a whale.* / Joe não quis uma baleia. (GIVÓN, 1984, p. 285).

De acordo com Neves (2011), a Modalidade é relacionada a determinadas características que envolvem “modalmente” uma determinada ação, esse envolvimento é de acordo com o que sentimos, cremos ou a nossa vontade. Segundo Araújo, Coan e Pontes (2016), no que se refere à proposição, esta pode ter noção de certeza ou incerteza,

possibilidade, obrigação, dentre outras, por exemplo⁷: “Estou certa de que deve aguentar as humilhações”. A Modalidade referente a “estou certa” é a de certeza, porém é acoplada à forma verbal “deve”. Desse modo, a proposição possui uma noção de obrigação que está associada a uma necessidade.

Conforme Neves (2006), há dois grandes tipos de Modalidade, que são: a epistêmica, a qual consiste no conhecimento e na crença, e a não epistêmica, quando designa permissão, obrigação ou capacidade. Nessa última, inclui-se a deôntica, a qual designa uma obrigação e a dinâmica, que trata de habilidade e volição ou capacidade. Assim, são apontadas, pela autora, as quatro Modalidades tradicionais: epistêmica, dinâmica, deôntica e alética, cujas relações podem ser esquematizadas, segundo Neves (2006), da seguinte maneira:

Figura 6 – Relações das Modalidades tradicionais



Fonte: Neves (2006, p. 163)

Essas Modalidades, segundo Neves (2006), em um processo de produção de enunciado, indicam: (i) a Modalidade epistêmica é orientada para o sujeito da enunciação. Essa Modalidade é relacionada ao conhecimento, à opinião ou à crença e o falante pode ou não estar comprometido com ela; (ii) a Modalidade dinâmica é orientada para o sujeito do enunciado, assim, está relacionada à capacidade de um determinado sujeito de realizar uma atividade; (iii) a Modalidade deôntica é orientada para o predicado da enunciação, implicando o traço [+ controle], a qual está relacionada ao que se deve fazer e (iv) a Modalidade alética que é orientada para o predicado do enunciado, que tem relação com o caráter verdadeiro ou falso das proposições. Sobrepõe-se à atitude do sujeito e é por isso que está mais próxima do objeto.

Em consonância com os estudos de Pontes (2012), consideramos que a Modalidade, em espanhol, pode vir a ser codificada de várias maneiras, umas dessas maneiras

⁷O exemplo foi elaborado pela autora desta pesquisa.

que expomos e destacamos diz respeito ao modo verbal e às perífrases modais. Conforme Duarte (2005), as formas verbais do indicativo podem expressar uma oposição que existe, entre a realidade e a não realidade das ações. As expressões se dão em perspectivas objetivas, dão-se novas informações e o conteúdo do que se fala é considerado seguro. O indicativo dá uma ideia de certeza, no enunciado expresso pelo falante. Já no subjuntivo, para a autora, as expressões se dão em perspectivas subjetivas, ou seja, não são acrescentadas informações novas e o conteúdo é considerado incerto, dependendo do contexto. A respeito desse assunto, podemos citar o exemplo a seguir de Araújo, Coan e Pontes (2016, p. 394).

(29) **Exemplo:** *Marina corre todas las mañanas.* / Marina **corre** todas as manhãs.
(ARAÚJO; COAN E PONTES, 2016, P. 394).

As formas verbais de indicativo expressam realidade e as de subjuntivo não-realidade. O sentido empregado à realidade/não-realidade é referente às ações concretas (possível de se realizar) ou ações hipotéticas em si (podem não se realizar, ou seja, são prováveis) (MILANI, 2006). Segundo a autora, no indicativo, afirmamos ou negamos fatos que de alguma forma ocorrem, ocorreram ou, ainda, vão ocorrer realmente. Desse modo, o indicativo, que é efetivo, é referente à expressão da realidade na concretização das ações e o subjuntivo, que é não-efetivo, expressa possibilidade, ou seja, é referente à não-realidade no cumprimento das ações.

Por último, apresentamos alguns dos valores modais que as formas imperfectivas podem assumir, vejamos:

- **Imperfeito de cortesia:** apresenta ideia de contrariedade de um desejo e de frustração, porém há um tom de cortesia.

(30) **Exemplo:** *¿y usted qué deseaba joven?* (Arniches, *La gentuza*)./ E o que desejava o senhor? (FERNÁNDEZ RAMÍREZ, 1986, p. 269).

- **Imperfeito desiderativo:** supõe inspiração ou ocorrência.

(31) **Exemplo:** *De qué buena gana me bebía un vaso, con este calor.* / De boa vontade bebia um copo, por causa desse calor. (Arniches, *La pobre nina*). (FERNÁNDEZ RAMÍREZ, 1986, p. 269).

- **Imperfeito de exclamação ou desculpa:** é referente a fatos recentes e há um desejo de se desculpar ou justificar algo.

(32) **Exemplo:** *Ay, si, hijo, que no me acordaba!* (Arniches, *La flor del barrio*). / *Ai, sim, filho, é que não me lembrava.* (FERNÁNDEZ RAMÍREZ, 1986, p. 270).

- **Imperfeito de surpresa:** expressão de surpresa do falante perante aos fatos.

(33) **Exemplo:** *Ah! ¿Pero estudiaba usted para sacerdote* (Arniches, *La pobre niña*). / *Ah! Mas o senhor estudava para ser sacerdote?* (FERNÁNDEZ RAMÍREZ, 1986, p. 269).

- **Imperfeito lúdico:** normalmente está presente em jogos infantis e explora a fantasia.

(34) **Exemplo:** *Oye, qué divertido! Tú eres el que iba remando, la mar estaba muy revuelta.* (R. Sánchez Ferlosio, *El Jarama*). / *Oi, que divertido! Você é o que ia remando, o mar estava muito agitado.* (FERNÁNDEZ RAMÍREZ, 1986, p. 270).

Os estudos que antecederam este deram uma base significativa para a idéia se desenvolver, pois algumas características encontradas nestes estudos serviram para dar um adiantamento na pesquisa, como a importância do Aspecto na língua espanhola para os estudos das formas imperfectivas de passado em questão.

Conforme Pontes (2012, p. 65), “a Modalidade codifica a atitude do falante, seu julgamento acerca da informação, ou seja, tem a ver com a reação do falante em relação ao conteúdo proposicional do enunciado”. Na abordagem funcional, consideraremos as modalidades nos seus tipos de asserções *realis* e *irrealis*, conforme os estudos de Givón (1984). Estas asserções (*realis* e *irrealis*) serão consideradas pelo fato de as formas verbais em estudo expressarem, com mais frequência, a oposição entre realidade e não-realidade, no sentido de que podem ser expressas com ações mais concretas, possíveis de realizações ou como ações hipotéticas. Por fim, este estudo contribuirá para a ampliação do conhecimento quanto à variação das formas imperfectivas.

3.4 Formas verbais imperfectivas de passado em espanhol

Logo após a apresentação das categorias Tempo, Aspecto e Modalidade já com explicações que envolvem as formas verbais imperfectivas, vale, ainda, ressaltar alguns pontos a respeito da perífrase imperfectiva de passado e do pretérito imperfeito do indicativo.

Há uma escassez de pesquisas empíricas das formas perifrásticas, segundo Genta (2008), embora haja trabalhos que tenham como foco as perífrases imperfectivas de passado em espanhol, muitas das explicações e apresentações são de natureza categorial, não contemplando os usos e funções dessas formas, como os trabalhos de: Lenz (1935), Gili Gaya (1943), RAE (1983), Gómez Torrego (1988), Alarcos Llorach (1994). Porém, essa escassez já vem desde quando houve a dificuldade desta categoria ser aceita como parte do sistema verbal do espanhol.

Conforme Genta (2008), a ausência dessa categoria no latim clássico se deve, basicamente, ao seu caráter sintético. As formas verbais analíticas (perífrases verbais) só tiveram rápida aparição nas novas línguas românicas quando houve a ruptura das formas sintéticas junto com a fragmentação do sistema aspectual frente a incorporação de novos valores temporais. Somente no começo do século XX as perífrases verbais começam a ser estudadas de forma sistemática. Nas gramáticas espanholas, destaca-se *La oración e sus partes* de Lenz (1935), pois foi o primeiro estudioso que deu uma atenção maior sobre essas formas verbais. Em geral, não há interesse no estudo das perífrases verbais nos estudos descritivos do sistema verbal espanhol. Desse modo, quase não há trabalhos sobre essas formas analíticas no espanhol.

A gramática que apresentou novidade na apresentação das perífrases foi a de Matte Bon (2003, p. 135) que tem uma parte que analisa a função das perífrases verbais:

“A função das perífrases verbais é a de permitir ao enunciador apresentar seu ponto de vista sobre os fatos extralinguísticos aos que está se referindo. A perífrase verbal [...] com frequência não funciona no nível referencial da linguagem, mas melhor no metalinguístico, no que o enunciador se expressa sobre os fatos extralinguísticos aos que está se referindo.” (MATTE BON 2003, p. 135, tradução nossa)⁸

⁸ “La función de las perífrasis verbales es la de permitir al enunciador presentar su punto de vista sobre los hechos extralingüísticos a los que está refiriendo. La perífrasis verbal [...] con frecuencia no funciona en el nivel referencial del lenguaje, sino más bien en el metalingüístico, en el que el enunciador se expresa sobre los hechos extralingüísticos a los que está refiriendo.” (MATTE BON, p. 135)

É a gramática que considera o valor comunicativo das perífrases verbais. Assim, aproxima-se de modo interessante desse fenômeno. Apesar das dificuldades, é interessante continuar essa tentativa de cada vez mais incluir as perífrases imperfectivas em espanhol nas pesquisas descritivas. Desse modo, há o desenvolvimento da ciência no âmbito linguístico.

No que tange ao pretérito imperfeito do indicativo podemos afirmar de acordo com Torrens Álvarez (2007, p. 109) que esta forma conserva o seu valor descritivo que continha do latim, a qual deriva de sua caracterização aspectual imperfectiva. Conforme Brucat (2001, p.1), o pretérito imperfeito apresenta três valores básicos que são:

1. Possui aspecto imperfectivo, ou seja, quando há expressão de ações, processos ou estados do passado em uma visão inacabada;

(35) *Al mediodía, llovía.* / Ao meio-dia, chovia. (BRUCAT, p. 1, tradução nossa)

2. Coincide com um passado, como a expressão de ações, processos ou estados do passado como coincidentes de maneira temporal com outra ação passada que existe no determinado contexto;

(36) *Los saludé cuando se iban.* / Saludei-os quando iam. (BRUCAT, p. 1, tradução nossa)

3. Possui aspecto iterativo, habitual ou cíclico, no qual pode ser verificado um número indefinido de ações no passado.

(37) *Salía del trabajo a las seis.* / Saía do trabalho às seis. (BRUCAT, p. 1, tradução nossa)

Segundo a concepção de Alegre (2007), é importante ressaltar que em relação ao entendimento do imperfeito é que, quando se faz referência a uma ação não acabada, faz-se referência a um determinado momento do passado, porém, no momento atual, a ação não acabada naquele momento do passado, já deve ter sido concluída ou não mais se deter nela. Desse modo, entende-se que, de maneira categorial, não se pode afirmar que a ação já teve seu fim definido em um momento posterior.

Por fim, temos as considerações necessárias sobre a relação das formas verbais imperfectivas de passado com o complexo TAM e, ainda, alguns pontos relevantes sobre suas caracterizações que auxiliarão na análise das formas verbais em estudo no espanhol.

3.5 Síntese do capítulo

Neste capítulo, explanamos sobre as categorias Tempo, Aspecto e Modalidade e a sua relação entre as formas imperfectivas de passado. Sobre Tempo, abordamos o seu conceito, de acordo com Givón (1984), e, também, apresentamos as propostas de sistematização de Reichenbach (1947), pois nos auxiliam em obter um melhor entendimento do pretérito imperfeito e das perífrases, ainda, expomos considerações de Pontes (2012) sobre o tempo verbal imperfectivo, o qual, também, é um importante auxílio para a presente pesquisa e, por fim, são apresentados os valores e exemplos de pretérito imperfeito.

Em relação ao Aspecto, expomos o conceito de acordo com Comrie (1976) e, também, a diferença entre Tempo e Aspecto verbal, pois auxilia nos estudos voltados à imperfectividade. Ainda, em relação ao Aspecto, é ressaltado o contraste que há entre o Aspecto Lexical e o Aspecto Gramatical, assim como a explanação sobre o Aspecto composicional. A importância de apresentar esses tipos de Aspectos se dá pela combinação destes para o falante expressar uma determinada situação, de maneiras distintas. Por último, apresentamos os valores aspectuais que podem ser expressos na forma de pretérito imperfeito do indicativo e nas formas perifrásticas.

Já no tocante à categoria Modalidade, explicitamos a diferença entre Modo e Modalidade e, conseguinte, a explicação com mais detalhes da Modalidade, segundo Givón (1984, 1995), Neves (2006, 2011), Araújo, Coan e Pontes (2016). Desse modo, apresentamos os principais tipos de Modalidade e diferentes exemplos. Assim como, diferentes atitudes que os falantes podem tomar quando diz respeito à informação anunciada por formas verbais imperfectivas de passado.

Por fim, apresentamos alguns pontos pertinentes das formas verbais imperfectivas de passado, pontuando as principais características que servirão como apoio para a análise.

No decorrer deste capítulo, exploramos as categorias Tempo, Aspecto e Modalidade (TAM) com a finalidade de caracterizar a expressão do passado imperfectivo em espanhol. No capítulo que segue a este, apresentaremos a metodologia que conduziu o estudo da variação linguística das formas verbais imperfectivas de passado em espanhol.

4 METODOLOGIA

É melhor se arrastar pelo caminho do que correr fora dele.
Santo Agostinho

O conhecimento científico deve ser verificável, pois, como afirma Gil (2008), a ciência almeja chegar à conclusão de que os fatos são verídicos. Para isso, é necessário, pelo meio metodológico, chegar-se a um fim. No caso deste trabalho, o meio é a análise sociofuncional das formas verbais imperfectivas de passado do modo indicativo. No entanto, para se chegar ao fim, são necessários procedimentos e técnicas, os quais serão apresentados nas seguintes seções.

4.1 Contexto da pesquisa

Com o objetivo de analisar, sob o viés sociofuncionalista, as formas imperfectivas de passado do espanhol, foi adotada a pesquisa descritivo-explicativa, visto que, para Gil (2008), a descritiva é estudo de relações entre variáveis ou na descrição do comportamento de fenômenos, já a explicativa é uma investigação que busca motivações/explicações para determinados fenômenos. Assim, esta pesquisa é descritiva-explicativa, pois foi descrito o fenômeno de variação linguística nas formas aspectuais imperfectivas de passado em espanhol nas enunciações orais, para depois ser explicado por meio da análise dos contextos linguísticos e extralinguísticos dos fatores, analisados com base na Sociolinguística variacionista e no Funcionalismo givoniano, vinculando esta pesquisa à proposta do Sociofuncionalismo.

O presente trabalho é dedutivo e indutivo, visto que a dedução, nesta pesquisa, dá-se quando, a partir da análise das ocorrências, há como confirmar ou não as hipóteses. A indução ocorre quando há a manipulação dos dados e, com esta etapa, foi possível generalizar as particularidades da variação das formas imperfectivas de passado. É possível uma pesquisa ser dedutiva e indutiva, segundo Givón (1995).

A natureza adotada para a nossa pesquisa foi a quali-quantitativa e teve como suporte teórico e métodos de análise a Sociolinguística variacionista, proposta por Labov (1972a, 1978, 1994, 2001, 2003, 2010), Beatriz Lavandera (1978), Silva-Corvalán (2001), Company Company (2003), López Morales (2004) e Blas Arroyo (2005); o Funcionalismo givoniano (GIVÓN, 1984, 1990, 1995, 2001 e 2005) e o Sociofuncionalismo, de acordo com Tavares (2003). A pesquisa de natureza quantitativa é importante, pois possibilitou a verificação do número de ocorrência das variantes em seus contextos de uso. Dado ao que

ocorre na natureza quantitativa, a qualitativa possibilitou o desenvolvimento de padrões numéricos que foram percebidos nos dados verificados.

4.2 Métodos de procedimento

4.2.1 Procedimento para coleta de dados

Para Lakatos e Marconi (2001), as técnicas, as quais podem ser processos utilizados pela ciência, são a parte prática, logo, referem-se à coleta de dados. Quanto à técnica da pesquisa, as autoras fazem duas divisões: (i) a documentação indireta, na qual está inserida a pesquisa documental e a bibliográfica e (ii) a documentação direta, que é realizada por meio da observação, questionário, e outras técnicas da mesma natureza.

A pesquisa documental e a pesquisa bibliográfica são muito similares, pois, segundo Gil (2008), desenvolvem-se com base em materiais já elaborados, materiais que podem ser livros e artigos científicos. Para Lakatos; Marconi (2001), é por meio destes tipos de pesquisas que o pesquisador pode conhecer os estudos de um determinado trabalho. A diferença nos dois tipos de pesquisas é que a primeira, segundo Gil (2002), é composta por materiais que ainda podem ser reelaborados, mas levando em consideração o objeto da pesquisa e, também, materiais que ainda não receberam um tratamento estatístico. Nosso trabalho é pesquisa documental, pois recorreu a um *corpus*, porém não é um *corpus* elaborado por nós, mas por uma instituição. Enquadra-se, também, na pesquisa bibliográfica, devido a um levantamento de estudos do tema trabalhado, ou seja, fez-se necessário conhecer os trabalhos de outros pesquisadores sobre as formas imperfectivas de passado. A busca foi por, principalmente, em artigos científicos, livros, dissertações e teses. O que a procede é a coleta e análise dos dados em *corpus* já coletado e organizado.

Além das pesquisas que envolvem fontes provenientes de papeis, há também fontes que são provenientes de coleta de dados em pesquisa de campo (GIL, 2002). Nosso estudo não é propriamente um estudo de campo, pois o *corpus* utilizado foi organizado por pesquisadores do Departamento de Língua Espanhola da Universidade de Granada. Eles tiveram de coletar os dados em contextos de fala real de espanhóis, mais especificamente de granadinos.

4.2.1.1 Delimitação do universo

Para realização do mapeamento e a análise do fenômeno de variação linguística nas formas imperfectivas de passado do espanhol, utilizamos os dados do *Proyecto para el*

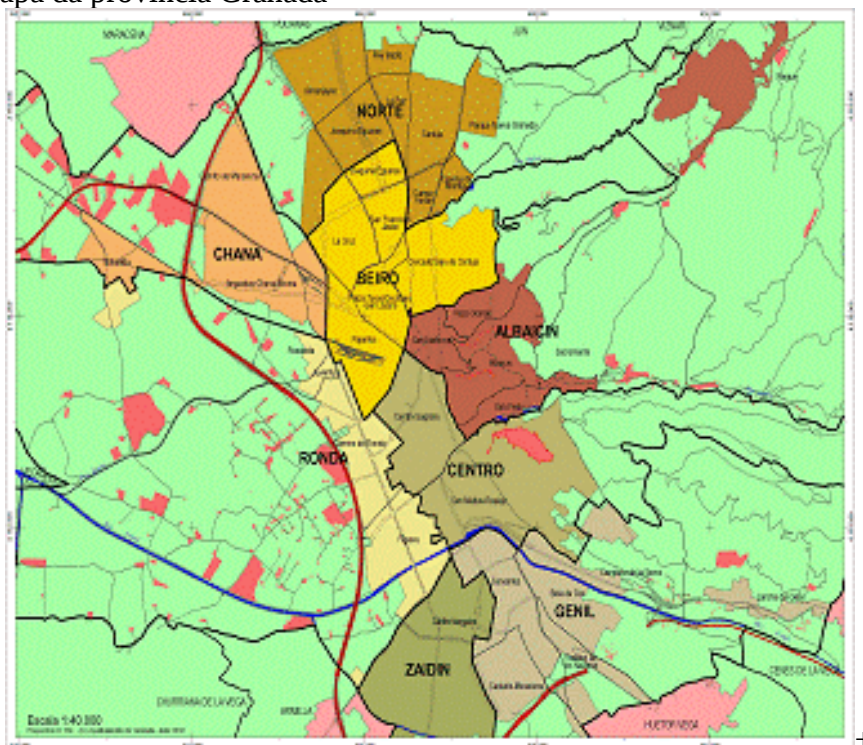
Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América (PRESEEA – Granada). Os pesquisadores da Cidade de Granada, quando se inserem nos estudos sociolingüísticos do projeto PRESEEA, incluem-na, simultaneamente, no conjunto de cidades interessadas pelo estudo sociolingüístico de sua variedade na fala. O material está disponível por meio da publicação de livros, os quais estão entre os trabalhos do Projeto de pesquisa *Estudio Sociolingüístico del Corpus de Español de Granada* (Projeto ESCEGRA). O projeto de *corpus* está sendo organizado pelos componentes do grupo de pesquisa da Universidade de Granada (*Estudios de Español actual*): María Jesús Bedmar Gómez, Emilio García Wiedemann, Esteban T. Montoro del Arco, Juan Antonio Moya Corral (coordenador), Francisca Pose Furest, Marcin Sosinski e María Concepción Torres López.

O objetivo do PRESEEA é o de reunir um amplo corpus oral com amostras de cidades hispânicas (América e Espanha). Pode-se perceber por sua metodologia e apresentação de seus dados que é um *corpus* tecnicamente adequado e sociolingüisticamente representativo no seu objetivo. Para manter a homogeneidade dos materiais orais, o *corpus* dispõe de uma metodologia rigorosa que tem como principais diretrizes as seguintes, expostas no próprio projeto de pesquisa:

- a) Estudo de comunidades mono ou bilíngues e que tenham mais de cem mil habitantes que falam espanhol;
- b) Os informantes devem ser nascidos na comunidade ou, ainda, que tenham vivido durante certo tempo;
- c) Os informantes são selecionados de acordo com sexo, idade e escolaridade estabelecidos;
- d) A quantidade de informantes se dá de acordo com o volume da população da comunidade. Se a cidade tiver menos de um milhão de habitantes, o número de informantes deve ser 54. Se a cidade contiver mais que a quantidade mencionada de habitantes, devem ser selecionados 72 ou 108 falantes. Pode-se segmentar a cidade em setores ou bairros representativos;
- e) Os materiais são conseguidos por meio de gravações e conversas semidirigidas com vários temas que possibilitem diferentes tipos de discursos;
- f) As gravações devem conter a duração de 45 e 90 minutos;
- g) A transcrição dos materiais segue as normas internacionais TEI (Text Encoding Initiative), com sistema de anotação baseado no sistema XML.

Granada é uma província da comunidade autônoma da Andaluzia. Dentre os 168 municípios da província, o mais importante é a capital Granada, pois nossos estudos se concentraram nela, por haver muitas ocorrências das formas verbais imperfectivas em estudo. A Província de Granada é composta por oito distritos e 36 bairros.

Figura 7 – Mapa da província Granada



Fonte: Moya Corral (2007, p. 18, mapa 3)

A seguir, apresentamos uma tabela com o número da população dos bairros da capital Granada, a qual nos possibilita obter uma representatividade da população total de Granada:

Tabela 1–População dos bairros de Granada (2006-2008)

BAIRRO		POPULAÇÃO	%	POPULAÇÃO	%
		2006	2006	2008	2008
ALBAICÍN	Albaicín	5.442	2,3	6.224	2,6
	Fargue	511	0,2	734	0,3
	Haza Grande	2.050	0,9	2.299	1
	Sacromonte	177	0,07	234	0,1
	San Ildefonso	3.848	1,6	4.822	2
	San Pedro	1.817	0,8	2.222	0,9
	TOTAL	13.845	5,8	16.535	7
BEIRO	Cercado bajo de Cartuja	2.331	1	2.658	1,1
	Joaquina Egvaras-Beiro	2.611	1	3.089	1,3

	La Cruz	4.351	1,8	5.043	2,1
	P.Toros-Doctores-S.Lázaro	5.900	2,5	6.803	2,9
	Pajaritos	7.783	3,3	8.829	3,7
	S. Francisco Javier	2.661	1,1	3.100	1,3
	TOTAL	25.647	10,8	29.522	12,5
CENTRO	Centro-Sagrario	13.396	5,6	15.938	6,7
	San Marías-Realejo	14.290	6	17.221	7,2
	TOTAL	27.686	11,6	33.159	14
CHANA	Angustias-Chana-Encina	18.396	7,7	20.793	8,8
	Bobadilla	269	0,1	442	0,2
	Cerrillo de Maracena	5.133	2,1	6.230	2,6
	TOTAL	23.797	10	27.465	11,6
GENIL	Bola de Oro	3.250	1,4	3.377	1,4
	Camino de losNeveros	1.062	0,4	1.893	0,8
	Carretera de laSierra	4.342	1,8	5.103	2,1
	CastañóMirasierra	6.049	2,5	6.739	2,8
	Cervantes	14.143	5,9	16.335	6,9
	Lancha delGenil	1.133	0,5	1.180	0,5
	TOTAL	29.979	12,6	34.627	14,6
NORTE	Almanjáyar	5.130	2,1	6.728	2,8
	Campo verde	2.375	1	2.886	1,2
	Cartuja	7.326	3	8.781	3,7
	Casería de Montijo	2.863	1,2	3.569	1,5
	Joaquina Eguaras-Norte	5.726	2,4	7.067	3
	La Paz	3.317	1,4	3.355	1,4
	Parque Nueva Granada	2.340	1	2.849	1,2
	Rey Badis	2.206	1	2.534	1,1
	TOTAL	31.283	13,1	37.769	15,9
RONDA	Camino de Ronda	21.196	9	24.507	10,3
	Fígares	20.179	8,5	23.310	9,8
	Juventud	922	0,4	1.076	0,4
	Rosaleda	1.719	0,7	2.234	0,9
	TOTAL	44.016	18,5	51.127	21,5
ZAIDÍN	Zaidín-Vergeles	41.666	17,5	47.926	20,2
GRANADA	TOTALES	237.929	100	236.988	100

Fonte: Moya Corral (2008, p. 12 e 13, tabela 5)

Moya Corral (2008) salienta que não houve mudanças significativas de 2008 para 2009. Dessa forma, não se fez necessário elaborar uma tabela do ano de 2009 sobre a população dos bairros de Granada. A seguir, para uma melhor demonstração da população

quanto à idade, fator que foi controlado, expomos a tabela das porcentagens da população por bairros e idade:

Tabela 2–Porcentagens da população por bairros e idade (2008)

FAIXA ETÁRIA					
DISTRITOS	BARRIOS	0-19	20-34	35-54	>55
ALBAICÍN	Albaicín	1.077	10.671	1.963	1.513
	Fargue	138	142	199	255
	Haza Grande	604	528	671	496
	Sacromonte	35	63	67	69
	San Ildefonso	733	1.278	1.242	1.569
	San Pedro	305	606	689	622
	TOTALES	2.892	4.288	4.831	4.524
BEIRO	Cercado bajo de Cartuja	455	661	755	787
	Joaquina Eguaras-Beiro	682	884	1.034	489
	La Cruz	963	1.271	1.476	1.293
	P.Toros-Doctores-S.Lázaro	990	1.662	1.662	2.449
	Pajaritos	1.656	2.255	2.250	3.068
	S. Francisco Javier	537	806	880	837
	TOTALES	5.283	7.539	8.057	8.923
CENTRO	Centro-Sagrario	2.398	3.934	4.319	5.287
	San Marías-Realejo	2.656	4.238	4.923	5.404
	TOTALES	5.054	8.272	9.242	10.691
CHANA	Angustias-Chana-Encina	3.886	5.017	5.894	5.996
	Bobadilla	107	81	124	130
	Cerrillo de Maracena	1.509	1.353	2.223	1.109
	TOTALES	5.502	6.451	8.241	7.235
GENIL	Bola de Oro	868	687	1.183	639
	Camino de losNeveros	566	367	738	222
	Carretera de laSierra	1.088	1.121	1.671	1.223
	CastañoMirasierra	1.723	1.448	2.359	1.209
	Cervantes	3.242	3.986	4.519	4.588
	Lancha delGenil	259	250	358	313
	TOTALES	7.746	7.859	10.828	8.194
NORTE	Almanjáyar	1.766	2.052	2.002	908
	Campo verde	431	821	657	977

	Cartuja	2.296	2.455	2.232	1.798
	Casería de Montijo	820	1.066	1.004	679
	Joaquina Egvaras-Norte	1.886	1.732	2.511	968
	La Paz	885	750	843	877
	Parque Nueva Granada	710	771	978	390
	Rey Badis	984	671	577	302
	TOTALES	9.778	10.318	10.804	6.899
RONDA	Camino de Ronda	3.985	5.712	5.614	8.836
	Fígares	3.749	5.707	6.049	7.805
	Juventud	272	262	366	206
	Rosaleda	532	502	723	477
	TOTALES	8.538	12.183	12.752	17.324
ZAIDÍN	Zaidín-Vergeles	8.569	11.929	12.449	14.979
GRANADA	TOTALES	53.362	68.739	77.204	78.769
		(22,5%)	(29%)	(22,6%)	(33,2%)

Fonte: Moya Corral (2008, p. 14 e 15, tabela 6)

Com as informações expostas anteriormente e em conjunto com as regras do Projeto PRESEEA, o projeto PRESEEA – Granada, primeiramente, conta com três grupos de gerações, a saber: (i) é formado por pessoas que tem entre 20 e 34 anos de idade, (ii) entre 35 e 54 e (iii) as pessoas que têm mais de 55 anos. Em segundo lugar, a população está dividida de acordo com o sexo: homens e mulheres. Por fim, há a escolaridade: o primeiro grupo inclui pessoas com até 10 anos de escolarização (Fundamental); o segundo com 10 a 14 anos de estudos (ensino médio) e o terceiro com 15 anos de escolarização (ensino superior), esses anos de escolarização são de forma aproximada.

O número total de informantes do projeto PRESEEA – Granada foi de 54 indivíduos. Posto que a população que tem mais de 20 anos é de 193.175 habitantes. Assim, o estudo leva em consideração os estudos de Labov (1966) *apud* Moya Corral (2008, p. 19), que para uma população de 100.000 habitantes, basta selecionar 25 falantes, ou seja, 0,025% da população. Portanto, a pesquisa só está um pouco acima dessa porcentagem com apenas 0,0279% dos habitantes, visto que 54 de 193.175 pessoas tem como resultado essa porcentagem. Com esta organização, o *corpus* tem o total de 54 entrevistas divididas em três níveis de estudos: Alto, médio e baixo.

O material do projeto foi coletado nos anos 2007 a 2009, pelos organizadores do *corpus*. Os dados foram coletados por meio de gravações de conversas semidirigidas, pois o entrevistador tinha que estimular a participação dos informantes e dirigir a conversa com a finalidade de conseguir o maior número de diferentes tipos discursivos, como, pelo menos: o

narrativo, o descritivo, o argumentativo, o expositivo e o dialogal. Como afirma Labov (1983), o objetivo do entrevistador é fazer com que o informante se aproxime do registro espontâneo. E as entrevistas tiveram duração em torno de 45 minutos. Juntamente com a entrevista, o entrevistador deve aplicar um questionário com a finalidade de conseguir informações pessoais dos informantes que compõem a amostra. Com essas informações adicionais, como o bairro onde reside o informante, a sua carreira, o que lê, percebe-se que não só o indivíduo em si é estudado, mas também o seu entorno social.

A etapa que sucede as gravações das conversas é a transcrição com ortografia comum. As transcrições devem ser etiquetadas de acordo com a Text Encoding Initiative (TEI) (SPERBERG-MCQUEEN E BURNARD, 2002; ALVAR EZQUERRA E VILLENA, 1994). Os organizadores do Projeto PRESEEA – Granada deixam de expor que algumas informações adicionadas aos textos foram modificadas com o intuito de entrar em consonância com o projeto, pois, depois de um tempo, alguns detalhes de transcrição foram modificados.

Desse modo, quando terminada a preparação dos textos para a sua edição, os pesquisadores substituíram ou suprimiram algumas marcas e etiquetas que haviam sido incorporadas, assim, deu-se origem aos textos sem etiquetas. Logo, o corpus é composto por duas versões de textos: (i) etiquetados segundo a proposta de Ávila, Vida e Lasarte (2006) *apud* Moya Corral (2007, p. 51) e (ii) não etiquetados para facilitar a leitura. Os critérios de adaptação desses textos foram discutidos em várias reuniões e o responsável foi o Doutor Montoro del Arco. Sendo assim, há duas versões de textos das 54 entrevistas, sendo uma mesma entrevista em uma versão etiquetada e em outra versão não etiquetada.

Há presente no corpus, também, o cabeçalho, composto pelas principais informações da entrevista, o qual acompanha os textos etiquetados. As informações são divididas em arquivo de áudio, transcrição da entrevista, participantes, transcrições e revisores das diferentes versões. Vejamos nos quadros a seguir a composição do cabeçalho nos níveis de escolaridade alto, médio e baixo:

Quadro 1: Documentação do arquivo de áudio

<ficha = Entrevista Granada19 = GRAN-H12-019>	Localização da ficha eletrônica
<formato = arquivo digital = PRESEEA-GRANADA-19.wav >	Suporte, formato e tipo de gravação
<duração = 46’19’’>	Duração da entrevista (em minutos e segundos)
<idioma = espanhol>	Idioma em que se desenvolve a pesquisa

<texto = oral>	Caráter do texto
<corpus = PRESEEA-GRANADA>	Corpus ao qual pertence
<Data de gravação = 20-02-08>	Data de gravação
<cidade = Granada>	Lugar de gravação

Fonte: Moya Corral (2008, p. 31) Tradução nossa

Quadro 2: Documentação da transliteração

<transcrição = Francisca Pose Furest>	Nome da transcritora
<data de transcrição = 2008>	Data que se realizou a transliteração
<revisão 1= Esteban Tomás Montoro del Arco>	Nome do primeiro revisor
<revisão 2= Emilio J. García-Wiedemann>	Nome do segundo revisor
<revisão 3= Juan Antonio Moya Corral>	Nome do terceiro revisor
<Microsoft Windows XP®, Microsoft Word 2003®>	Programa de tratamento de dados empregados para a transliteração

Fonte: Moya Corral (2008, p. 32) Tradução nossa

Quadro 3: Documentação sobre os informantes e entrevistadores e suas relações

<código informante = GRAN-H12-019>	Identificação do informante: [GRAN: origem] [H. Homem; M: mulher] [grupo de idade: 1, 2, 3] [Nível de estudos: 1, 2, 3] [019: número de identificação]
<informante = I>	Todos os informantes se identificam com a inicial I(nformante)
<entrevistador = M ^a Concepción Torres López = E>	Nome da entrevistadora e inicial E(ntrevistadora)
<dados informante = 21 anos, homem, instrução ensino médio, atendente>	Características sociológicas elementares do informante
<dados entrevistador = 43 anos, mulher, instrução superior, professora de ensino médio>	Características sociológicas elementares da entrevistadora
<origem = I, E = Granada>	Lugar de nascimento de I, E
<papéis= I, E = parentes>	Tipo de relação entre os sujeitos I, E
<lugar de gravação = casa do informante>	Lugar onde se realizou a gravação
<interação = conversa semidirigida>	Tipo de interação
<planificação = entrevista>	Grau de Planificação do discurso
<tipo de discurso = diálogo>	Tipo de discurso
<campo = não técnico>	Especialização do tema

	tratado
<teor = status = 2 >	Diferenças de status social entre I-E
<teor = idade= 1>	Diferenças de idade entre I-E
<teor = grau de proximidade = 0>	Grau de proximidade entre I-E

Fonte: Moya Corral (2008, p. 32) Tradução nossa

Há, ainda, presentes no *corpus*, as fichas técnicas. Elas são compostas por informações a respeito da gravação (data, lugar, duração, etc.), do informante (origem, idade, profissão, escolaridade, etc.) e do entrevistador (escolaridade, geração, relação com o informante, etc.) e estão no início das entrevistas sociolinguísticas. Estas fichas estão presentes nos textos de versões simplificadas, ou seja, os textos denominados não etiquetados, elas substituem o cabeçalho, o qual precede os textos etiquetados. Podemos conferir, na seguinte figura, um modelo de ficha técnica que antecede as entrevistas:

Figura 8 – Exemplo de ficha técnica do nível alto

HOMBRE, 29 AÑOS, UNIVERSITARIO, PROFESOR DE EDUCACION PRIMARIA

FICHA TECNICA

1. Código del informante: 31H-GR01
2. Fecha de grabación: 06-05-06
3. Lugar de la grabación: casa del entrevistador
4. Duración de la grabación: 42'53''
5. Observaciones sobre la entrevista (ruidos, incidencias, etc.):
6. Audiencia: ninguna
7. Entrevistadora: María Concepción Torres López
8. Datos de la entrevistadora: 32M
9. Relación Entrevistador/Informante:
 - a. Formalidad (tenor y estatus): igualdad
 - b. Formalidad (tenor y edad): informante menor
 - c. Formalidad (tenor y grado de proximidad): pariente
10. Datos personales del informante:
 - a. Origen: Granada
 - b. Otros lugares donde ha vivido: siempre en Granada
 - c. Edad: 29
 - d. Barrio: Zaidín-Vergeles
 - e. Grado de instrucción: universitario
 - f. Profesión: Profesor de Educación Primaria
 - g. Modo de vida: 2
 - h. Observaciones:
11. Transliteración: Francisca Pose Furest
12. Revisión 1ª: Esteban Tomás Montoro del Arco
13. Revisión 2ª: Juan Antonio Moya Corral
14. Revisión 3ª: Emilio J. García Wiedemann
15. Temas de la conversación: infancia, hermana, casa de campo, Primera Comunión, colegios, carrera universitaria, complementos de formación, primer trabajo, recetas de cocina, piso de la playa, actividades veraniegas, fines de semana, cine, pubs, discotecas, abuelos, oposiciones, viajes, tabaco, botellón, padres, Semana Santa, Grecia, Estados Unidos

Fonte: Moya Corral (2007, entrevista 1)

Podemos perceber que, no conjunto de informações que compõem os encabeçamentos e as fichas técnicas, também, estão explícitas informações dos informantes, entrevistadores e lugar onde foi feita a entrevista, são informações bastante relevantes para a pesquisa Sociolinguística.

4.2.1.2 Entrevista Sociolinguística

A Entrevista Sociolinguística é o corpus mais utilizado nas pesquisas variacionistas desde sua elaboração por Labov (1996, 2008 [1972], 1984) (TAVARES, 2015). Segundo Feagin (2003, p. 25), “a entrevista sociolinguística é o principal método da Sociolinguística quantitativa”. Conforme Tavares (2015), nesse viés de pesquisa, “a coleta de um grande número de dados é necessária para a aplicação de instrumentais estatísticos que revelam tendências quantitativas de distribuição social, linguística e estilística das formas variantes investigadas”. Porém, é preciso que a maioria das informações seja no vernáculo do informante. Na visão de Labov (2008 [1972]), o vernáculo consiste em um estilo em que o informante não se monitora na fala, fala de modo menos atencioso. Assim, o vernáculo é o melhor estilo para a coleta de dados casuais e espontâneos. Podemos encontrar o vernáculo com mais frequência em conversações informais (LABOV, 2001a).

Há estudiosos, como Tavares (2015), que consideram a Entrevista Sociolinguística um macrogênero textual, posto que, além de ser um gênero textual em si, também, abriga diferentes sequências discursivas, as quais são: narrativa, descritiva, argumentativa, expositiva e dialogal. Essas possibilidades de sequências discursivas foram possíveis porque os entrevistadores do *corpus* em estudo tinham a missão de estimular a participação dos informantes e dirigir a conversa para resultar nessa variedade sequências que a entrevista Sociolinguística pode comportar. O gênero textual tem como objetivo servir de corpus para os estudos da Sociolinguística Variacionista (FREITAG *et al.*, 2009; TAVARES, 2011, 2012).

As Entrevistas Sociolinguísticas, ainda, de acordo com os estudos de Labov, permitem resultados quantitativos sólidos, replicáveis e comparáveis entre si. Eckert (2001, p. 119) afirma que a entrevista sociolinguística tem como objetivo, também, a maximização da comparabilidade de amostras de fala de diversos falantes. Para a obtenção de um grande número de amostras de fala de diversos membros de uma determinada comunidade é necessário um entrevistador que possa estimular o informante a falar variados tópicos e manter a palavra por mais tempo possível, esse tempo depende de como o informante é

estimulado a falar. A presença de um entrevistador e um gravador gera o que define Labov (1972a) *paradoxo do observador*. Assim, há métodos para evitar esse paradoxo e consequentemente conseguir o vernáculo do informante por meio de provocações às emoções, visto que é nesse estilo que se obtêm os dados de forma mais sistemática para a análise da estrutura linguística. Em uma narrativa de experiência pessoal, o informante fica mais relaxado quanto ao que diz e isso possibilita o uso do vernáculo, quando, por exemplo, ele diz algo de sua vida que provoca emoções e assim as revive.

Nas palavras de Labov (2004, p. 31):

Na entrevista sociolinguística, as narrativas são um dos meios primários de redução dos efeitos da observação e da gravação. Quando se dissecam as mudanças de estilo na entrevista, as narrativas mostram consistentemente uma mudança na direção do vernáculo – isto é, na direção do estilo de fala que é aprendido primeiro e que é usado na comunicação diária com amigos e familiares.

Para Labov (2001), na narrativa, é possível recapitular as experiências passadas e sequência de situações que aconteceram. Por meio dela, tem-se a verbalização de experiências, fatos que ocorreram com o próprio informante. Assim, o contexto linguístico escolhido para as análises em questão é a narrativa de experiência pessoal, pois propicia as formas em estudo e, além disso, engloba as sequências discursivas mencionadas.

O corpus de nosso trabalho foi obtido por meio de entrevistas semidirigidas (MORENO FERNÁNDEZ, 1990; LÓPEZ MORALES, 1994; MILROY E GORDON, 2003). A entrevista semidirigida se dá quando o entrevistador possui vários temas de conversas com a finalidade de manter a conversa com o informante até esse último falar de forma espontânea e, assim, superar o *paradoxo do observador*, termo proposto por Labov (1972a).

4.2.1.3 Descrição da coleta de dados

O material coletado do PRESEEA - Granada foi selecionado de forma aleatória, porém foi escolhido de acordo com os critérios de seleção, os quais eram compostos por variáveis de estratificação (gênero, idade e nível de instrução para composição das células). Assim, sua composição foi: 2 sexos X 3 níveis de instrução X 3 grupos de idade X 3 informantes por célula. O material do PRESEEA - Granada possui dados dos informantes como: a profissão, as viagens e leituras, o *status* econômico, como vive, a indicação geográfica, sua origem, a classe social a que pertencia, a sua etnia e, também, informações subjetivas como atitudes, crenças. Desta forma, possui-se uma maior variabilidade da amostra por apresentar diferentes teores de informações.

Serão coletadas 36 das 54 entrevistas consideradas para a análise, de acordo com a escolha das variáveis de estratificação (3 níveis de instrução X 3 grupos de idade X 2 sexos X 2 informantes por célula). O número de informantes por célula, no caso de nosso trabalho é quatro, segue o que é considerado por Labov (2001), Guy e Zilles (2007), Freitag (2011) e Oliveira e Silva (2012), quanto à amostragem por célula. Esse número varia de 4 a 5 informantes, porém alguns bancos de dados do Brasil contam com apenas dois informantes por células em decorrência da questão financeira.

4.2.1.4 Descrição da análise de dados

Extraímos do *corpus* as formas imperfectivas de passado, mais pontualmente, as de pretérito imperfeito do indicativo e as perífrases imperfectivas. As variantes foram coletadas com a finalidade de perceber a variação entre estas duas formas mencionadas que competem para expressar o mesmo valor referencial, conforme explicitado na seção 5.1.1 *Sociolinguística variacionista*. Em seguida, os dados provenientes dessa coleta foram categorizados e analisados, de acordo com fatores linguísticos e extralinguísticos.

Quanto aos fatores linguísticos, consideram-se:

- **Nível semântico-lexical:** os tipos de verbo (atividade, processo culminado, culminação e estado), conforme Vendler (1957, 1967), foram adotados pelo fato de envolverem as noções de duratividade, dinamicidade e delimitação no eixo temporal. Controlando este tipo de grupo de fator, segundo Pontes (2012, p. 119), podemos verificar “de que forma o Aspecto inerente do verbo atua na composição do passado imperfectivo e na variação entre as formas do pretérito imperfeito e as perífrases imperfectivas de passado”. A seguir, vejamos alguns exemplos:

(39) **Estado:** *Ama a Salomé.* / Ama Salomé. (GARCÍA FERNÁNDEZ, 1998, p. 11).

(40) **Atividade:** *Camina por el parque.* / Caminha pelo parque. (GARCÍA FERNÁNDEZ, 1998, p. 11).

(41) **Processo culminado:** *Construyó la casa.* / Construiu a casa. (GARCÍA FERNÁNDEZ, 1998, p. 11).

- (42) **Culminação:** *Llegó a la estación.* / Chegou à estação. (GARCÍA FERNÁNDEZ, 1998, p. 11).

Ancorados nos estudos de Givón (1990, 2001), Freitag (2007), Pontes (2012) e Albuquerque (2015), hipotetizamos que os verbos de processo culminado favorecem o uso do pretérito imperfeito do indicativo e os verbos de estado favorecem o uso da forma perifrástica, pois acreditamos, assim como Bergareche (2004), que os verbos dinâmicos que são os processos culminados se diluem em uma leitura habitual que é ocasionada pelo contexto e pela intenção do falante (BERGARECHE, 2004). Desse modo, podemos hipotetizar que o pretérito imperfeito se expande para áreas funcionais em que, normalmente, o falante utiliza mais a perífrase, segundo Genta (2008).

- **Nível sintático-semântico:** examinamos como a presença ou ausência dos modificadores aspectuais se relacionaram com a expressão de progressividade, habitualidade e continuidade, valores que são codificados pelas variantes das formas imperfectivas de passado. Segundo Gómez Torrego (1988) apud Pontes (2012, p. 49, 50), no nível morfológico da Língua Espanhola, os morfemas da conjugação verbal objetivam indicar os valores aspectuais nos momentos temporais (anterior, atual e posterior), contudo “ainda há outros recursos linguísticos para designar o Aspecto, dentre os quais, as perífrases verbais constituem um dos meios sintáticos mais utilizados para expressar valores aspectuais”. Nessa perspectiva, no Aspecto imperfectivo do espanhol, podemos encontrar três subfunções condicionadas pelo contexto oracional e discursivo, a saber: progressiva, habitual e contínua. Como podemos perceber, com o foco no Aspecto, os estudos destas formas poderão ser mais pontuais.

- (43) **Progressivo:** Foca em um único ponto. **Ex.:** *A las cinco Juan **escribía** una carta, pero no sé si la terminó.* / Às cinco Juan **escrevia** uma carta, mas não sei se terminou. (GARCÍA FERNÁNDEZ, 1998, p. 20).

- (44) **Habitual:** O sujeito é caracterizado por predicados que expressam situações. **Ex.:** *Siempre **tomaba** té para desayunar.* / Sempre **tomava** chá para merendar. (GARCÍA FERNÁNDEZ, 1998, p. 20).

- (45) **Iterativo:** Repetição de uma determinada ação. **Ex.:** ... *con su angustia aún reflejada en su cara, **ignoraba** otra vez “mi angustia”*. / ...com sua angústia ainda refletida em sua cara, **ignorava** outra vez “minha angústia”. (El que vino a salvarme – Virgilio Piñera)⁹

Segundo Pontes (2012, p. 121), “os marcadores aspectuais nos auxiliaram na leitura aspectual da situação, pois fornecem indícios sobre os valores aspectuais”. A nossa hipótese, baseada nos estudos de Pontes (2012) e Albuquerque (2015), consiste em que os modificadores aspectuais ocorrem com mais frequência, acoplados ao pretérito imperfeito do indicativo, pois, de acordo com o princípio da expressividade retórica que resulta no equilíbrio cognitivo proposta por Dubois e Votre (1994), sendo que a forma menos marcada, o pretérito imperfeito do indicativo, vem acompanhada de modificador aspectual.

- **Tipos de sequência discursiva:** são estruturas presentes da língua que estão dispostas para o falante quando este quer organizar seu discurso. Quando essas estruturas são utilizadas em situações reais de comunicação, caracterizam os gêneros do discurso, as quais são marcadas com Tempo, Modo e Aspecto, pessoas do discurso que está em referência e unidades sintáticas e semânticas que são predominantes (PAREDES SILVA, 1999). São três as abordagens para as sequências discursivas que Paredes Silva (1999) aponta: (i) Abordagem da estrutura da entrevista sociolinguística; (ii) a influência do tipo de texto sobre determinada variável linguística; (iii) a caracterização de um determinado tipo de texto em decorrência de uma determinada variável linguística. Vejamos alguns exemplos:

- (46) **Exposição:** *Te estás gastando todos los días un dineral en gasolina para ir al trabajo.* / Está-se gastando um dinheirão em gasolina para ir ao trabalho. (MOYA CORRAL, 2009, entrevista 39).

- (47) **Narração:** *No recuerdo más de la comunión.* / Não lembro mais da comunhão. (MOYA CORRAL, 2009, entrevista 39).

⁹ Exemplo retirado de Pontes (2012, p. 144).

- (48) **Argumentação:** *Porque no hay dineros para echarle gasolina todos los días al coche.* / Porque não tem dinheiro todos os dias para a gasolina do carro. (MOYA CORRAL, 2009, entrevista 39).
- (49) **Descrição:** *Era blanco, muy normalito, como todos los vestidos de comuniones blanco.* / Era branco, muito normalzinho, como todos os vestidos de comunhões brancos. (MOYA CORRAL, 2009, entrevista 40).
- (50) **Diálogo:** *Que estoy en la gloria. Que yo creía que iba a ser un problema y que no que no lo es.* / Que estou na glória. Que eu acreditava que ia ser um problema e não é. (MOYA CORRAL, 2007, entrevista 14).

Quando uma forma está inserida em um contexto, assume características do contexto em que está inserida (FREITAG, 2007), assim, consideramos que o papel da sequência discursiva influencia no uso das variantes sob análise. A partir dos estudos de Rodrigues *et al.* (1996), acreditamos que o pretérito imperfeito tem maior ocorrência em sequências narrativas e descritivas, pois, segundo o autor, há uma correlação entre os tempos verbais e as situações comunicativas e formas menos marcadas, como o pretérito imperfeito do indicativo, tendem a aparecer em sequências comunicativas também menos marcadas.

- **Tipos de frase:** A atuação do tipo de frase determina a variante linguística. O objetivo do controle do tipo de frase é para que seja possível uma averiguação de uma correlação entre uma determinada configuração sintático-semântica e uma forma para expressão do passado imperfectivo (FREITAG, 2007).

- (51) **Afirmativa:** *Ayer tu novio estaba en Madrid.* / Ontem teu namorado estava em Madrid. (GARCÍA FERNÁNDEZ, 1998, p. 59).
- (52) **Interrogativa:** *¿Eres de Madrid?* / És de Madrid? (GARCÍA FERNÁNDEZ, 1998, p. 61).
- (53) **Negativa:** *Siempre fue español, en el exilio no renunció a su nacionalidad.* / Sempre foi espanhol. No exílio não renunciou a sua nacionalidade. (GARCÍA FERNÁNDEZ, 1998, p. 61).

(54) **Exclamativa:** *¡Cuánto tiempo!* / A quanto tempo! (GARCÍA FERNÁNDEZ, 1998, p. 48).

Embasados nos estudos de Pontes (2012), hipotetizamos que a forma de pretérito imperfeito do indicativo tende a aparecer nas orações afirmativas, pois há a concretização dos fatos e é a forma menos marcada. Desse modo, os granadinos tendem a utilizar mais essa forma.

- **Modalidade:** Para Givón (1984, 1995), tem relação com a codificação da atitude do falante perante uma informação, ou seja, do conteúdo proposicional do enunciado. A Modalidade abrange noções como a de realidade que pode ser verdadeira, falsa ou possível, entre outras. A primeira diz respeito a uma determinada existência factual em um determinado tempo real; a segunda aborda a possibilidade de não haver existência em nenhum tempo real, já a última corresponde a uma existência que poderia ter existido em algum tempo, porém esse tempo ainda está por vir (GIVÓN, 1984). Conforme Givón (2005), a Modalidade tem seus tipos redefinidos a partir do contexto pragmático-discursivo, a saber: pressuposição, asserção *realis*, asserção *irrealis* e asserção negada. Serão consideradas as asserções *realis* e *irrealis*, pois são as que mais estão de acordo com as formas imperfectivas de passado em estudo. Desse modo, vale salientar que a primeira consiste em uma proposição verdadeira que pode ser refutada, ou seja, pode ser classificada em verdadeira ou falsa. A segunda ocorre quando a proposição é fraca, mas é possível e necessária, ou seja, seria uma verdade possível. De acordo com Neves (2011), a Modalidade é uma categoria discursiva, na qual há uma determinada atitude de um falante em uma dada situação comunicativa, relacionando-se com as características que envolvem a ação conforme o nosso juízo, sentimento ou mesmo a vontade. Apresentamos a seguir alguns exemplos:

(55) **Asserção *realis*:** *Joe will cut a log.* / Joe cortará um tronco. (GIVÓN, 1984, P. 285).

(56) **Asserção *irrealis*:** *Maybe Joe caught a whale.* / Talvez Joe tenha pegado uma baleia. (GIVÓN, 1984, P. 285).

Com base nos estudos de Pontes (2012, p. 245), consideramos que as formas imperfectivas (estruturas não marcadas) tendem a aparecer em sentenças reais, ou seja, na modalidade *realis*, na qual o contexto não é marcado em relação ao *irrealis*. A imperfectividade se relaciona à asserção *realis*, pois essa asserção é referente a uma proposição que é verdade, porém pode ser refutada, podendo ser classificada como verdadeira ou falsa.

Consideramos, também, que condicionamentos extralinguísticos influenciam na variação das formas imperfectivas de passado.

- **Sexo:** Nos estudos sociolinguísticos, percebe-se que o sexo dos indivíduos influencia na propagação da mudança linguística (FREITAG, 2009). De modo geral, a mulher tende a preferir as variantes linguísticas mais prestigiadas socialmente. Nesse caso, nenhuma forma é estigmatizada, mas a forma perifrástica é a mais marcada, de acordo com o princípio de marcação proposto por Givón (1990). Nesse caso, a mulher prefere a forma menos marcada, o pretérito imperfeito do indicativo.
- **Idade:** Considerando esse grupo de fator, segundo Freitag (2007), podemos perceber se se trata de uma variação estável ou mudança em tempo aparente, se relacionado com a frequência de uso das formas em estudo. O *corpus* PRESEEA - Granada apresenta três estratificações etárias. Logo, consideraremos, nesse estudo, os três grupos de gerações, a saber: (i) 20 - 34 anos de idade, (ii) 35 - 54 e, (iii) mais de 54 anos. Quando examinamos a idade em uma análise, podemos identificar se uma das variantes está se sobrepondo e em qual estágio se encontra essa variação. Hipotetizamos que há mais ocorrências de uso do pretérito imperfeito do indicativo frente à perífrase imperfectiva quando analisamos dados de falantes de mais idade. Por outro lado, os jovens preferem a perífrase imperfectiva com mais frequência, já que, segundo Labov (2001), os falantes de mais idade tendem a manter as variantes mais conservadoras.
- **Nível de instrução:** Na visão de Freitag (2007), o controle desse grupo de fator não tem apresentado resultados significativos em relação às formas verbais, mesmo que se leve em consideração a influência do nível de instrução no uso de

formas verbais marcadas/ não previstas nas gramáticas. Porém, consideramos que a forma perifrástica corresponde a uma estrutura mais marcada em comparação com o pretérito imperfeito do indicativo, que é uma estrutura menos marcada. Nesse sentido, decidimos analisar esse grupo de fator, para verificar a frequência de uso das formas, em decorrência do nível de instrução. Consideramos que os falantes que possuem o nível mais alto de escolaridade, poderiam usar mais a forma perifrástica, pois é uma estrutura considerada mais complexa, indo de acordo com os estudos de Freitag (2007).

Com todos os grupos de fatores expostos, consideramos que a variação das formas verbais imperfectivas de passado seria influenciada pela atuação dos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos, pois há variações dessas formas de acordo com o contexto em que estão inseridas e motivações de natureza diversa. Labov (2001) defende que a análise da variação linguística é uma descrição da língua que vai além dos manuais de gramática, pois engloba os usos linguísticos advindos do contexto social de interação verbal. Considerando esse exposto, a Sociolinguística estuda a língua a partir do seu contexto social, com o objetivo de descrever como os fatores linguísticos e extralinguísticos influenciam os fenômenos de variação. Assim, percebemos a importância de levar em consideração que os grupos desses fatores podem influenciar na variação das formas imperfectivas de passado (pretérito imperfeito do indicativo e perífrases imperfectivas). Ancorados nos estudos de Coan e Pontes (2014) e Pontes (2012), pensamos que a ocorrência é maior das formas de pretérito imperfeito frente à forma perifrástica, quando se trata de negações, conjecturas ou hipóteses. Com base nos pressupostos de Givón (1990) concernentes à marcação, podemos pensar que os contextos menos marcados, como os habituais, atraem formas menos marcadas, como o pretérito imperfeito do indicativo, e contextos mais marcados atraem formas mais marcadas, como as perífrases imperfectivas de passado. É importante ressaltar que relacionaremos o princípio de marcação com os contextos propiciados por cada grupo de fator.

A continuação, explicitamos os fatores linguísticos e extralinguísticos.

a) Fatores linguísticos:

a. Nível semântico-lexical (tipos de verbo):

- I. Estado;
- II. Atividade;
- III. Processo culminado;
- IV. Culminação;

- b. Nível sintático-semântico:
 - I. Presença de modificadores aspectuais;
 - II. Ausência de modificadores aspectuais.
 - c. Tipos de sequência discursiva:
 - I. Exposição;
 - II. Narração;
 - III. Argumentação;
 - IV. Descrição;
 - V. Diálogo.
 - d. Tipos de frase:
 - I. Orações afirmativas;
 - II. Orações interrogativas;
 - III. Orações negativas;
 - IV. Orações exclamativas.
 - e. Modalidade:
 - I. *Realis*;
 - II. *Irrealis*.
- b) Fatores extralinguísticos:
- a. Sexo:
 - I. Homem;
 - II. Mulher.
 - b. Idade:
 - I. 20-34 anos;
 - II. 35-54 anos;
 - III. Maiores de 55 anos.
 - c. Nível de instrução:
 - I. Nível baixo;
 - II. Nível médio;
 - III. Nível superior.

As relações entre as variáveis neste estudo são assimétricas. Na relação assimétrica, para Marconi; Lakatos (2001), uma variável (independente) exerce efeito sobre outra variável (dependente). É comentado pelas autoras que quando há essa relação assimétrica entre as variáveis em estudo, deve-se procurar uma relação causal entre as

variáveis dependentes e independentes. Há vários tipos desta relação causal, dentre eles podemos citar o tipo probabilístico ou estocástico, que é explicado pelas autoras da seguinte forma: “dada a ocorrência de X, então provavelmente ocorrerá Y”. Assim, se percebemos a presença de determinados grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos (X), há chances de ocorrer a variação linguística entre o pretérito imperfeito do indicativo e as perífrases imperfectivas (Y). Se analisamos as funções das formas aspectuais imperfectivas de passado (X), há chances de facilitação da identificação da variação do pretérito imperfeito do indicativo e da perífrase imperfectiva de passado (Y). A atuação dos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos (X) influenciaria a variação das formas imperfectivas de passado (Y).

4.2.1.5 Sobre a análise estatística

A natureza de nossa pesquisa é quali-quantitativa denominação ancorada nos estudos de Marconi e Lakatos (2011) que afirmam que há a possibilidade de uma pesquisa ter duas naturezas. No método quantitativo, emprega-se instrumentos estatísticos e, conforme Gil (2002, p. 133), trata-se de um método mais simples que o qualitativo. No qualitativo, segundo Gil (2002), depende de muitos fatores, a saber: a natureza dos dados coletados, o tamanho da amostra, os instrumentos de pesquisa e as teorias de bases que norteiam o trabalho. Assim, nossa pesquisa é quali-quantitativa, pois utilizaremos o programa estatístico Goldvarb (2005) para uma descrição em termos quantitativos, assim como, analisaremos e interpretaremos os dados obtidos para a obtenção de uma descrição qualitativa.

Desse modo, selecionamos as formas imperfectivas de passado, mapeamos as funções das formas imperfectivas e, logo, fizemos um levantamento dos dados estatísticos por meio da seleção de trechos das entrevistas sociolinguísticas. Após essa etapa, os dados foram categorizados de acordo com os fatores supracitados. Posteriormente ao procedimento de categorização, os dados foram analisados estatisticamente. Para isso, utilizamos o programa Goldvarb (2005)¹⁰ do conjunto de programas computacionais VARBRUL (*Variable Rules*

¹⁰ O programa Goldvarb (2005) é um pacote estatístico que tem como finalidade o tratamento da regra variável e quantificação dos dados coletados. O Goldvarb faz parte do conjunto de programas computacionais *Variable Rules Analysis* – VARBRUL. Segundo Guy e Ziles (2007), essa ferramenta, Goldvarb, lida com dados de variação Sociolinguística e realiza análise multivariada e, por isso, é um meio de conseguir êxito nos estudos estatísticos sociolinguísticos.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A. & SMITH, E. **Goldvarb X - A multivariate analysis application**. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics. 2005.

Analysis) para as rodadas estatísticas dos dados obtidos, por exemplo, os pesos relativos. Para que a descrição de uma variação linguística não seja superficial, Guy e Zilles (2007) sugerem o tratamento estatístico aos dados, pois este tratamento possibilita o melhor entendimento, por ser mais profundo. Apresentamos, a seguir, os significados de alguns termos utilizados na análise estatística segundo Guy e Zilles (2007):

- **Aplicação de regra:** uma das variantes da variável dependente. É considerada a que se quer explicar, ou seja, escolhe-se uma das variantes em estudo;
- **Nocaute:** termo que corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente em determinado contexto, assim, esse contexto contaria com um nocaute. Por exemplo, em um estudo de apagamento de -s final, se houvesse 0% de apagamento ou 100% de apagamento, seria um nocaute. Trata-se de um problema analítico, pois a matemática da análise, ora procede a uma divisão pela fração de aplicações, ora pela fração de não-aplicações. “Se uma dessas frações é equivalente a zero, cria-se a violação de um princípio básico da matemática de número reais: não se pode dividir por zero”. (GUY e ZILLES, 2007, p. 158). Qualquer nocaute que haja nos dados é necessário que seja o fator que apresentou o nocaute ser excluído;
- **Peso relativo:** o peso de um fator calculado que indica o efeito deste fator sobre o uso de uma determinada variante. O valor dos pesos é estabelecido em uma escala que vai de 0 a 1, contando casas decimais. Os valores são interpretados da seguinte forma: o valor de zero (“nocaute negativo”) indica que determinada variante não ocorre quando este determinado fator está presente e o de um (“nocaute positivo”) indica que determinada variante sempre acontece quando este determinado fator está presente. Um valor acima de 0,5 corresponde a um fator que favorece o uso da variante e abaixo desse mesmo valor desfavorece e o que se aproxima de 0,5 é denominado *ponto neutro*. Conforme Coelho *et al.* (2010, p. 140) explicita que os pesos relativos dessa natureza pouco causam algum efeito sobre a regra variável.

Por exemplo, se em um total de dados a variante tem frequência de 70%, e os homens, na amostra, utilizam com frequência de 80% e as mulheres com 60%, ou seja, os homens favorecem (por estarem acima de 70%) e as mulheres desfavorecem (por estarem abaixo de 70%). Portanto, o fator para falante masculino recebe um peso relativo acima de 0,5 (favorecedor) e para falante feminino abaixo de 0,5 (desfavorecedor);

- **Input:** termo que designa o índice geral de aplicação da regra. Conforme Guy e Zilles (2007, p. 238), “o *input* representa o nível geral de uso de determinado valor da variável dependente”. Podemos, ainda, apresentar o exemplo exposto por Guy e Zilles (2007):

Caso se investigue a presença ou ausência do /r/ final no português do Brasil e a contagem focalize a frequência de ausência, pode ser que, numa determinada amostra, os falantes, no total, apresentem uma taxa de 40% de apagamento ou ausência do /r/. O *input*, numa análise desses dados com o Varbrul, representaria essa taxa básica, e, embora seja calculado na base de critérios complexos demais para discutir aqui, deve se aproximar do nível de 0,40, dadas certas expectativas sobre a distribuição equilibrada dos dados (GUY e ZILLES, 2007, p. 238).

Quando o *input* possui um valor que se distacia da taxa geral, significa que a distribuição dos dados não é equilibrada. Por exemplo, se há grande diferença entre falante masculinos e femininos e a maioria dos dados são provenientes da amostra de falante feminino, o *input* deve corrigir esse desequilíbrio que há, e, desse modo, desviar-se da frequência calculada para a amostra total. (GUY e ZILLES, 2007, p. 238);

- **Log-likelihood:** é um logaritmo de verossimilhança. Um número calculado que mede a qualidade da aproximação que existe entre o modelo, que se trata de “fatores que caracterizam os contextos, os pesos associados com os fatores, o input e o modelo matemático logístico” (GUY e ZILLES, p. 239) e os dados observados. O valor absoluto desse logaritmo varia em função da quantidade de dados e o número de aplicações. Quanto maior o valor absoluto, ou seja, quanto mais distante de zero, pior é o ajuste (*fit*) entre o modelo e os dados, e quanto menor o valor absoluto, ou seja, mais próximo de zero, melhor é o ajuste. Desse modo, quanto menor, mais próximo de zero for o valor do *log-likelihood* mais significativo é;

- **Significância:** indica uma forte influência na variável dependente e é calculada na base do logaritmo de verossimilhança. A significância é o valor p , isto é, a probabilidade de a hipótese nula ser verdadeira. É considerado um valor significativo é igual ou menor que 0,05. Quanto menor o valor de significância, por exemplo, 0,02, melhor é o valor.

A hipótese nula afirma sempre que nada está acontecendo: não há relação entre as variáveis independentes e a dependente, e a distribuição dos dados observada deve-se apenas a flutuação aleatória e erro de amostragem. Se essa hipótese tem uma baixa probabilidade de ser verdadeira, digamos $p = 0,05$ ou $0,01$, então se diz que a distribuição observada é estatisticamente significativa (GUY e ZILLES, 2007, p. 32).

- **Frequência:** delinea os padrões de variação e mudança.

Com o intuito de uma melhor apresentação dos resultados obtidos, por meio desta análise estatística, foram organizados tabelas e gráficos dos valores resultantes. Ressaltamos que as análises foram baseadas na Sociolinguística variacionista e no Funcionalismo linguístico, portanto, fez-se necessário vincular esta pesquisa ao que Tavares (2003) propõe: Sociofuncionalismo. Além do exposto, os fatores que motivam a variação linguística entre as formas imperfectivas de passado foram examinados e, ainda, analisados, a partir do princípio funcional de marcação.

4.2.1.6 Restrições e dados desconsiderados

Foram desconsideradas as formas verbais que estavam presentes em frases cortadas, as quais prejudicam o entendimento, formas verbais repetidas que desempenham a mesma função ou quando estão em contextos comunicativos iguais, os quais agregam um sentido semântico igual à forma verbal que se repete, ambiguidade nas funções aspectuais (habitualidade e iterativa), casos duvidosos na classificação da sequência discursiva e alguns verbos auxiliares como: *ser*, *haber*, *quedar*, *tener*, *existir* e *estar* por não permitirem intercambialidade entre as formas em estudo.

Ao testarmos a intercambialidade entre as formas do imperfeito e as perífrases, constatamos que algumas formas verbais não atendiam a esse critério, como o caso desses verbos auxiliares que, quando estavam na sua forma plena, não dava para mudar para uma

forma composta, comprovando, assim, os estudos de Heine (1993). Conforme Guy e Zilles (2007):

Sempre que fazemos análises quantitativas, é necessário estabelecer critérios para incluir no *corpus* um dado possível. Mesmo quando o pesquisador tem uma definição clara da variável dependente, ainda existe a possibilidade de certas ocorrências da variável não poderem ser incluídas no *corpus*, por problemas como neutralização, falta de clareza da ocorrência etc. (GUY e ZILLES, 2007, p. 120).

Seguimos com a demonstração de exemplos com os dados explicitados:

➤ **Frase cortada:**

- (57) *Yo iba vestido con es que también me da un poco de reparo pero es por yo qué sé silencio yo iba vestido de príncipe. / Eu ia vestido com... é que também tenho escrúpulo, mas é que eu... Bem... Eu ia de príncipe).* (MOYA CORRAL, 2009, entrevista 38, tradução nossa).

➤ **Contexto comunicativo igual e verbo com mesma função:**

- (58) *Pues ¡mira! **vendíamos** guantes **vendíamos** bolsos **vendíamos** monederos **vendíamos** abanicos **vendíamos** medias silencio pues era más artículos de piel. / Pois, veja! **Vendíamos** luvas, **vendíamos** bolsas, **vendíamos** carteiras, **vendíamos** meias, pois, era mais artigos de pele.* (MOYA CORRAL, 2009, entrevista 52, tradução nossa).

➤ **Caso duvidoso na classificação da sequência discursiva:**

- (59) *Siempre **estaba vestido** de paisano y y mi mili fue esa e ser un poco el asistente del teniente coronel y ya está limpiarle sus sus correaes sus zapatos sus cosas sobre todo cuando la la señora se fue de de vacaciones en verano pues ya me dediqué yo más a a prepararle sus cosas al teniente coronel ese sí fueron las funciones que se **hacían** m de de asistente de un de un teniente coronel. / Sempre **estava vestido** a paisano e o meu jeito de militar foi esse de ser um pouco o assistente do tenente coronel e pronto. Era para limpar seus cintos, seus sapatos, suas coisas e, mesmo, quando a senhora ficou de férias no verão, pois já*

trabalhei. Eu mais ajeitei as coisas do tenente coronel, essa foi a minha função que **fazia** de assistente de um, de um tenente coronel. (MOYA CORRAL, 2009, entrevista 50, tradução nossa).

➤ **Casos de ambiguidade entre o aspecto habitual e iterativo:**

(60) *Trabajaban en Palma de Mallorca en en los hoteles.* / **Trabalhavam** em Palma de Mallorca, nos hotéis. (MOYA CORRAL, 2008, entrevista 26, tradução nossa).

➤ **Verbo ser:**

(61) *Claro yo tengo recuerdos de de que había unos centros comerciales grandes que estuvimos comprando que **era** todo muy barato bueno algo más barato silencio y expresivo exclamación ¡hombre! tenía vistas de ¿cómo te digo yo? se veía mupalabra cortada mucha montaña y todo ¿no?* / Claro. Eu tenho lembranças de que havia uns centros comerciais grandes que estivemos comprando que **era** tudo muito barato. Bom, um pouco mais barato e, veja! Via que, como eu te digo? Via-se muitas montanhas e tudo, não? (MOYA CORRAL, 2009, entrevista 38, tradução nossa).

➤ **Verbo haber:**

(62) *Era una naranja chiquitilla una naranja que no tenía cláusula no completa lo que había no **había** calidad como ahora ahora hay muchos cultivos que los los sacan de de laboratorio.* / Era uma laranja pequena. Uma laranja que não tinha... O que havia, não **havia** qualidade como agora. Agora há muitos cultivos que os tiram de laboratório. (MOYA CORRAL, 2009, entrevista 43, tradução nossa).

➤ **Verbo quedar:**

(63) *Pues hay una cosa que son boquerones encañados y pescado seco que es un pescado que era como la morralla de ese*

*pescado chiquitillo sí que hay que es morrallilla y lo secaba lo le echaban en salmuera y lo secaban lo iban moviendo mucho para que no se pudriera y se secaba y se **quedaba** como qué te digo yo como como el arenque. / Pois há uma coisa que são anchovas secadas y peixe seco que é um peixe que era como a miudeza desse peixe pequenino. Sim que há que é miudeza e o secava, tirava a sua salmoura e o secavam, iam movendo-o muito para que não se estragasse e secava e **ficava** como te digo eu como no arenque. (MOYA CORRAL, 2009, entrevista 43, tradução nossa).*

➤ **Verbo tener:**

(64) *Mi infancia fue buena silencio pero como **tenía** tantos primos eran más bien niños lo que había pues m digamos que jugabas cosas de niños. / Minha infância foi boa, mas como **tinha** muitos primos. Eram mais meninos que havia, pois, digamos que brincávamos de coisas de meninos. (MOYA CORRAL, 2009, entrevista 41, tradução nossa).*

➤ **Verbo existir:**

(65) *Que da a la plaza esa y da donde está la calle San Antón nombre propio que an antonces no **existía** esa parte de ahí de la calle nombre propio San Antón. / Que dá na praça e dá onde está a rua San Antón que antes não **existia** essa parte daí da rua San Antón.) (MOYA CORRAL, 2009, entrevista 50, tradução nossa).*

➤ **Verbo estar:**

(66) *y estoy bautizado estoy bautizado en San José nombre propio pero con tres o cuatro años me vine aquí a a la calle San Isidro y entonces ya la Primera Comuni3n y todo eso como **estaba** aquí en el colegio del barrio Fígares y pertenecía a la a esa iglesia. / E fui batizado, fui batizado em San José, mas com três ou quatro anos vim aqui para a rua San Isidro e então a Primeira Comunhão e tudo isso, como **estava** aqui no colégio do bairro Fígares e*

pertencia a essa igreja. (MOYA CORRAL, 2009, entrevista 50, tradução nossa).

4.3 Síntese do capítulo

Neste capítulo, apresentamos a metodologia que norteou o estudo sobre a variação linguística que ocorre nas formas imperfectivas de passado no espanhol oral de Granada (pretérito imperfeito do indicativo e perífrases imperfectivas de passado), as quais estão em competição. Inicialmente, explicitamos: a) o contexto da pesquisa; b) os métodos de procedimentos, tais como: o procedimento para a coleta de dados (delimitação do universo, explicação sobre a entrevista sociolinguística, descrição da coleta de dados, descrição da análise de dados, explanação sobre a análise estatística com a utilização do programa Goldvarb (2005) e, por fim, explicitamos as restrições e dados desconsiderados).

No capítulo subsequente, exporemos as análises dos dados obtidos, das quais partiremos para a identificação das funções codificadas pelas formas em estudo e os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que podem favorecer ou desfavorecer o uso das formas imperfectivas de passado no espanhol oral de Granada.

5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

As pessoas costumam amar a verdade quando esta as ilumina, porém tendem a odiá-la quando as confronta.

Santo Agostinho

No presente capítulo, serão expostos e analisados os dados obtidos de acordo com os parâmetros e requisitos da pesquisa expostos no capítulo anterior. A variável dependente foi constituída por duas formas imperfectivas de passado: pretérito imperfeito do indicativo e perífrase imperfectiva de passado. Sendo aquele considerado aplicação da regra. Referente à variável dependente, foram analisados grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos, quais sejam: tipos de verbo, tipos de frase, presença ou ausência de modificadores aspectuais, tipos de sequência discursiva, modalidade, sexo, idade e nível de instrução. Faremos uma análise quantitativa com o intuito de identificar os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que podem favorecer o uso das formas imperfectivas de passado.

Inicialmente, mapeamos as funções aspectuais do pretérito imperfeito do indicativo e perífrases imperfectivas de passado, entendendo o Aspecto em uma perspectiva composicional. Ainda, analisamos, de acordo com Labov (1978), a competição entre as formas com mesmo valor de verdade e mesmo contexto em estudo em algumas funções mapeadas no *corpus*, como veremos a seguir.

É importante ressaltar que faremos um recorte metodológico no tratamento dos dados, pois consideraremos uma leitura composicional do Aspecto, considerando o complexo TAM. Desse modo, estudaremos a categoria Aspecto a partir do Tempo, Aspecto e Modalidade e suas interrelações. Esse recorte está embasado nos estudos de Givón (2005), pois o autor afirma que há muitos elementos significativos e que são vinculados a esses estudos, o que possibilita uma melhor interpretação e análise dos dados obtidos. Assim, no Aspecto composicional podem ser considerados elementos semânticos, elementos morfossintáticos e elementos de cunho pragmático. Segundo Genta (2008), a combinação aspectual permite que o falante expresse uma determinada situação de maneiras distintas.

Para esta pesquisa, no total, foram selecionadas e analisadas 36 entrevistas sociolinguísticas, nas quais obtivemos um total de 2.596 dados, sendo que 2.251 desses são de formas do pretérito imperfeito do indicativo, 86,7 % do total, e 345 de perífrases imperfectivas de passado no espanhol oral de Granada, quantidade que corresponde a 13,3%

do total de dados. A seguir, podemos conferir a distribuição das formas em variação na tabela 3 e, logo, apresentamos um exemplo para cada forma imperfectiva de passado.

Tabela 3 – Distribuição (N e percentagem) das formas variáveis pretérito imperfeito do indicativo e perífrase.

FORMAS VARIÁVEIS	N/ TOTAL	PERCENTUAL %
Pretérito imperfeito do indicativo	2.251 / 2596	86,7
Perífrase	345 / 2596	13,3

Fonte: Elaborada pela autora

(67) *Bueno pues la boda te puedo decir que ella fue mi primera novia y yo fui su primer novio nos conocimos en un partido de baloncesto porque ella **jugaba** a baloncesto y muy bien.* / Bom, pois o casamento, posso dizer que ela foi minha primeira namorada e eu seu primeiro namorado. Conhecemo-nos em um jogo de basquete porque ela **jogava** basquete e muito bem. (MOYA CORRAL, 2007, entrevista 14, tradução nossa).

(68) *Yo me recuerdo de estar jugando hasta hasta altas horas de la noche en la calle a la pelota a la balde al quema a lo que fuera y entonces **estábamos jugando** en la calle porque era una calle interior de una callecilla interior en la cual no había circulación de coches.* / Eu me lembro de estar jogando até, até altas horas da noite na rua bola no balde, carimba, o que fosse e, então, **estávamos jogando** na rua porque era uma rua interior de uma ruazinha interior, na qual não havia circulação de carro. (MOYA CORRAL, 2007, entrevista 14, tradução nossa).

Em (67), temos um dado referente à forma de pretérito imperfeito do indicativo e em (68) à perífrase imperfectiva de passado. Em (67), há uma situação em que o evento é simultâneo ao momento de referência e anterior ao momento de fala. Desse modo, entra em

consonância ao que García Fernández (2004) expõe sobre o sistema de Reichenbach (1947). A seguir, expomos o mapeamento funcional das formas em estudo.

5.1 Mapeamento funcional do pretérito imperfeito do indicativo e perífrase imperfectiva de passado

Na presente seção, de acordo com os dados obtidos das entrevistas sociolinguísticas, apresentamos o mapeamento das funções aspectuais codificadas pelas formas verbais imperfectivas de passado. Primeiramente, analisaremos as três funções aspectuais (habitual, progressivo e iterativo) embasadas nos estudos de Bertinetto (2000), Wachowicz (2003), García Fernández (2004, 2006), Bravo Martín (2008), Genta (2008), Freitag (2007) e Pontes (2012).

O Aspecto imperfectivo habitual aparece quando uma situação ocorre de forma regular dentro da estrutura temporal de maneira indeterminada, assim, gera um costume ou hábito, conforme Wachowicz (2003), Comrie (1976), Freitag (2007) e Albuquerque (2015). Em nosso *corpus*, dos 2.596 dados obtidos, encontramos 1.523 formas de pretérito imperfeito no Aspecto habitual, ou seja, 58,6%. Já as formas perifrásticas de passado ocorreram em 110 dados, o que equivale a 4,2% do total. Vejamos, a seguir, alguns exemplos para as variantes explicitadas.

(69) *Pues en Granada siempre **comía** en los comedores.* / Pois em Granada sempre **comia** nos restaurantes universitários. (MOYA CORRAL, 2007, entrevista 2, tradução nossa).

(70) *nos hacíamos pelotas de plástico con basura y y jugábamos al fútbol al baloncesto lo que pasa que como era había tanta gente en el patio pues **solías caerte** o resbalarte o chocarte contra alguien.* / Fazíamos bolas de plástico com lixo e e jogávamos futebol, basquete. O que acontecia era que havia tanta gente no pátio, assim **costumava cair** ou escorregar ou chocar contra alguém. (MOYA CORRAL, 2007, entrevista 2, tradução nossa).

(71) *He estado dieciséis he estado no he perdido la cuenta veintiún años de maestro en el reformatorio en dos etapas porque se cerró y vacilación se volvió a abrir y una vez que aquello ya consideré que mi etapa se había*

*terminado en el reformatorio y que las cosas se **estaban poniendo** cada vez más difíciles.* / Estive dezesseis, estive não, perdi a conta, vinte e um anos como professor no reformatório em duas etapas porque fechou e vacilou, voltou a abrir e uma vez aqui o já considere que minha etapa havia terminado no reformatório e que as coisas **estavam ficando** cada vez mais difíceis. (MOYA CORRAL, 2007, entrevista 14, tradução nossa).

O informante, em (69), faz referência a um costume. Para isso, ele utiliza a forma imperfectiva e dá ênfase com a expressão “sempre”. Desse modo, não se trata de uma mera repetição, mas um costume de sempre comer no restaurante universitário. Conforme Garcés (1997), quando uma ação expressa por um verbo se repete habitualmente, normalmente, o verbo vem acompanhado por marcador temporal, o qual fornece, segundo Mendes (2005), indício de uma leitura do valor aspectual da forma imperfectiva de passado. No exemplo (70), o falante faz referência ao costume de cair por haver muita gente no pátio, local que costumavam jogar. Desse modo, essa perífrase denota um ato costumeiro, ou seja, o de habitualmente cair, dentre outros acontecimentos citados no exemplo. Em (71), podemos perceber que a forma imperfectiva utilizada pelo falante denota habitualidade, não só pelo contexto, mas também é enfatizada pelo marcador “cada vez” que reforça e dá indício do valor aspectual habitual da perífrase.

O Aspecto imperfectivo progressivo foca em um determinado instante, ou seja, em um único ponto, segundo Martínez-Atienza (2004). Em nosso *corpus*, encontramos 683 formas de pretérito imperfeito no Aspecto progressivo, o que corresponde a 26,3% do total de formas coletadas. As perífrases imperfectivas de passado, por sua vez, ocorreram em 230 dados, o que equivale a 8,8%. Vejamos, abaixo, alguns exemplos das variantes:

(72) *Pasamos por ese charco y nos inun inundamos el agua **llegaba** hasta hasta el casco vaya llegamos super mojados nos tuvimos que secar después.* / Passamos por uma poça e nos inundamos. A água **chegava** até a metade. Bem, chegamos super molhados. Tivemos que secar depois. (MOYA CORRAL, 2007, entrevista 2, tradução nossa).

(73) *Esta mañana mismo he entrado a una tienda a comprar una pulserilla y entran el el hombre estaba el de la tienda estaba perplejo y no habíamos hablado ni yo lo conozco ni he estado nunca en esa tienda entonces yo digo*

*¿buenos días! ¿tiene tal? me lo **estaba enseñando** y entran dos jóvenes no dicen ni buenas.* / Esta manhã mesmo entrei em uma loja para comprar uma pulseirinha e entram o o homem estava, o da loja, estava perplexo e não havíamos falado nem eu o conheço nem nunca estive nessa loja então eu digo bom dia! Tem tal? **Estava mostrando** para mim e entram dois jovens não dizem nem boa. (MOYA CORRAL, 2007, entrevista 11, tradução nossa).

Em (72), há uma situação na estrutura temporal, no momento passado expresso pelo pretérito imperfeito do indicativo de forma pontual. No exemplo (73), a perífrase indica uma situação que está em andamento em relação ao momento de fala do informante. Desse modo, focaliza um único ponto no processo de mostrar.

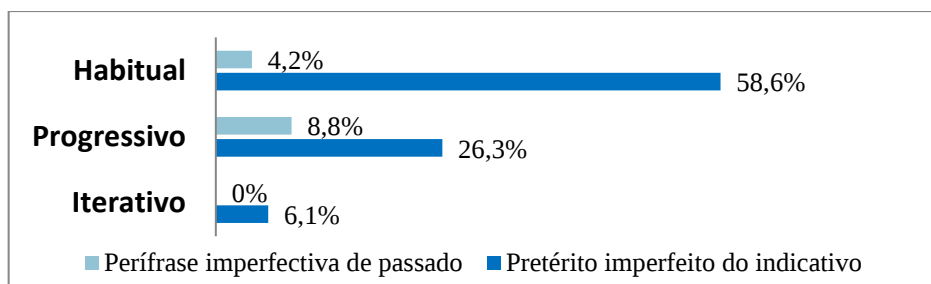
Segundo Freitag (2007), o Aspecto imperfectivo iterativo expressa a repetição de uma situação em uma ocasião específica, porém não denota um costume. Em nosso *corpus*, obtivemos somente a forma de pretérito imperfeito do indicativo para a codificação dessa função. Ocorreu em 160 dados, ou seja, 6,1% do total de dados. A seguir, vejamos um exemplo:

(74) *Como nosotros vivíamos cerca de la catedral pues lo malo teníamos que sacar sillas porque toda la familia **pasaban** casualmente por allí y se sentaban en las sillas.* / Como nós morávamos perto da catedral, pois o mal era que tínhamos que tirar as cadeiras porque todas as famílias **passavam** casualmente por ali e se sentavam nas cadeiras. (MOYA CORRAL, 2007, entrevista 12, tradução nossa).

Em (74), o pretérito imperfeito do indicativo denota uma repetição da ação de passar de uma família, porém não chega a ser um hábito. A indicação de iteratividade ainda é reforçada pelo marcador aspectual “casualmente”.

Vejamos, agora, um gráfico que dispõe de informações sobre as porcentagens das funções (habitual, progressiva e iterativa) do Aspecto imperfectivo e as formas de passado imperfectivo:

Gráfico 1 – Funções aspectuais imperfectivas e formas imperfectivas de passado.



Fonte: Elaborado pela autora

Podemos perceber que, apesar das diferenças que existem entre as três funções, há semelhança referente à propriedade de serem percebidas de maneira interna pelos falantes. Desse modo, uma situação que ocorre de forma regular dentro da estrutura temporal, pode ser visualizada em um determinado instante de seu desenvolvimento (progressivamente) ou em um intervalo que se repete, ou como um costume (iterativamente).

Nas duas próximas seções, analisaremos as funções aspectuais habitual e progressiva, pois foram as que apresentaram variação, buscaremos os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionaram o uso das formas imperfectivas de passado em estudo, submetendo os dados obtidos a tratamento estatístico por meio do programa computacional Goldvarb (2005). A continuação, exporemos a análise dos dados de cada função mapeada nesta subseção. Para isso, na primeira subseção analisaremos as funções que foram codificadas variavelmente e, por fim, apresentaremos os dados referentes a análise da função categórica.

5.2 Análise sociofuncional das formas verbais imperfectivas de passado em variação

Na seção anterior, que corresponde ao mapeamento funcional, podemos verificar que as funções aspectuais que apresentaram variação foram a habitual e a progressiva. Logo, embasados no conceito de regra variável proposto por Labov (1978), consideramos que o pretérito imperfecto do indicativo e a perífrase imperfectiva de passado compõem uma variável, ou seja, estão em variação, pois são duas formas distintas que têm o mesmo valor de verdade em um mesmo contexto linguístico. Para as rodadas no Goldvarb (2005), tomamos como aplicação da regra variável o pretérito imperfecto para as funções habitual e progressiva. Em perspectiva sociofuncionalista, utilizaremos o princípio de marcação e método da Sociolinguística laboviana e a interpretação dos resultados quantitativos será à luz de pressupostos funcionalistas, com a finalidade de verificar as tendências de uso.

Para cada função, foram controlados os seguintes grupos de fatores, assim, podemos perceber quais favorecem ou desfavorecem o uso de uma ou outra forma verbal imperfectiva de passado: tipos de verbo, tipos de sequência discursiva, presença/ausência de modificadores aspectuais, modalidade, idade, sexo e nível de instrução. Vale salientar que excluimos o grupo de fatores que corresponde aos tipos de frases (orações afirmativas, interrogativas, negativas, exclamativas) por não apresentar variação entre as formas em todos os componentes desse grupo. É importante ressaltar que a ordem da exposição dos grupos de fatores corresponde a ordem da seleção estatística de relevância.

De acordo com Pontes (2012), o princípio de marcação pode ajudar a explicar o uso das formas imperfectivas de passado, desde que considere a complexidade estrutural das formas em estudo, a distribuição de frequência (de acordo com os planos discursivos); complexidade cognitiva no que tange à ordenação e à presença de modificadores aspectuais; quantidade de informação presente no imperfeito ou perífrases. A seguir, apresentamos a análise da variação em cada função que apresentou o fenômeno de variação.

5.2.1 Variação entre o pretérito imperfeito do indicativo e perífrase imperfectiva de passado na função aspectual habitual.

Com base nas rodadas estatísticas das ocorrências de pretérito imperfeito do indicativo e perífrases imperfectivas de passado para a expressão da função aspectual habitual que realizamos no Goldvarb (2005), apresentamos a rodada com eliminação dos nocautes (apenas um grupo de fator que apresentava poucas ocorrências da variante pretérito imperfeito do indicativo, tipos de frase), dentre as 49 rodadas feitas, a melhor foi a rodada 19. Ela apresentou resultados¹¹, como: o *input* 0,952, significância 0,049 e *log-likelihood* -351,541. Os grupos relevantes em ordem de significância escolhidos pelo programa computacional foram: modalidade, tipos de verbo e presença ou ausência de modificadores aspectuais e os excluídos, também, em ordem foram: tipos de sequência discursiva, sexo, nível de instrução e idade. Conforme podemos observar no quadro a seguir:

¹¹ Os termos *input*, significância e *log-likelihood*, assim como outros termos pertinentes são explicados na seção 4.2.1.5 *Sobre a análise estatística* para um melhor entendimento na análise estatística com o uso do programa computacional Goldvarb (2005).

Quadro 4 – Valores obtidos na rodada do Aspecto habitual.

RESULTADOS OBTIDOS DOS DADOS NO ASPECTO HABITUAL	
Stepping up	Melhor rodada 19 (#19)
Input	0,952
Significance	0,049
Log-likelihood	- 351,541
Grupos relevantes	6: Modalidades <i>realis</i> e <i>irrealis</i> ; 7: Tipos de verbo (processo culminado, estado, culminação e atividade); 5: Presença ou ausência de modificadores aspectuais.
Grupos excluídos	4: Tipos de sequência discursiva (exposição, narração, argumentação, descrição e diálogo); 1: Sexo (homem e mulher); 3: Nível de instrução (baixo, médio e superior); 2: Idade (jovem, adulto e idoso).

Fonte: Elaborado pela autora

O Aspecto imperfeito, como explicitado em seções anteriores, manifesta-se por meio de valores que expressam a duração de determinados eventos. Determinados eventos podem ocorrer habitualmente de forma indeterminada (habitual), ou seja, um evento que ocorre sucessivas vezes sem que se possa determinar a quantidade; pontualmente (progressivo) ou duas ou mais vezes, mas de forma determinada (iterativo). Segundo Garcés (1997), quando o verbo expressa ação habitual, normalmente vem acompanhado por modificadores temporais, o que entra em consonância com o que Bybee et al. (1994) ponderam, pois consideram que a leitura do Aspecto deve ser feita através de uma construção inteira e não somente do significado lexical do verbo que é a fonte do significado gramatical. Desse modo, a leitura final de um Aspecto depende da construção inteira, uma leitura composicional (BARRETO 2014, p. 30).

A seguir, exporemos as considerações de cada grupo. Vejamos o primeiro grupo:

Tabela 4 – Atuação da modalidade no uso de pretérito imperfeito do indicativo versus perífrases imperfectivas no Aspecto habitual.

FATORES	VALOR DE APLICAÇÃO/ TOTAL	PERCENTUAL %	PESO RELATIVO
<i>Realis</i>	1485 / 1568	94,7	0,526
<i>Irrealis</i>	38 / 65	58,5	0,072

Fonte: Elaborada pela autora

Partindo dos estudos de Pontes (2012, p. 245), temos como hipótese que as formas imperfectivas (estruturas não marcadas quando comparadas às formas perifrásticas) tendem a aparecer em sentenças reais, ou seja, na modalidade *realis*, na qual o contexto não é marcado em relação ao *irrealis*, pois a asserção *realis* é referente a uma proposição que é verdade, porém pode ser refutada, podendo ser classificada como verdadeira ou falsa. Desse modo, os resultados expostos na tabela 5 confirmam a nossa hipótese inicial. Verificamos que a maioria dos contextos de habitual foram *realis*. Conforme Travaglia (1987), há uma classificação para o imperfeito que considera o grau de afastamento da realidade que o falante pode atribuir em determinadas situações. Assim, esse grau de afastamento e de comprometimento ou descomprometimento do falante estão no domínio da modalidade (FREITAG, 2007, p. 130). Logo, teríamos o princípio de marcação, ou seja, as formas imperfectivas (estruturas menos marcadas), que são consideradas como estruturas menos complexas em relação às perífrases imperfectivas, tendem a aparecer em sentenças reais (*realis*, contexto não marcado em relação ao *irrealis*).

A seguir, podemos conferir um quadro proposto por Travaglia (1987, p. 86) e que é apresentado por Freitag (2007), referente a um gradiente de afastamento da realidade. Quanto mais à esquerda, maior é o afastamento, sendo assim, pode ser associado à codificação da modalidade *irrealis*; quanto mais à direita, mais próximo à realidade, ou seja, associado ao *realis*.

Quadro 5 – Valores discursivos do pretérito imperfeito do indicativo

Total afastamento da realidade				Presença da realidade ou não marcação da realidade do processo verbal no momento da enunciação		
- Situação de fantasia do faz-de-conta infantil	- Situação de compra	- Pergunta indireta e delicada	- Hipótese com condicional	- Hábito	- Descrição de situações dinâmicas	- Expressão de um processo que estava em curso, quando outro ocorreu
- Discurso onírico	- O IMP indica um processo em cuja possibilidade o falante não acreditava, mas que efetivamente se realizou	- IMP de cortesia	- Hipótese sem condicional	- Descrição de cenários, lugares, paisagens e situações estáticas.		- Passado próximo

Fonte: Freitag (2007, p. 130)

Percebemos, em nosso *corpus*, que a maioria das formas de pretérito imperfeito do indicativo na função habitual ocorrem na modalidade *realis*, ou seja, se aproxima da realidade e, ainda, apresentam valores como: hábito, descrição de lugares, situações nas infâncias, viagens, processos em cursos enquanto outros ocorriam. Já em termos funcionais, há uma tendência de uso maior do imperfeito por parte dos falantes granadinos, considerando que a estrutura é menos complexa e, por isso, é mais frequente nos termos givonianos e, conseqüentemente, demandará menor esforço em termos de atenção e processamento.

Os resultados da tabela 4 apontam a correlação entre a presença da modalidade *realis* e a ocorrência de formas do pretérito imperfeito do indicativo. Por meio dos resultados, podemos notar que há um favorecimento para a modalidade *realis* com o peso relativo 0, 526. Por outro lado, a modalidade *irrealis* restringe o uso da forma imperfectiva com peso relativo 0, 072.

Segundo Travaglia (1987, p. 81), os valores que estão à direita podem ser passíveis de intercambialidade entre o pretérito imperfeito do indicativo e perífrase imperfectiva. Vale ressaltar que os estudos de Travaglia (1987) e Freitag (2007) são voltados para a língua portuguesa, porém é perceptível que as línguas latinas podem ser comparadas, pois possuem traços semelhantes. Vejamos, a seguir, alguns exemplos nas modalidades *realis* e *irrealis*.

- (75) *Bueno antes cuando **estaba estudiando** pues me **desplazaba** en la moto iba a estudiar pues a la facultad también cogía el autobús o algunas veces pues*

me han llevado en coche. / Bom, antes, quando **estava estudando**, pois me **deslocava** na moto, ia estudar, pois também pegava ônibus para ir à faculdade ou algumas vezes me levavam no carro. (MOYA CORRAL, 2007, entrevista 2, tradução nossa).

(76) *La alemana está muy bien yo **creía** que **cocinaban** con con aceite pero cocinan también con o sea con mantequilla pero también creo que cocinan con con aceite no sé si es de oliva o de lo que sea y está muy buena la comida alemana.* / A alemã está ótima. Eu **acreditava** que **cozinham** com com azeite, mas cozinham também com, ou seja, manteiga, mas também creio cozinham com azeite, não sei se é de oliva ou de o que seja e está muito bem a comida alemã. (MOYA CORRAL, 2007, entrevista 2, tradução nossa).

(77) *El modo de acercarse a los niños me gusta mucho porque se hacía respetar y también hacía que que la quisiéramos mucho porque ella también si se **tenía que poner** enfadada se enfadaba pero siempre estaba de buen humor.* / Gosto muito do modo dela se aproximar das crianças porque era de maneira que pedia respeito e também fazia que gostássemos muito porque ela também se se **tinha que ficar** aborrecida se aborrecia, mas sempre estava de bom humor. (MOYA CORRAL, 2007, entrevista 2, tradução nossa).

Em (75) o pretérito imperfeito do indicativo e a perífrase imperfectiva aparecem em sentenças reais, ou seja, na modalidade *realis*. Podemos perceber que se trata de processos que estavam em curso quando outro ocorria, portanto, localizam-se à direita no gradiente de Travaglia (1987) exposto anteriormente. Em (76) e (77) as formas imperfectivas de passado aparecem na modalidade *irrealis*, pois são asseridas como incertas.

Na próxima tabela, há resultados referentes à frequência e ao peso relativo para o grupo de tipos de verbo, segundo grupo mais significativo, entrando em consonância com os estudos de Freitag (2007), em que esse mesmo grupo de fator, de acordo com a classificação de Vendler (1957, 1967), é um forte motivador na escolha da forma para a expressão do passado imperfectivo.

Tabela 5 – Atuação dos tipos de verbos no uso de pretérito imperfeito do indicativo versus perífrases imperfectivas no Aspecto habitual.

FATORES	VALOR DE APLICAÇÃO / TOTAL	PERCENTUAL %	PESO RELATIVO
Processo culminado	327 / 334	97,9	0,736
Estado	151 / 156	96,8	0,711
Culminação	193 / 205	94,1	0,522
Atividade	851 / 936	90,9	0,369

Fonte: Elaborada pela autora

Segundo os estudos de Givón (1990, 2001), Freitag (2007), Pontes (2012) e Albuquerque (2015), hipotetizamos que os verbos de processo culminado favorecem o uso do pretérito imperfeito do indicativo e os verbos de estado favorecem o uso da forma perifrástica. Podemos verificar que nossa hipótese foi parcialmente confirmada, pois, como podemos observar, de acordo com os dados da tabela 5, o processo culminado favorece a ocorrência do pretérito imperfeito do indicativo, porém, o estado também favorece. Podemos recorrer aos estudos de Bergareche (2004) para explicar esse ocorrido. O autor diz que os verbos dinâmicos se diluem em uma leitura habitual com base no contexto. A seguir, apresentamos exemplos de verbos que expressam processo culminado e estado na forma do pretérito imperfeito do indicativo e um exemplo de verbo que expressa estado na forma da perífrase imperfectiva, nesta ordem:

(78) Cuando **iba** a la facultad sí sí tardaba mucho más en a *palabra cortada* el autobús tardaba tres cuartos de hora ese desplazamiento. / Quando **ia** para a faculdade, sim, sim, atrasava muito, mas o ônibus demorava 45 minutos o deslocamento. (MOYA CORRAL, 2007, entrevista 2, tradução nossa).

(79) La otra mitad aquello **parecía** una guardería. / A outra metade parecia uma creche. (MOYA CORRAL, 2008, entrevista 30, tradução nossa).

(80) Yo estuve una vez hablando con el peluquero y el peluquero dice que lo **estaba notando** ya dice la gente en vez de pelarse cada mes por poner dice pues

aguanta mes y medio o dos meses en pelarse. / Eu estive uma vez falando com o cabeleireiro e o cabeleireiro disse que **estava notando**, já disse, as pessoas em vez de cortar o cabelo cada mês, disse, aguenta um mês e meio ou dois para cortar. (MOYA CORRAL, 2008, entrevista 21, tradução nossa).

A partir dos valores obtidos, podemos verificar que quando é para expressar processo culminado na função habitual há uma tendência de uso maior do pretérito imperfeito do indicativo, considerando que seu peso relativo é de 0,736. E, também, uma tendência de uso de verbo de estado. E, além disso, segundo Bergareche (2004), a leitura progressiva está associada a verbos durativos, que estão mais associados a verbos de atividade e processo culminado. Muitas vezes, uma leitura progressiva se dilui para uma leitura episódica ou habitual. Então, verbos dinâmicos que são processos culminados se diluem em uma leitura habitual ocasionada pelo contexto e intenção do falante (BERGARECHE, 2004). Desse modo, podemos observar que o imperfeito está se expandindo para áreas funcionais em que, normalmente, utilizava-se só a perífrase, segundo Genta (2008).

A seguir, na tabela 6, expomos a representação dos valores das rodadas estatísticas relacionadas à atuação da presença ou ausência dos modificadores aspectuais na escolha de uma das formas em estudo no Aspecto habitual, tendo como aplicação de regra o pretérito imperfeito do indicativo.

Tabela 6 – Atuação da presença ou ausência dos modificadores aspectuais no uso de pretérito imperfeito do indicativo versus perífrases imperfectivas no Aspecto habitual.

FATORES	VALORES DE APLICAÇÃO / TOTAL	PERCENTUAL %	PESO RELATIVO
Presença de modificadores aspectuais	720 / 758	95,0	0,557
Ausência de modificadores aspectuais	803 / 875	91,8	0,441

Fonte: Elaborada pela autora

Os modificadores aspectuais influenciam no uso das formas imperfectivas de passado. Segundo Pontes (2012, p. 121), “os marcadores aspectuais nos auxiliaram na leitura

aspectual da situação, pois fornecem indícios sobre os valores aspectuais”. A nossa hipótese, baseada nos estudos de Pontes (2012) e Albuquerque (2015), consiste em que os modificadores aspectuais ocorrem com mais frequência, acoplados ao pretérito imperfeito do indicativo. Como podemos observar, de acordo com os dados apresentados na tabela 6, a nossa hipótese foi confirmada, pois a presença dos marcadores aspectuais favorece o uso do pretérito imperfeito do indicativo, considerando seu peso relativo que é 0, 557 e na ausência há a tendência de uso da perífrase. Assim, atendeu ao princípio da expressividade retórica, com vistas ao equilíbrio cognitivo, proposta por Dubois e Votre (1994, 2012), a forma menos marcada (pretérito imperfeito do indicativo) é acompanhada pelo marcador temporal. Vejamos, a seguir, um exemplo com marcador aspectual acoplado ao pretérito imperfeito do indicativo.

(81) *Cuando mis niños eran pequeños yo tenía la costumbre de que viniesen amigos suyos a mi casa y yo con ocho o nueve niños **siempre me encontraba** eso y prefería allí se ponían a estudiar allí se ponían a merendar.* / Quando meus meninos eram pequenos eu tinha o costume de deixar seus amigos virem para minha casa e eu com oito ou nove anos **sempre me deparava** com isso e preferia ali, iam estudar ali e iam merendar. (MOYA CORRAL, 2007, entrevista 16, tradução nossa).

(82) *Pues **solíamos jugar** a pillar a las niñas ya desde chicos éramos revoltosos pues nos juntábamos todos los niños.* / Pois costumávamos brincar de pegar as meninas. Desde crianças éramos travessos, pois nós os meninos, juntávamo-nos. (MOYA CORRAL, 2007, entrevista 2, tradução nossa).

No exemplo (81), podemos verificar que há um adjunto adverbial de tempo que, acoplado à forma de pretérito imperfeito do indicativo, funciona como coordenada temporal para o passado imperfectivo, caracterizando um período de tempo em que determinada ação se repete de forma contínua. Sendo assim, facilita a leitura aspectual do verbo no passado imperfectivo. Porém, no exemplo (82), não há presença de modificador aspectual acoplado à forma de perífrase imperfectiva.

Apresentamos os três grupos que foram selecionados pelo programa computacional como significativos. A seguir, explanaremos sobre os grupos de fatores que não foram selecionados como significativos (tipos de sequência discursiva, sexo, nível de instrução e idade) com base nas tendências de uso conforme a proposta de Guy e Zilles (2007,

p. 214). Segundo os autores, o pesquisador que só apresenta resultados positivos acaba deixando várias perguntas sem resposta no meio científico e não há como os futuros pesquisadores saberem se aquele determinado grupo de fator já foi investigado. Desse modo, a não apresentação de resultados negativos não colabora para o progresso da ciência. Ainda para os autores:

A prática de pesquisadores em variação linguística deve ser, então, a de sempre descrever os fatores investigados, deixando claro quais deles obtiveram significância, e também quais deles deram resultados sem significância. (GUY E ZILLES, 2007, p. 215).

A seguir, apresentaremos uma tabela geral que representa os valores dos grupos não significativos (tipos de sequência discursiva, sexo, nível de instrução e idade), tomando o pretérito imperfeito do indicativo como aplicação de regra. Por não terem sido considerados os grupos significativos, os pesos relativos não foram apresentados pelo programa computacional. Desse modo, analisaremos os percentuais visando a identificar tendências de uso que podem ser percebidas por meio dos valores apresentados. O programa apresenta pesos em todos os casos, mas não são apresentados quando não há rejeição da hipótese nula.

Tabela 7 – Atuação dos grupos não significativos no uso de pretérito imperfeito do indicativo versus perífrases imperfectivas no Aspecto habitual.

FATORES	VALOR DE APLICAÇÃO / TOTAL	PERCENTUAL %
TIPOS DE SEQUÊNCIA DISCURSIVA		
Narração	862 / 914	94,3
Diálogo	57 / 61	93,4
Exposição	277 / 300	92,3
Descrição	245 / 267	91,8
Argumentação	82 / 91	90,1
SEXO		
Homem	826 / 884	93,4
Mulher	697 / 749	93,1
NÍVEL DE INSTRUÇÃO		
Médio	612 / 644	95,0
Baixo	565 / 607	93,1
Superior	346 / 382	90,6

IDADE		
Adulto	637 / 677	94,1
Idoso	646 / 689	93,8
Jovem	240 / 267	89,9

Fonte: Elaborada pela autora

O primeiro fator apresentado na tabela é referente à representação dos valores da atuação dos tipos de sequência discursiva. Desse modo, explanemos primeiramente este fator.

A partir dos estudos de Rodrigues *et al.* (1996), hipotetizamos que o pretérito imperfeito tem maior ocorrência em sequências narrativas e descritivas, pois, segundo o autor, há uma correlação entre os tempos verbais e as situações comunicativas. Desse modo, a depender do tempo verbal e da situação, haverá mais ocorrências de determinadas sequências discursivas, nesse caso, o pretérito imperfeito do indicativo, pelas características de seu tempo verbal e de situações que tenderiam a aparecer mais em sequências narrativas e descritivas, por ser uma forma verbal que requer situações de desenvolvimento narrativo. Vejamos, a seguir, exemplos de tipos de sequências discursivas na função aspectual habitual, a saber: narração, diálogo, exposição, descrição e argumentação, respectivamente, na forma pretérito imperfeito do indicativo e a argumentação na forma perifrástica, pois esta foi na qual mais tendeu o uso da perífrase imperfectiva:

(83) *Lo invitamos a mi comunión a don Moisés que **trabajaba** con mi padre me dio quinientas pesetas yo nunca había visto un billete tan grande pf un hombre allí muy gordo siempre trajeado igual que mi padre siempre trajeado muy puesto y que me quería mucho pero que me daba unos cachetes de tanto cariño que me hacía daño y y me acuerdo de estar allí con el libro para que me firmaran con el libro de firmas pf con mis titos y todo ¡lavín qué gracia! y yo me acuerdo de las dedicatorias de vez en cuando las leo un mi tito me me puso al legionario de Cristo al mejor legionario de Cristo el día que tomó la Primera Comunión son imágenes que me acuerdo y son muy graciosas pero ya te digo. / Convidamos para a minha comunhão o Senhor Moisés que **trabalhava** com meu pai. Ele me deu quinhentas pesetas. Eu nunca havia visto um bilhete tão grande. Um homem ali muito gordo, sempre vestido igual ao meu pai, sempre muito bem vestido e gostava muito de mim, mas me dava umas bofetadas de tanto carinho que me machucava e e lembro de estar ali com o livro para que assinassem com o livro de*

assinaturas com meus tios e tudo. Que graça! E eu lembro das dedicatórias uma vez ou outra as leio. Um tio meu colocou: al legionário de Cristo, al melhor legionário de Cristo. Lembro de imagens, do dia de minha Primeira Comunhão, e são muito graciosas, mas já te digo. (MOYA CORRAL, 2007, entrevista 26, tradução nossa).

(84) Estábamos muy metidos en nuestros hijos nuestra casa nuestra familia y **disfrutábamos** con ellos nada más es que entonces pues no se tenían aspiraciones grandes y hoy día no me pesa hoy te digo la verdad que todo lo que he hecho en esta vida a mí me ha servido para ser feliz. / Estávamos muito juntos a nossos filhos, nossa casa, nossa família e **disfrutávamos** com eles nada mais é que, então, pois, não tinham aspirações grandes e hoje não me arrependo. Hoje, digo-te a verdade, que tudo oq eu é feito nesta vida para mim serviu para ser feliz. (MOYA CORRAL, 2008, entrevista 34, tradução nossa).

(85) *A mí particularmente me gusta mucho el cine yo me enganché a cualquier película la haya visto cien veces o sea mi mujer me regaña a mí cuando hago zapping porque dice que cómo puedo ver una película cuando lleva ya más de la mitad me encanta el cine me encanta y evidentemente hay películas que me gustan más que otras me gusta mucho el tema del suspense de de de e de intriga de espionaje me gusta mucho la el cine histórico la novela histórica me encanta leer e yo he leído no he leído mucho perosí es cierto que que la compañía que tengo en casa pues me ha hecho encontrarme más con la lectura y y se lo debo de agradecer yo antes a lo mejor **leía** un par de libros al año y ahora pues puedo leer una docena o o quince o veinte no sé no no ella sí lleva la cuenta ¿no? / Eu, particularmente, gosto muito de cinema e eu me prendo a qualquer filme mesmo que já tenha visto cem vezes, ou seja, minha mulher me repreende quando faço zapping porque disse que como posso ver um filme quando já está mais da metade. Eu amo o cinema e evidentemente há filmes que gosto mais que outros. Gosto muito de suspense de de de de intriga, de espionagem, gosto muito do cinema histórico. Eu amo ler novela histórica. Eu li, não li muito, mas é certo que a companhia que tenho em casa, pois fez me encontrar mais com a leitura e e devo agradecer. Eu antes, talvez, **lia** um par de livros por ano e agora, pois, posso ler*

uma dúzia ou quinze ou vinte não sei,não, não. Ela sim está contando. (MOYA CORRAL, 2007, entrevista 8, tradução nossa).

(86) *De blanco su traje de novia y su ramito de azahar que se **llevaba** mucho entonces.* / Sua roupa branca de noiva e seu ramalhete de flor de laranjeira que se **usava** muito na época. (MOYA CORRAL, 2009, entrevista 43, tradução nossa).

(87) *Los profesores tienen que bajar el mismo nivel porque es que no pueden con tantos alumnos además creo que muchos alumnos van por el simple hecho de la beca o por el hecho de ¡ah! pues soy universitario que ya no es lo de antes antes el universitario pues **iba** por por otros motivos.* / Os professores têm que baixar mesmo o nível porque não podem com tantos alunos, além disso, creio que muitos alunos vão somente pela bolsa ou pelo fato de ah! Sou um universitário. Não é como antes. Antes o universitário, pois, **ia** por outros motivos. (MOYA CORRAL, 2007, entrevista 2, tradução nossa).

(88) *Antes los abuelos nos **podían regañar** a nosotros si alguien pasaba de la calle nos **podían llamar** la atención hoy en día no puedes.* / Antes os avós podiam repreender a seus netos. Se alguém pasava pela rua podía clamar nossa atenção. Hoje não pode. (MOYA CORRAL, 2009, entrevista 40, tradução nossa).

Percebe-se que há maior tendência de uso do pretérito imperfeito do indicativo quando a forma imperfectiva faz parte de uma sequência discursiva narrativa, com percentual de 94,3 %, o que confirma a nossa hipótese, porém, também, podemos observar que as percentagens dos outros tipos de sequências são, aproximadamente, os mesmos valores, o que inclui a sequência descritiva.

Em seguida, foram expostos os resultados obtidos sobre a variável sexo. Estudos sociolinguísticos apontam, de modo geral, que a mulher tende a preferir as variantes linguísticas mais prestigiadas socialmente. No caso desse estudo, não há forma estigmatizada, mas a forma perifrástica é a mais marcada, de acordo com o princípio de marcação proposto por Givón (1990). A seguir, apresentamos exemplos de fala de um homem e de uma mulher, nesta ordem na forma pretérito imperfeito do indicativo e mulher e homem na forma perifrástica:

(89) *Me gusta mucho una comida que hace que la hacen la hacemos la hacen en casa un poco de que me la **hacía** mi madre entonces Cristina mi mujer lo aprendió y la sigue haciendo.* / Gosto muito de uma comida que faz, que fazem, a fazemos, a fazem em casa um pouco de que a minha mãe **fazia** para mim. Então, Cristina, minha mulher, aprendeu e segue fazendo. (MOYA CORRAL, 2007, entrevista 14, tradução nossa).

(90) *Pues mira pues no han trabajado no porque una de mis hermanas m le gustaba mucho sastrería y cosía de sastre muy buena muy buena costurera que era estupenda pero como se puso mala pues ya no **podía** ella.* / Pois veja, pois não trabalharam não porque uma de minhas irmãs gostava muito de alfaiataria e costurava como alfaiate. Muito boa, muito boa costureira que era estupenda, mas como ficou mal, pois ela já não **podia**. (MOYA CORRAL, 2009, entrevista 52, tradução nossa).

(91) *Al lado de mi casa hay un paseo de muy grande y allí los niños se **ponían a jugar** al fútbol o nos **poníamos a jugar** a lo que fuera.* / Do lado da minha casa há uma rua muito grande e os meninos iam brincar de futebol ali ou nós íamos brincar de qualquer coisa. (MOYA CORRAL, 2009, entrevista 40, tradução nossa).

(92) *Cogía el autobús o algunas veces.* / Pegava o ônibus algumas vezes. (MOYA CORRAL, 2007, entrevista 2, tradução nossa).

Podemos perceber, que as percentagens são muito próximas, sendo para os homens 93,4% e para as mulheres 93,1 %, apenas décimos de diferença. Desse modo, os dados não apontam para uma tendência de uso maior. Os dois sexos utilizam já uma forma generalizada na comunidade de fala.

Logo, são apresentados os resultados, provenientes da análise estatística o grupo de fator nível de instrução, que, conforme os estudos de Freitag (2007), esse grupo de fator não tem apresentado resultados significativos em relação às formas verbais, mesmo que se considere a influência do nível de instrução, nos usos de formas verbais marcadas. Porém, hipotetizamos que a forma perifrástica é mais utilizada em níveis mais altos de instrução, pois

possui uma estrutura mais complexa, considera-se, assim, que se trata de uma forma marcada, desse modo converge com os estudos de Freitag (2007). Nesse sentido, decidimos verificar a frequência do nível mais alto de instrução, ou seja, a escolaridade. A seguir, expomos exemplos de falas do nível médio, baixo e superior, respectivamente:

(93) *Y ya no **podía** ni andar y bueno y luego el abuelo a ver qué tal de momento parece que lo lleva bien.* / E já não **podia** nem andar e, bom, e o avô, por momento, parece que está bem. (MOYA CORRAL, 2007, entrevista 19).

(94) *Yo veo una mentalidad muy buena muy acertada luego otra cosa **iban** poco a poco no podían darle casa ni materiales a todo el mundo.* / Eu vejo uma mentalidade muito boa, muito correta. Logo, outra coisa, iam pouco a pouco, não podiam dar casa, nem materiais a todo o mundo. (MOYA CORRAL, 2009, entrevista 40, tradução nossa).

(95) *Las cosas se **estaban poniendo** cada vez más difíciles.* / As coisas **estavam ficando** cada vez mais difíceis. (MOYA CORRAL, 2007, entrevista 14, tradução nossa).

Com base nos dados percentuais da tabela 7, nota-se que a escolarização refina a consciência linguística. Os falantes de níveis mais baixos de escolaridade tendem a utilizar mais o pretérito imperfeito do indicativo e os de nível mais elevado, a perífrase imperfectiva. Quando se possui maior nível de escolarização, maior é a consciência linguística, a qual permite o uso de mais recursos linguísticos, incluindo a perífrase que está presente nos manuais de estudo de língua. Podemos perceber, com os resultados, que, em todos os níveis, utiliza-se mais a forma imperfectiva do pretérito imperfeito do indicativo, já que a regra de aplicação foi este verbo. Desse modo, justificamos, pelo princípio de marcação, que o uso está generalizado. Ainda, ponderamos que os falantes de nível de instrução superior tendem a utilizar, mais que os dos outros níveis mais baixos que este, a perífrase imperfectiva de passado. Dessa maneira, a nossa hipótese foi confirmada.

Por fim, são expostos os resultados atrelados à atuação da idade no uso das formas imperfectivas de passado em estudo no Aspecto habitual, que a partir da análise desse grupo de fator, segundo Freitag (2007), pode-se perceber se é uma variável estável ou mudança em tempo aparente, se relacionado com a frequência de uso das formas em estudo. No caso dessa

pesquisa, se o passado imperfeito se configura em uma variável estável ou mudança em tempo aparente quando analisadas conforme a frequência dos usos dessas formas imperfectivas nas faixas etárias. Quando a idade é analisada, podemos identificar se uma das variantes está se sobrepondo e, ainda, em que estágio se encontra. A nossa hipótese é que haja mais ocorrência da forma imperfectiva pretérito imperfeito do indicativo frente à perífrase imperfectiva quando analisamos dados de falantes de mais idade. Já os falantes de menos idade, como os jovens, tendem a usar a perífrase imperfectiva com mais frequência, já que, conforme Labov (2001), os falantes de mais idade tendem utilizar as variantes mais conservadoras. Explicitamos, a seguir, os exemplos de fala de adulto, idoso e jovem, fatores deste grupo na forma de pretérito imperfeito do indicativo e um exemplo de fala de jovem na forma da perífrase imperfectiva, respectivamente, e um exemplo de fala de jovem na forma perifrástica:

(96) *El mayor siempre **estrenaba** la bicicleta cuando me llegó mi turno de heredar la la bicicleta recuerdo que oficialmente nos las robaron todas.* / O mais velho sempre **estreada** a bicicleta. Quando chegou minha vez de herdar a bicicleta lembro que oficialmente nos roubaram todas. (MOYA CORRAL, 2007, entrevista 8, tradução nossa).

(97) *Y yo no podía ni andar claro está y mi hermano siempre me **llevaba** auestas.* / E eu não podia nem andar está claro e meu irmão sempre me **levava** nas costas. (MOYA CORRAL, 2009, entrevista 49, tradução nossa).

(98) *Ese sí era peor he faltado mucho al colegio mucho mucho muchísimo empecé repetí segundo y repetí porque no porque **faltaba**.* / Esse sim era pior. Faltei muito o colegio muito, muito, muitíssimo. Comecei, repeti segundo e repeti porque não... porque **faltava**. / (MOYA CORRAL, 2009, entrevista 40, tradução nossa).

(99) *Bueno antes cuando **estaba estudiando** pues me desplazaba en la moto iba a estudiar.* / Bom, antes quando estava estudando, pois me locomovia na moto e ia estudar. (MOYA CORRAL, 2007, entrevista 2, tradução nossa).

Na análise dos dados, podemos notar que a nossa hipótese foi confirmada, já que os que mais utilizaram o pretérito imperfeito do indicativo foram os falantes de mais idade, como os adultos e idosos. Os que menos utilizaram foram os jovens, o que corrobora os estudos de Labov (2001). Ainda, podemos perceber que a diferença entre as percentagens de frequência é relativamente pequena entre as idades o que não denota que haja uma mudança em curso, mas muito mais uma variação estável.

Em termos funcionais e referentes às frequências, podemos observar que nos quatro grupos de fatores apresentados há maior tendência do uso do pretérito imperfeito do indicativo, pois a forma menos marcada é mais utilizada pelos falantes granadinos, o que nos leva a atrelar os quatro grupos de fatores ao princípio de marcação proposto por Givón (1990), pois se trata de estrutura simples frente às perífrases imperfectivas de passado. Trata-se, portanto de uma estrutura simples e demanda menor atenção ou menos tempo de processamento que a estrutura marcada da perífrase imperfectiva.

Desse modo, finalizamos a seção de análise atrelada ao Aspecto Habitual. A seguir, exporemos a análise do Aspecto Progressivo.

5.2.2 Variação entre o pretérito imperfeito do indicativo e perífrase imperfectiva de passado na função aspectual progressiva.

Com embasamento nas rodadas estatísticas das ocorrências das formas verbais de pretérito imperfeito do indicativo e de perífrases imperfectivas de passado para a expressão da função aspectual progressiva que realizamos no *software* Goldvarb (2005), apresentamos a rodada com a eliminação dos nocautes (apenas um grupo de fator da rodada realizada da função habitual. Esse grupo de fator apresentava poucas ocorrências da variante pretérito imperfeito do indicativo, tipos de frase). Como esse grupo foi eliminado da função aspectual habitual por nocaute, tivemos que, também, eliminar na rodada da função aspectual progressiva. Dentre as 49 rodadas feitas, a melhor foi a rodada 15 da função aspectual progressiva. Ela apresentou o *input* 0,790, significância 0,045 e *log-likelihood* -415,636.

Os grupos relevantes em ordem de significância selecionados pelo programa computacional foram: modalidade, tipos de verbo e sexo e os excluídos, também, em ordem foram: nível de instrução, idade, tipos de sequência discursiva e presença ou ausência de modificadores aspectuais.

Já apresentamos a variação que pode ocorrer na função aspectual habitual, logo, apresentaremos a variação das formas imperfectivas de passado na função aspectual

progressiva. Assim, segundo Freitag (2007, p. 87), é possível a alternância entre as formas para expressar os valores aspectuais, “reforçando a ideia de que as formas podem ser tratadas como variantes na expressão de passado imperfeito.” (FREITAG, 2007, p. 87). A mesma autora afirma, ainda, que os “valores são a manifestação superficial da categoria aspecto, materializando uma série de fatores que levam à composição da leitura aspectual.” (FREITAG, 2007, p. 87). Vejamos, agora, um quadro referente aos resultados obtidos das formas imperfectivas de passado para a expressão da função aspectual progressiva.

Quadro 6 – Valores obtidos na rodada do Aspecto progressivo.

RESULTADOS OBTIDOS DOS DADOS NO ASPECTO PROGRESSIVO	
Stepping up	Melhor rodada 15 (#15)
Input	0,790
Significance	0,045
Log-likelihood	- 415,636
Grupos relevantes	6: Modalidades <i>realis</i> e <i>irrealis</i> ; 7: Tipos de verbo (processo culminado, estado, culminação e atividade); 1: Sexo (homem e mulher).
Grupos excluídos	3: Nível de instrução (baixo, médio e superior); 2: Idade (jovem, adulto e idoso). 4: Tipos de sequência discursiva (exposição, narração, argumentação, descrição e diálogo); 5: Presença ou ausência de modificadores aspectuais.

Fonte: Elaborado pela autora

Podemos observar que, no quadro 6, os grupos mais relevantes em ordem de significância são: modalidade, tipos de verbo e sexo. Analisaremos os grupos mais relevantes com base no peso relativo exposto pelo programa, porém, discutiremos, também, os grupos de fatores não selecionados com base nas tendências de uso que podem ser percebidas por meio dos valores apresentados conforme a proposta de Guy e Zilles (2007, p. 214). Vale ressaltar

que não houve variação no Aspecto iterativo, ocorrendo somente formas do pretérito imperfeito do indicativo em 160 dados. Desse modo, não se faz necessário rodar os dados que ocorreram nesse Aspecto no programa Goldvarb (2005).

Conforme Martínez-Atienza (2004), o Aspecto imperfectivo progressivo focaliza um determinado instante do evento, ou seja, foca em um único ponto. Exporemos, a seguir, as considerações de cada grupo desse aspecto em estudo. Vejamos o primeiro:

Tabela 8 – Atuação da modalidade no uso de pretérito imperfeito do indicativo versus perífrases imperfectivas no Aspecto progressivo.

FATORES	VALOR DE APLICAÇÃO/ TOTAL	PERCENTUAL %	PESO RELATIVO
<i>Realis</i>	614 / 727	84,5	0,612
<i>Irrealis</i>	69 / 186	37,1	0,144

Fonte: Elaborada pela autora

De acordo com os estudos de Pontes (2012, p. 245), hipotetizamos que as formas verbais imperfectivas, sendo elas formas que possuem estruturas não marcadas quando comparadas às formas perifrásticas, tendem a aparecer na modalidade *realis*, na qual o contexto não é marcado em relação ao *irrealis*. Desse modo, os dados apresentados na tabela 8 confirmam nossa hipótese. Pode-se verificar que a maioria dos contextos de progressivo foram na modalidade *realis*, que segundo Givón (1984, p. 285) a proposição é declarada fortemente como verdade. Diferente da modalidade *irrealis* que a proposição é fracamente declarada como possível ou como necessária. Ainda sobre as modalidades *realis* e *irrealis*, pode-se confirmar uma das afirmações de Freitag (2007, p.65). A autora afirma que quando o pretérito imperfeito do indicativo e as perífrases de passado expressam o passado imperfectivo assumem o valor de modalidade *realis*.

Em termos funcionais, podemos aplicar à análise, ainda, o princípio de marcação para a explicação da tendência de uso maior das formas imperfectivas (estruturas menos marcadas) em sentenças reais (*realis*, contexto não marcado em relação ao *irrealis*) frente ao uso das perífrases imperfectivas. As formas verbais imperfectivas tendem a ser mais usadas que as perífrases imperfectivas por sua estrutura ser menos complexa e que demanda menor esforço em termos de atenção e processamento.

Os resultados da tabela 8 apontam a correlação entre a presença da modalidade *realis* e a ocorrência de formas do pretérito imperfeito do indicativo. Embasados nos

resultados, podemos notar que há um favorecimento para a modalidade *realis* com o peso relativo 0,612. Por outro lado, a modalidade *irrealis* restringe o uso da forma imperfectiva com peso relativo 0,144. Vejamos, a seguir, alguns exemplos nas modalidades *realis* e *irrealis* na forma do pretérito imperfeito do indicativo e *irrealis* na forma perifrástica, respectivamente.

(100) *Nos cuesta comprobar cómo cómo se deteriora el sistema y no hay manera nos tienen atados de pies y manos y la verdad es que al final estamos viendo que todo lo van todos lo van a pagar ellos y nosotros por supuesto porque es lo que tú **comentabas** esta mañana que que nosotros vamos a pagar una factura y es que vamos a estar en sus manos en sus manos y van a ser las mismas personas que hoy vemos por ahí que no tienen respeto no tienen respeto no tienen valores desgraciadamente los los modelos los patrones que ellos siguen pues desde luego desde mi punto de vista son totalmente erróneos.* / *Custa-nos comprovar como se deteriora o sistema e não há maneira. Tem-se os pés e mãos atados e a verdade é que no final estamos vendo que todos vão pagar a eles e nós também porque é o que tu **comentavas** esta manhã que nós vamos pagar a conta e vamos estar em suas mãos, em suas mãos e vão ser as mesmas pessoas de hoje. Vemos por aí que não tem respeito, não tem respeito, não tem valores, desgraçadamente, os modelos de padrões que eles seguem, pois desde o meu ponto de vista são totalmente errôneos.* (MOYA CORRAL, 2007, entrevista 9, tradução nossa).

(101) *Pasábamos el día en en el huerto de mi abuela a mí lo de las piscinas y todo eso me **parecía** una cosa también muy extraña porque bañarse era bañarse en una alberca una alberca con el agua bien fría y rodeada de de plantas y de bichos también.* / *Passávamos o dia na horta de minha avó a mim o das piscinas e tudo isso me **parecia** uma coisa também muito estranha porque se banhar era se banhar em um tanque com a água bem fria e rodeada de plantas e de bichos também.* (MOYA CORRAL, 2007, entrevista 12, tradução nossa).

(102) *Toda tres generaciones se podían juntar allí perfectamente y para mí fue precioso.* / *Podiam juntar todas as três gerações ali perfeitamente y para mim foi precioso.* (MOYA CORRAL, 2007, entrevista 16, tradução nossa).

Em (100), o pretérito imperfeito do indicativo aparece em sentença real, ou seja, na modalidade *realis*. Podemos perceber que se trata de um processo que estava em curso quando outro ocorria, portanto, localizam-se à direita no gradiente de Travaglia (1987). É importante ressaltar que o verbo *comentabas* inserido no contexto é reforçado pelo modificador aspectual *esta manhã* que indica o aspecto progressivo, pois há uma situação na estrutura temporal, no momento passado expresso pelo pretérito imperfeito do indicativo de forma pontual, ou seja, focaliza somente um instante. Em (101), a forma imperfectiva de passado aparece na modalidade *irrealis*, pois é asserida como incerta. Assim como, a forma perifrástica aparece, também, na modalidade *irrealis*, que infere a incerteza.

Na tabela que se segue, são apresentados resultados que são referentes à frequência e ao peso relativo para o grupo de fator tipos de verbo, segundo grupo mais significativo no aspecto progressivo. Ao analisarmos os possíveis motivadores da variação do pretérito imperfeito do indicativo e das perífrases imperfectivas de passado, não poderíamos desconsiderar o grupo de fator tipos de verbo, pois se manifestam como significativo na escolha de uma das formas em estudo. Este grupo foi selecionado pelo programa estatístico Goldvarb (2005) como o segundo mais relevante fator que motiva a variação, resultado que entra em consonância com os estudos de Freitag (2007), que os resultados também apontaram que o grupo de fator tipos de verbo, de acordo com a classificação de Vendler (1957), é o fator que motiva fortemente a escolha de uma das formas imperfectivas de passado.

Tabela 9 – Atuação dos tipos de verbos no uso de pretérito imperfeito do indicativo versus perífrases imperfectivas no Aspecto progressivo.

FATORES	VALOR DE APLICAÇÃO / TOTAL	PERCENTUAL %	PESO RELATIVO
Processo culminado	124 / 142	87, 3	0, 672
Estado	244 / 292	83, 6	0, 621
Culminação	89 / 133	66, 9	0, 414
Atividade	226 / 346	65, 3	0, 360

Fonte: Elaborada pela autora

Conforme os estudos de Givón (1990, 2001), Freitag (2007), Pontes (2012) e Albuquerque (2015), temos como hipótese que os verbos de processo culminado favorecem o

uso da forma imperfectiva de passado pretérito imperfeito do indicativo e os verbos de estado favorecem o uso da perífrase imperfectiva de passado. De acordo com os resultados obtidos e apresentados na tabela referente aos tipos de verbo, constatamos que nossa hipótese foi parcialmente confirmada, pois se percebe que o processo culminado favorece a ocorrência do pretérito imperfeito do indicativo, mas é parcialmente pelo estado também favorecer a mesma ocorrência. Expomos, agora, exemplos dos fatores processo culminado e estado no pretérito imperfeito e um exemplo do fator estado na perífrase imperfectiva, respectivamente:

(103) Te podías servir todo lo que quisieras en por ejemplo en las ensaladas las Pepsi colas que no son de treinta y tres centilitros ni de medio litro son de tres cuarto de litro nos hinchamos es que nos **hinchábamos** si yo creo que el avión cuando cuando de regreso no no subía por algo. (Podias te servir de tudo o que quisesses, por exemplo, de saladas, das Pepsi colas que não são de trezentos e trinta mililitros, nem de meio litro, são de setecentos e cinquenta mililitros. **Inchávamo-nos**. Creio que o avião quando quando na volta não, não subia por algum motivo.) (MOYA CORRAL, 2007, entrevista 2, tradução nossa).

(104) *Las niñas se **sabían** la canción mejor que yo.* / As meninas **sabiam** das canções melhor que eu. (MOYA CORRAL, 2009, entrevista 49, tradução nossa).

(105) *Era un día pues un día de fiesta un pueblo tan pequeño que prácticamente no había actividad pues ese día era maravilloso pues luego después que ya hacían la procesión y todo eso pues los roscos los repartían gratuitos a todo el que quisiera ir ya **estaban bendecidos** pues eso eran una tradición.* / Era um dia de festa, um cidade tão pequena que praticamente não havia atividade, pois ese dia era maravilhoso, pois logo depois que faziam a procissão e todo isso, pois dividiam roscas gratuitamente para todos e quisesse ir. Já estavam abençoados, pois isso era uma tradição. (MOYA CORRAL, 2007, entrevista 16, tradução nossa).

Como observamos os valores resultantes, podemos verificar que quando é para expressar processo culminado na função progressiva há uma tendência de uso maior do pretérito imperfeito do indicativo, considerando que seu peso relativo é maior que 0,5, sendo 0,672. E, também, uma tendência de uso de verbo de estado. E, além disso, segundo

Bergareche (2004), a leitura progressiva está associada a verbos durativos, que estão mais associados a verbos como de processo culminado.

A seguir, na tabela 10, expomos a representação dos valores das rodadas estatísticas relacionadas à atuação do sexo na escolha de uma das formas imperfectivas de passado no Aspecto progressivo, tendo como aplicação de regra o pretérito imperfeito do indicativo. Foi o terceiro grupo mais significativo selecionado pelo programa estatístico Goldvarb (2005).

Tabela 10 – Atuação do sexo no uso de pretérito imperfeito do indicativo versus perífrases imperfectivas no Aspecto progressivo.

FATORES	VALOR DE APLICAÇÃO/ TOTAL	PERCENTUAL %	PESO RELATIVO
Mulher	414 / 536	77, 2	0, 536
Homem	269 / 377	71, 4	0, 448

Fonte: Elaborada pela autora

Conforme os estudos de cunho sociolinguístico, o sexo dos indivíduos influencia na propagação da mudança linguística (FREITAG, 2009). De modo geral, a mulher tende a preferir as variantes linguísticas mais prestigiadas socialmente. No caso deste trabalho, nenhuma forma é estigmatizada, porém a perífrase imperfectiva é a mais marcada, conforme o princípio de marcação. Nesse caso, a mulher prefere a forma menos marcada, ou seja, a forma de pretérito imperfeito do indicativo. Como podemos perceber, a hipótese se confirma de acordo com a tabela supracitada, há uma tendência maior da mulher usar o pretérito imperfeito com um peso relativo de 0,536. Porém, a diferença de uso entre os dois sexos é relativamente pequena com apenas 5,8 %. Neste caso, não podemos confirmar categoricamente por se tratar de uma tendência de uso. A seguir, expomos o exemplo de fala de mulher na forma do pretérito imperfeito do indicativo e um exemplo de fala de homem na forma perifástica:

(106) *Cuando tenía seis años tenía la vega muy cerca y en en al final lo hondo ya pasaba el río y cuando llegaban las fiestas del pueblo que las **celebraban** el veinticuatro de abril que es San Marcos y el catorce quince de agosto que era el catorce el Santo Cristo del Consuelo.* / Quando eu tinha seis anos tinha o estuário muito perto e ao final o fundo já passava o rio e quando chegavam as festas do

povo que as **celebravam** o dia vinte e quatro de abril que é São Marcos e o dia quatoze, quince de agosto que era o quatoze o doia de Santo Cristo do Consolo. (MOYA CORRAL, 2007, entrevista 16, tradução nossa).

(107) *Estábamos jugando en el verano porque entonces no se iba uno a veranear ni cosas de este tipo porque eran otros tiempos eran otra situación económica era otro mundo yo me recuerdo de estar jugando hasta hasta altas horas de la noche en la calle.* / Estávamos brincando no verão porque, um não ia curtir um verão, nem coisas desse tipo porque eran otros tempos, eran outra situação económica, era outro mundo. Eu lembro de estar brincando até, até altas horas da noite na rua. (MOYA CORRAL, 2007, entrevista 14, tradução nossa).

Em termos funcionais, pode ser aplicado à análise o princípio de marcação proposto por Givón (1990) para a explicação do maior uso do pretérito imperfeito do indicativo no Aspecto progressivo. Dado que a sua estrutura é menos complexa que a das perífrases imperfectivas de passado e, desse modo, exige menos tempo em seu processamento frente a perífrase imperfectiva. No caso deste trabalho, nenhuma forma é estigmatizada, mas a forma perifrástica é a mais marcada, conforme o princípio de marcação proposto por Givón (1990). Assim, a mulher prefere a forma menos marcada, o pretérito imperfeito do indicativo.

A seguir, apresentaremos uma tabela geral que contém resultados referentes aos valores dos grupos não significativos (idade, tipos de sequência discursiva e presença ou ausência de modificadores aspectuais), tomando a forma imperfectiva pretérito imperfeito do indicativo como aplicação de regra. Por terem sido considerados grupos não significativos pelo programa Goldvarb (2005), os pesos relativos não foram apresentados pelo próprio programa. Desse modo, avaliaremos de acordo com os percentuais expostos, visando a identificação de tendências de uso que podem ser percebidas nos valores que serão apresentados.

Tabela 11 – Atuação dos grupos não significativos no uso de pretérito imperfeito do indicativo versus perífrases imperfectivas no Aspecto progressivo.

FATORES	VALOR DE APLICAÇÃO / TOTAL	PERCENTUAL %
NÍVEL DE INSTRUÇÃO		

Médio	261 / 341	76,5
Superior	182 / 246	74,0
Baixo	240 / 326	73,6
IDADE		
Idoso	271 / 350	77,4
Jovem	200 / 273	73,3
Adulto	212 / 290	73,1
TIPOS DE SEQUÊNCIA DISCURSIVA		
Diálogo	37 / 43	86,0
Descrição	155 / 197	78,7
Narração	323 / 429	75,3
Exposição	119 / 161	73,9
Argumentação	49 / 83	59,0
PRESENÇA OU AUSÊNCIA DE MODIFICADORES ASPECTUAIS		
Presença de modificadores aspectuais	244 / 304	80,3
Ausência de modificadores aspectuais	439 / 609	72,1

Fonte: Elaborada pela autora

O primeiro fator apresentado como grupo não significativo pelo programa computacional é o nível de instrução. Assim, explanemos primeiramente este fator. Em relação a essa variável, são apresentados os resultados da análise estatística: valor de aplicação e seu total e a porcentagem de cada fator que compõe esse grupo. Segundo Freitag (2007), esse grupo de fator não tem mostrado resultados significativos quando diz respeito às formas verbais. Porém, acreditamos que o resultado pode ser significativo quanto a sua influência no uso das formas verbais imperfectivas em estudo. Hipotetizamos que a forma perifrástica ocorre com maior frequência em níveis de instrução mais altos, pois se trata de uma forma mais estruturada frente à forma de pretérito imperfeito do indicativo. Desse modo, alinha-se aos estudos de Freitag (2007). A seguir, expomos exemplos de fala no nível médio, superior e baixo na forma do pretérito imperfeito e um exemplo de fala no nível baixo na forma da perífrase imperfectiva, respectivamente:

(108) *Terminaba la hora de estudio.* / **Terminava** a hora do estudo. (MOYA CORRAL, 2008, entrevista 19, tradução nossa).

(109) *Esa mañana fui a misa temprano confesé y bueno me quedé allí un rato en la iglesia no sé pensando que era un día muy importante en mi vida que que bueno que mi vida **cambiaba** radicalmente a partir de ese día.* Essa manhã fui cedo para a missa, confessei-me e, bom, fiquei ali um momento na igreja. Não sei, pensando que era um dia importante na minha vida que que, bom, que minha vida **mudava** radicalmente a partir desse dia. (MOYA CORRAL, 2007, entrevista 18, tradução nossa).

(110) *Le **cabían** cinco naranjas en la mano al hombre. / **Cabiam** cinco laranjas na mão do homem.* (MOYA CORRAL, 2009, entrevista 43, tradução nossa).

(111) *Entonces yo antes pues pagaba todas mis cosas y sí podría podía salir invitar a mi familia a comer. / Então antes eu pagava todas as minhas coisas e, assim sim, poderia, **podía sair** para convidar a minha família para comer.* (MOYA CORRAL, 2009, entrevista 37, tradução nossa).

Percebe-se que, nos dados percentuais da tabela 11, em todos os níveis, o falante tende a se utilizar mais o pretérito imperfeito do indicativo. Assim, podemos justificar, pelo princípio da marcação proposto por Givón (1990), que o uso está generalizado. Neste caso, nossa hipótese inicial foi refutada.

Os resultados expostos na tabela 11 são atrelados à atuação da idade no uso das formas pretérito imperfeito do indicativo e perífrases imperfectivas de passado no Aspecto progressivo, que a partir da análise desse grupo, de acordo com Freitag (2007), pode-se verificar se é uma variável estável ou mudança e tempo aparente quando relacionado à frequência de uso das formas imperfectivas de passado. Hipotetizamos que a forma verbal imperfectiva pretérito imperfeito do indicativo ocorre mais em falantes de mais idade e a perífrase imperfectiva de passado nos falantes de menos idade. De acordo com Labov (2001), os falantes de mais idade tendem a utilizar as variantes mais conservadoras. Apresentamos, a seguir, exemplo da fala de idoso no pretérito imperfeito do indicativo e um exemplo da fala de jovem na perífrase imperfectiva:

(112) *Vivíamos en un segundo y entonces teníamos conforme **subías** las escaleras a la izquierda teníamos la entrada el comedor luego teníamos un dormitorio y*

otro dormitorio en el otro lado que daba a la calle. / Morávamos em um segundo e então tínhamos conforme **subias** as escadas à esquerda tínhamos a entrada, a sala de jantar, logo tínhamos um quarto e outro quarto no outro lado que daba para a rua. (MOYA CORRAL, 2009, entrevista 49, tradução nossa).

(113) *Pues mientras que **iba caminando** que yo recuerdo ahora mismo.* / Pois, enquanto eu ia caminando que eu lembro agora mesmo. (MOYA CORRAL, 2007, entrevista 5, tradução nossa).

De acordo com os resultados apresentados e a análise podemos notar que nossa hipótese foi confirmada, visto que os idosos foram quem mais utilizou as formas imperfectivas pretérito imperfeito do indicativo. Os jovens e adultos utilizaram menos que os idosos, o que corrobora os estudos de Labov (2001). Ainda, é perceptível que a diferença de percentagem de frequência é pequena entre as faixas de idade analisadas, o que demonstra que se trata de uma variação estável e não uma mudança em curso.

Em seguida, foram expostos os resultados provenientes da análise estatística o grupo de fator tipos de sequência discursiva. A hipótese que apresentamos desse grupo é embasada nos estudos de Rodrigues *et al.* (1996), que o pretérito imperfeito ocorre com mais frequência nas sequências narrativas e descritivas por proporcionar, em seus contextos de uso, a facilidade de mais uso dessa forma imperfectiva, pois os tempos verbais e as situações comunicativas se relacionam, segundo o autor supracitado. A seguir, expomos exemplos dos tipos de sequência discursiva no pretérito imperfeito: diálogo, descrição e narração. E, logo, um exemplo de argumentação na fala que apresenta a perífrase imperfectiva de passado.

(114) *Sentarnos a comer tranquilamente en un restaurante echar nuestro rato de charla si nos **daba** tiempo hasta dar alguna cabezadica después de comer que eso es sagrado la siesta.* / Sentar-nos para almoçar tranquilamente em um restaurante, ter o nosso momento de conversa. Se nos **dava** tempo até em dar um cochilinho depois de comer que é sagrada a soneca. (MOYA CORRAL, 2008, entrevista 31, tradução nossa).

(115) *Las solanas que eran pues unas cámaras muy grandes que **cogían** toda la fachada.* / Os locais ensolarados que eran, pois, umas salas muito

grandes que **pegavam** toda a fachada. (MOYA CORRAL, 2008, entrevista 34, tradução nossa).

(116) *Mi hermana un día me dio mucho coraje porque ella se **acordaba** de una cosa que yo no me acordaba y era nada que pues que le di las manos y me dice ¡oy qué manos más calientes! igual que papá digo ¿y eso? ¿tú no te acuerdas que papá siempre tenía las manos calien.? / Minha irmã, um dia, encorajou-me muito porquem ela **lembrava** de uma coisa que eu não lembrava e era nada que, pois, eu a dei minhas mãos e me disse: Oh! Que mãos quentes! Igual de papai. Digo: E o que tem? Tu não lembras que papai sempre tinha as mão quen...? (MOYA CORRAL, 2008, entrevista 30, tradução nossa).*

(117) *De las cosas tan raras que **estaban diciendo** de la gente tan extraña salió otra mujer que decía que tenía una ts donante ¿no? por así decirlo ¡ay ay ay! una donante pero era esa era vampira psíquica de esas que era de energía. / Das coisas tão estranhas que **estavam dizendo** das pessoas tão estranhas, saiu outra mulher que dizia que tinha uma doação, não? Por assim dizer. Ai, ai, ai! Uma doação,mas era uma vampira psíquica dessas que era de energia. (MOYA CORRAL, 2009, entrevista 40, tradução nossa).*

Percebe-se que a forma imperfectiva de passado pretérito imperfeito do indicativo aparece com mais frequência na sequência discursiva diálogo com 86,0 % e, em segundo lugar, estaria a descrição com o percentual de 78,7 %. Como podemos observar, nossa hipótese foi parcialmente confirmada, pois a descrição foi na segunda sequência que mais ocorreu o uso do pretérito imperfeito do indicativo. Já o diálogo, como se trata de uma sequência que variados tipos de conteúdo de conversas, proporcionando características que se parecem com a narrativa, como um sonho que queira a efetiva realização, pode-se considerar que, realmente, poderíamos ter esse resultado.

Por último, é apresentado os resultados provenientes da análise estatística o grupo de fator presença ou ausência de modificadores aspectuais. Hipotetizamos, de acordo com os estudos de Pontes (2012) e Albuquerque (2015), que os modificadores aspectuais ocorrem com mais frequência acoplados ao pretérito imperfeito do indicativo. Vejamos, agora, um

exemplo do fator presença de modificador aspectual na forma do pretérito imperfeito do indicativo e um exemplo da forma perifrástica:

(118) *Yo saltaba muy bien además saltaba muy alto tenía unas piernas muy largas en **ese momento** entonces que me gustaba me **gustaba** jugar.* / Eu saltava muito bem, além disso, saltava muito alto. Eu tinha unas pernas muito longas, **esse momento**, então, que gostava, **gostava** de brincar. (MOYA CORRAL, 2007, entrevista 2, tradução nossa).

(119) *Pasó a mí que **estaba muriéndome** porque me echaron pues garrafón.* / Aconteceu comigo que eu **estava morrendo** porque fizeram que beber um garrafão (MOYA CORRAL, 2009, entrevista 37, tradução nossa).

Como podemos perceber na tabela geral, a nossa hipótese foi confirmada, visto que a presença dos marcadores aspectuais favorece o uso do pretérito imperfeito do indicativo.

Em termos funcionais e referentes às frequências, podemos observar que nos quatro grupos apresentados no quadro geral há maior tendência do uso do pretérito imperfeito do indicativo, pois se trata de uma estrutura mais simples frente às perífrases imperfectivas de passado. Os três primeiros grupos de fator podem ser atrelados ao princípio de marcação proposto por Givón (1990), visto que a estrutura mais simples é a mais utilizada. Já o quarto grupo pode ser atrelado ao princípio da expressividade retórica, com vistas ao equilíbrio cognitivo, este princípio foi proposto por Dubois e Votre (1994), a forma menos marcada (pretérito imperfeito do indicativo) é acompanhada pelo marcador temporal, proporcionando, assim, um equilíbrio.

5.3 Síntese do capítulo

À luz do Sociofuncionalismo, neste capítulo, analisamos o fenômeno de variação linguística nas formas verbais imperfectivas de passado em espanhol, em contextos de uso do pretérito imperfeito do indicativo e das perífrases imperfectivas no espanhol oral granadino, encontradas nas entrevistas sociolinguísticas em estudo, e levou em consideração as motivações linguísticas e extralinguísticas, considerando o princípio de marcação.

Apresentamos a análise de 2.596 dados coletados das 36 entrevistas sociolinguísticas do *Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de*

América (PRESEEA – Granada). Estes dados tiveram tratamento estatístico realizado pelo programa computacional Goldvarb (2005) que, dentre outras informações relevantes, expôs cálculos de frequência e pesos relativos das formas em estudo. A regra de aplicação utilizada foi a forma de pretérito imperfeito do indicativo. Dos 2.296 dados obtidos, 2.251 são de formas do pretérito imperfeito do indicativo (86,7 % do total) e 345 da forma de perífrase imperfectiva de passado (13,3 % do total de dados), na comunidade de fala de Granada.

Duas funções apresentaram variação, a função habitual e a progressiva. Do total de dados obtidos, 2.596, encontramos 1.523 formas de pretérito imperfeito no Aspecto habitual (58,6%). Já as formas perifrásticas de passado ocorreram em 110 dados (4,2%). O programa computacional utilizado selecionou grupos relevantes na função habitual, em ordem de significância, os seguintes grupos de fatores, dentre os que selecionamos como possíveis condicionadores, foram: i) modalidade; ii) tipos de verbo e iii) presença ou ausência de modificadores.

Já no Aspecto progressivo, encontramos 683 formas de pretérito imperfeito (26,3%) e 230 formas de perífrases imperfectivas encontramos (8,8%). Assim como na função habitual, a forma menos marcada (pretérito imperfeito do indicativo) foi a mais utilizada pelos falantes granadinos. Esta forma preferida foi utilizada como regra de aplicação na função progressiva. Dos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que selecionamos como possíveis condicionadores da variação entre as formas imperfectivas de passado em estudo, o *software* Goldvarb (2005) selecionou alguns grupos de fatores relevantes em ordem de significância: i) modalidade; ii) tipos de verbo e iii) sexo.

Vale salientar que excluímos o grupo de fatores que corresponde aos tipos de frases (orações afirmativas, interrogativas, negativas e exclamativas) por não apresentar variação entre as formas em todos os componentes desse grupo. Desse modo, houve nocaute. Como esse grupo foi eliminado da função aspectual habitual por nocaute, tivemos, também, que eliminá-lo na rodada da função aspectual progressiva.

Explanamos, com base nas tendências de uso, conforme a proposta de Guy e Zilles (2007, p. 214), sobre os grupos de fatores que não foram significativos na função habitual (tipos de sequência discursiva, sexo, nível de instrução e idade) e na função progressiva (nível de instrução, idade, tipos de sequência discursiva e presença ou ausência de modificadores aspectuais). Apresentamos os dados em quadros gerais para os grupos não significativos no uso das formas imperfectivas de passado e, logo, uma breve análise.

No que se refere aos resultados obtidos, podemos perceber que o imperfeito está se expandindo para áreas funcionais em que, normalmente, deveríamos encontrar a forma

perifrástica. Essa percepção dos resultados dos dados corrobora os estudos de Genta (2008). E, assim, como afirma Bergareche (2004), podemos concluir que uma leitura progressiva, muitas vezes, dilui-se para uma leitura episódica ou habitual, ocasionada pelo contexto e pela intenção do falante.

Com os dados analisados, concluiu-se que há variação linguística nas duas formas em estudos nas funções habitual e progressiva, sendo a forma de pretérito imperfeito do indicativo a mais utilizada pelos falantes granadinos, por ser a forma menos marcada frente à perífrase imperfectiva de passado, conforme o princípio de marcação proposto por Givón (1990). Desse modo, consideramos que se trata de uma variação estável, na comunidade de fala analisada.

Uma vez expostos esses resultados, a seguir, no próximo capítulo, procederemos com as considerações finais desta pesquisa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Que faria a ciência sem o amor? Envaideceria. Que faria o amor sem a ciência? Erraria.

São Bernardo de Claraval

O presente trabalho deteve-se no estudo sociofuncionalista da variação das duas formas verbais imperfectivas de passado em espanhol, em contextos de uso do pretérito imperfeito do indicativo e das perífrases imperfectivas de passado no espanhol oral da comunidade de fala de Granada, levando em consideração as motivações linguísticas e extralinguísticas.

À guisa de conclusão, retomamos o percurso realizado nesta pesquisa, apontamos os principais pontos de cada capítulo desde o capítulo introdutório à descrição e à análise dos resultados. Por último, expomos as principais contribuições deste trabalho e desdobramentos.

No primeiro capítulo, denominado de introdução, foi apresentada e contextualizada a temática da pesquisa e como se configura o fenômeno. Destacamos alguns autores que trabalharam recentemente com as formas verbais em estudo, como os estudos do pretérito imperfeito do indicativo de Garcés (1997), Muñoz e Soto (2000), García Fernández (2004), Pontes (2012) e Albuquerque (2015) e, para a forma perifrástica, Genta (2008), entre outros autores que colaboram com o estudo destas formas verbais. Ainda, expomos os pressupostos teóricos de autores, tais como: Labov (1972a, 1978, 1994, 2001, 2003, 2010), Beatriz Lavandera (1978), Silva-Corvalán (2001), Company Company (2003), López Morales (2004) e Blas Arroyo (2005), Givón (1984, 1990, 1995, 2001 e 2005) e Tavares (2003). Ainda, apresentamos os objetivos que nortearam esta pesquisa, a saber: (i) mapear as funções Aspectuais imperfectivas das formas verbais imperfectivas de passado no espanhol oral granadino que estejam em variação; (ii) examinar, nas funções que apresentam variação, os condicionamentos linguísticos, considerando o princípio de marcação e (iii) investigar a influência dos fatores extralinguísticos. Por fim, expomos a relevância de nosso trabalho.

O segundo capítulo, intitulado sociofuncionalismo, foi dedicado aos pressupostos teóricos (i) da Sociolinguística variacionista, de acordo com os estudos de Labov (1972a, 1978, 1994, 2001, 2003, 2010), Beatriz Lavandera (1978), Silva-Corvalán (2001), Company Company (2003), López Morales (2004) e Blas Arroyo (2005); (ii) do Funcionalismo givoniano (GIVÓN, 1984, 1990, 1995, 2001e 2005) os quais, a partir de um casamento teórico, dão origem ao Sociofuncionalismo que tem como fundamento teórico mais aprofundado em Tavares (2003). Durante este capítulo, expusemos características dos

fundamentos teóricos que contribuíram para o estudo da variação das formas verbais imperfectivas. O casamento teórico entre a Sociolinguística e o Funcionalismo possibilitou o mapeamento das funções do pretérito imperfeito do indicativo e das perífrases imperfectivas de passado e a análise dos dados quantitativos obtidos, com base no pressuposto funcionalista do princípio de marcação.

No terceiro capítulo, expusemos sobre as formas verbais imperfectivas de passado e as categorias Tempo, Aspecto e Modalidade no que tange à sua relação. Desse modo, sobre o Tempo, apresentamos o conceito de acordo com Givón (1984), assim como as propostas de sistematização de Reichenbach (1947) e as considerações de Pontes (2012) em relação ao tempo verbal imperfectivo. Explicitamos, ainda, valores e exemplos de pretérito imperfeito. Sobre o Aspecto, consideramos o seu conceito, conforme Comrie (1976), apresentamos diferenças entre Tempo e Aspecto verbal, ressaltamos o contraste entre o Aspecto lexical e o Aspecto Gramatical, assim como, a explanação a respeito do Aspecto composicional. Vale ressaltar que essa exposição de tipos de Aspectos é importante para o estudo em questão, uma vez que a sua combinação permite que o falante expresse uma situação de diferentes formas. Por último, neste momento, apresentamos os valores aspectuais que podem ser expressos nas formas verbais em estudo. Já na categoria Modalidade, explicamos a diferenças entre Modo e Modalidade e, em seguida, elencamos mais detalhes sobre a categoria Modalidade, segundo os estudos de Givón (1984, 1995), Neves (2006, 2011), Araújo, Coan e Pontes (2016). A finalidade deste capítulo foi a de caracterizar a expressão do passado imperfectivo em espanhol.

No quarto capítulo, expomos os procedimentos metodológicos que nortearam a nossa pesquisa sobre a variação linguística que ocorre nas formas verbais imperfectivas de passado no espanhol oral de Granada, de acordo com os pressupostos teóricos já mencionados. Para isso, explicitamos: (i) o contexto da pesquisa; (ii) os métodos de procedimentos, a saber: procedimento para a coleta de dados (delimitação do universo, explicação sobre a entrevista sociolinguística, descrição da coleta de dados, descrição da análise de dados, explanação sobre a análise estatística com a utilização do programa Goldvarb (2005) e, por fim, explicitamos as restrições e dados desconsiderados. Vale ressaltar que, para o desenvolvimento da pesquisa, utilizamos 36 entrevistas sociolinguísticas do *Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América* (PRESEEA – Granada). A escolha se deu de acordo com a seleção das variáveis de estratificação (3 níveis de instrução X 3 grupos de idade X 2 sexos X 2 informantes por célula). O tratamento

estatístico dos dados obtidos se deu através do programa computacional Goldvarb (2005). Desse modo, pudemos partir para a descrição e análise dos dados.

No quinto capítulo, apresentamos a descrição e análise dos dados obtidos e discutimos os dados de acordo com os resultados obtidos pelo programa computacional Goldvarb (2005). Também, identificamos as funções codificadas pelas formas em estudo e os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que podem favorecer ou desfavorecer o uso das formas verbais imperfectivas de passado no espanhol oral de Granada. Utilizamos a forma de pretérito imperfeito do indicativo como regra de aplicação, pois foi a forma que mais ocorreu. Obtivemos um total de 2.596 dados, dos quais 2.251 são de formas do pretérito imperfeito do indicativo (86,7% do total) e 345 de perífrases imperfectivas de passado no espanhol oral de Granada (13,3% do total). As funções que tiveram variação foram: habitual e progressiva. Em nosso *corpus*, obtivemos 2.596 dados no total, desses dados 1.523 era da forma de pretérito imperfeito do indicativo no Aspecto habitual (58,6% do total de dados). Já as formas perífrases imperfectivas de passado ocorreram em 110 dados (4,2%). No Aspecto progressivo, encontramos 683 formas de pretérito imperfeito do indicativo (26,3% do total). As perífrases imperfectivas de passado, por sua vez, ocorreram em 230 dados (8,8% do total). Os resultados revelaram que os falantes granadinos preferem utilizar a forma de pretérito imperfeito do indicativo, a forma menos marcada e de mais fácil processamento.

Concernente às variáveis significativas para a variação das formas verbais imperfectivas de passado (pretérito imperfeito do indicativo e perífrases imperfectivas) na função aspectual habitual, o *software* Goldvarb (2005) selecionou os grupos de fatores relevantes em ordem de significância, a saber: (i) modalidade; (ii) tipos de verbo e (iii) presença ou ausência de modificadores aspectuais. Já na função aspectual progressiva, os grupos selecionados em ordem de significância foram: (i) modalidade; (ii) tipos de verbo e (iii) sexo.

A seguir, retomamos os resultados obtidos de cada variável supracitada a começar pelos grupos de fatores relevantes, em ordem de significância, na função aspectual habitual e, logo, uma explanação, com base nas tendências de uso, dos grupos de fatores que foram descartados pelo *software*, a saber: tipos de sequência discursiva, sexo, nível de instrução e idade. Em seguida, os resultados obtidos na função aspectual progressiva em ordem de significância, e, logo, um breve comentário sobre grupos de fatores descartados (nível de instrução, idade, tipos de sequência discursiva e presença ou ausência de modificadores aspectuais), assim como foram apresentados no capítulo de descrição e análise dos dados. Vale ressaltar que excluímos o grupo de fatores tipos de frase por ter apresentado nocaute na

rodada da função habitual. Como foi eliminado, na função habitual, por esse motivo, eliminamos, também, na função progressiva.

Apresentamos, neste momento, as variáveis selecionadas como relevantes pelo programa computacional Goldvarb (2005) na função habitual (modalidade, tipos de verbo e presença ou ausência de modificadores aspectuais). Em relação à variável modalidade, controlamos os fatores *realis* e *irrealis*. Hipotetizamos que as formas verbais pretérito imperfeito do indicativo, tenderiam a aparecer em sentenças reais, ou seja, na modalidade *realis*. Os resultados expostos confirmaram a nossa hipótese inicial, pois o pretérito imperfeito do indicativo, que se trata de uma estrutura não marcada, quando comparada à perífrase imperfectiva de passado, tendeu a aparecer em sentenças reais, ou seja, na modalidade *realis*, na qual o contexto não é marcado frente à modalidade *irrealis*. A forma de pretérito imperfeito do indicativo apresentou o peso relativo de 0,526 com a modalidade *realis*, sendo assim, há um favorecimento para esta modalidade. Por outro lado, a modalidade *irrealis*, restringe o uso da forma imperfectiva com peso relativo de 0,072. Com os resultados, percebemos que, de acordo com o princípio de marcação, a forma menos marcada tende a aparecer em contextos menos marcados e corroboram os estudos de Freitag (2007) e Pontes (2012).

No que tange à variável tipos de verbo, controlamos os seguintes fatores: processo culminado, estado, culminação e atividade. Acreditávamos que os verbos de processo culminado favorecem o uso do pretérito imperfeito do indicativo e os verbos de estado da forma perifrástica. A nossa hipótese inicial foi parcialmente confirmada, visto que o processo culminado favoreceu, com peso relativo de 0,736, a ocorrência do pretérito imperfeito, porém, o estado, também, favoreceu esta forma. Uma das explicações seria o fato de os verbos dinâmicos se diluírem em uma leitura habitual com base no contexto a depender da intenção do falante (BERGARECHE, 2004). Desse modo, o resultado se alinha aos estudos desse autor. Além disso, infere-se que o pretérito imperfeito está se expandindo para áreas funcionais que, normalmente, ocorreriam formas perifrásticas, como apontam, também, os estudos de Heine *et al.* (1991), Freitag (2007, p. 129) e Genta (2008). De acordo com os resultados, os fatores processo culminado seguido do estado e, logo, da culminação favoreceram a ocorrência do pretérito imperfeito do indicativo com pesos relativos de (0,736), (0,711) e (0,522), respectivamente.

No que tange à variável presença ou ausência de modificadores aspectuais, analisamos os fatores presença e ausência dos modificadores. A nossa hipótese inicial foi a de que estes modificadores aspectuais ocorrem com mais frequência, acoplados à forma de

pretérito imperfeito do indicativo. Com os resultados, verificamos que o que acreditávamos foi confirmado. A presença de modificadores favoreceu o uso do pretérito imperfeito com peso relativo de 0, 557 e, na ausência, há a tendência do uso da perífrase imperfectiva de passado. Pudemos observar que o resultado atendeu ao princípio da expressividade retórica, conforme é proposto por Dubois e Votre (1994, 2012), pois há um equilíbrio cognitivo quando a forma menos marcada é acompanhada pelo modificador aspectual.

Das oito variáveis controladas na pesquisa na função habitual, o *software* Goldvarb (2005) selecionou 3 grupos de fatores significativos e excluiu quatro e, ainda, um grupo foi excluído por apresentar nocaute na rodada dessa função. Decidimos analisar, mesmo os que não foram consideradas significativos, ou seja, as variáveis excluídas com base nas tendências de uso, conforme proposto por Guy e Zilles (2007, p. 214). Desse modo, analisamos suas tendências, de acordo com a porcentagem apresentada pelo programa computacional. Em suma, em termos funcionais e referentes às frequências, pudemos observar que nas quatro variáveis (tipos de sequência discursiva, sexo, nível de instrução e idade) há maior tendência de uso da forma de pretérito imperfeito do indicativo. Assim, alinha-se ao princípio de marcação proposto por Givón (1990), pois a forma menos marcada é mais utilizada pelos granadinos, visto que se trata de uma estrutura mais simples.

Em relação às variáveis relevantes para a variação das formas verbais imperfectivas de passado na função aspectual progressiva, o programa computacional Goldvarb (2005) selecionou os grupos de fatores significativos em ordem de relevância, a saber: (i) modalidade; (ii) tipos de verbo e (iii) sexo. Concernente ao grupo de fator modalidade na função progressiva, controlamos os fatores *realis* e *irrealis*. Nossa hipótese inicial foi a de que o pretérito imperfeito tenderia a ocorrer na modalidade *realis* por ser uma forma menos marcada frente a perífrase imperfectiva de passado. A modalidade *realis* possui um contexto não marcado quando comparada à modalidade *irrealis*. Assim, a forma menos marcada, tende a aparecer em contextos não marcados como os reais. Pudemos notar que há um favorecimento para a modalidade *realis* com o peso relativo de 0, 612. Diferente da modalidade *irrealis* que restringe o uso da forma imperfectiva com peso relativo de 0, 144.

Quanto à variável tipos de verbo, verificamos o comportamento das formas em estudos na presença dos fatores processo culminado, estado, culminação e atividade. Ponderamos que os verbos de processo culminado favoreceriam o uso do pretérito imperfeito do indicativo e os verbos de estado o uso das perífrases imperfectivas de passado. Conforme os resultados, constatamos que a nossa hipótese foi parcialmente confirmada, pois houve favorecimento por parte do processo culminado na ocorrência do pretérito imperfeito com

peso relativo de 0,672. Contudo, o fator verbo de estado favoreceu a mesma ocorrência, com peso relativo de 0,621.

No que diz respeito à variável sexo, consideramos os dois fatores: homem e mulher. Hipotetizamos que a mulher preferiria a forma menos marcada, o pretérito imperfeito do indicativo. A hipótese foi confirmada visto que há uma tendência maior da mulher usar o pretérito imperfeito com um peso relativo de 0,536. Porém, pode-se notar uma pequena diferença de uso entre os dois sexos, apontando uma porcentagem de 5,8 % de diferença.

Das oito variáveis controladas na função aspectual progressiva, uma foi excluída por ter apresentado nocaute na função habitual e, conseqüentemente, foi excluída, na função progressiva. Das sete, três foram selecionadas como relevantes pelo programa computacional Goldvarb (2005) e quatro foram excluídas. Decidimos analisar as quatro excluídas, conforme as tendências de uso, de acordo com o que é proposto por Guy e Zilles (2007, p. 214), utilizando as percentagens como base.

Em termos funcionais, constatamos que, nos quatros grupos excluídos pelo programa computacional Goldvarb (2005), há maior tendência de uso do pretérito imperfeito do indicativo, pois se trata de uma estrutura mais simples frente à perífrase imperfectiva. Os três primeiros foram atrelados ao princípio de marcação, proposto por Givón (1990). Já o último foi alinhado ao princípio da expressividade retórica, proposto por Dubois e Votre (2012), com vistas ao equilíbrio cognitivo.

Por fim, os resultados expostos indicaram que há uma preferência do uso da forma de pretérito imperfeito do indicativo pelos falantes granadinos. Para além disso, esta forma está se expandindo para áreas funcionais que, normalmente, utilizar-se-ia a forma da perífrase imperfectiva de passado. Dessa forma, esta pesquisa corrobora os estudos de Bergareche (2004) e Freitag (2007). Sendo assim, apresentamos as seguintes contribuições que decorrem deste trabalho:

- a) análise, à luz de pressupostos sociofuncionalistas, da variação linguística entre as formas verbais imperfectivas de passado em espanhol, na comunidade de fala Granada, em contextos de uso do pretérito imperfeito do indicativo e das perífrases imperfectivas de passado, com a utilização de *corpus* oral para a composição da amostra desta pesquisa. Desse modo, há a aproximação do estudo do espanhol ao uso real de seus falantes, pois é apresentada uma faceta da fala granadina em uma amostra sincrônica. Muitos trabalhos são de textos

narrativos escritos, por isso, contribuímos com estudo que tenha como base um *corpus* oral, sobre o fenômeno em estudo;

- b) exame dos condicionamentos linguísticos e extralinguísticos nas funções aspectuais (habitual e progressiva), conforme o princípio de marcação proposto por Givón (1990) e atrelado ao funcionamento do sistema verbal espanhol;
- c) subsídios descritivos acerca do funcionamento do passado imperfectivo para livros didáticos e gramáticas pedagógicas. Já que o estudo se aproxima do uso real do espanhol granadino.

A partir desta pesquisa, sugerimos como desdobramentos para pesquisas futuras a comparação dos resultados com outros estudos realizados com *corpus* escrito de espanhol à luz do Sociofuncionalismo. Já que a presente pesquisa tem como base um *corpus* oral. Além disso, propomos a comparação do fenômeno em estudo entre as línguas latinas a respeito do aspecto verbal nas funções aspectuais, pois a pesquisa revelou alguns traços curiosos, quando comparados entre línguas românicas, tais como: português, espanhol, italiano e francês. Por fim, pode-se perceber que a análise das formas verbais imperfectivas de passado (pretérito imperfeito do indicativo e perífrases imperfectivas) pode desdobrar importantes estudos de formas verbais para a descrição do sistema verbal do espanhol.

REFERÊNCIAS

- ALARCOS LLORACH, E. **Gramática de la lengua española**. 2. reimpr. Real Academia Española, Madrid: Espasa Calpe, 2000.
- ALCARAZ VARÓ, Enrique; MARTÍNEZ LINARES, María Antonia. **Diccionario de lingüística moderna**. Barcelona: Editorial Ariel, 1997.
- ALCINA, J.; BLECUA, J.M. 1975. **Gramática española**. Barcelona, Ariel, 452 p
- ALBUQUERQUE, Micheline Guelry Silva. **O uso do indicativo e de perífrases imperfectivas de passado em memórias literárias produzidas por alunos de escolas públicas brasileiras**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015, 154 p.
- ARAÚJO, Alexandra; COAN, Márluce; PONTES, Valdecy de Oliveira. A abordagem da categoria Modalidade em livros didáticos de Espanhol e de Francês Língua Estrangeira: uma análise comparatista. **Calidoscópio**. Porto Alegre, v. 14, n. 3, p. 390 – 401, 2016.
- BACK, Angela Cristina di Palma; ROST, Claudia Andrea; REIS, Mariléia; FREITAG, Raquel Meister Ko. (2007). Gêneros discursivos na sociolinguística: procedimentos metodológicos. In: **Anais do 4o. Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais**. Tubarão, UNISUL, p. 610-620.
- BARRETO, Eccia Alécia. **A expressão do aspecto habitual: um estudo na fala e na escrita de Itabaiana/SE**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014, 94 p.
- BELLO, A. 1847. **Gramática de la lengua castellana**. Buenos Aires, Sopena, 326 p.
- BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I**. Campinas: Pontes, 1995.
- BERGARECHE, Camus B. Perífrasis verbales y expresión del aspecto en español. In: Ed. L. García Fernández y B. Camus Bergareche. **El pretérito imperfecto**. Madrid: Gredos, 2004.
- BERTINETTO, Pier Marco, EBERT, Karen, DE GROOT, Casper. The progressive in Europe. In: Östen Dahl (Ed.). **Tense and aspect in the languages of Europe**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2000.
- BLAS ARROYO, José Luis. **Sociolingüística del español**: Desarrollos y perspectivas en el estudio de la lengua española en contexto social. Madrid: Cátedra, 2005.
- BLOOMFIELD, L. (1961). **Language**. New York: Holt, Rinehart and Winston. (Trabalho original publicado em 1933.)
- BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 3. ed. 1. reimpr. São Paulo: Contexto, 2012. p. 51-57.

_____. Variáveis discursivas sob a perspectiva da Teoria da Variação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2012. p. 101-116.

BRAVO MARTÍN, Ana. **La perífrasis “IR + A + INFINITIVO” en el sistema temporal y aspectual del español**. 399 p. Tesis Doctoral de la Universidad Complutense de Madrid, Facultad de Filología, Departamento de Filología Española I, 2008.

BRITO, José Roberto de Souza. **Análise variacionista do clítico das estruturas de-transitivas mediais no português oral popular de Fortaleza**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

BRUCAT, José M. El valor del imperfecto de indicativo en español. In: **Primer Congreso Internacional de la Asociación Coreana de Hispanistas**. Chonbuk: Universidad Nacional de Chonbuk, 2001.

BRUM-DE-PAULA, Mirian Rose; ESPINAR, Gema Sanz. Coleta, transcrição e análise de produções orais. In: BRUM-DE-PAULA, M.R.; SCHERER, A.E.; PARAENSE, S.C.L. (Orgs.). **Letras**, nº 21. Santa Maria: PPGL Editores, 2002.

BYBEE, J. 2004. Los mecanismos de cambio como universales lingüísticos. In: R. MAIRAL; J. GIL, **Entorno a los universales lingüísticos**. Cambridge, Cambridge University Press, p. 245-263.

BYBEE, Joan; FLEISCHMAN, Suzanne. **Modality in grammar and discourse**. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1995.

CANO, R.A. (coord.). **Historia de la lengua española**. 2ª ed., Barcelona, Editorial Ariel, 2005, 467 p.

CARTAGENA, Nelson. Acerca de las categorías de tiempo y aspecto: el sistema verbal del español. **Revista española de lingüística**, v. 8, n. 2, 1978, 373-408.

CAVALCANTE, André de Souza. **Análise sociofuncionalista da ordenação de cláusulas hipotáticas adverbiais temporais no espanhol mexicano falado**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

CHOMSKY, N. **Aspects of the Theory of Syntax**. Cambridge, MA: MIT Press, 1965.

COAN, M. **As categorias tempo, aspecto, modalidade e referência na significação dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito: correlações entre função (ões)-forma(s) em tempo real e aparente**. Tese (Doutorado em Linguística) - Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2003.

COAN, Márluce; PONTES, Valdecy de Oliveira. Pretérito imperfeito e perífrases imperfectivas em variação na codificação da função narrativa em contos escritos em espanhol.

Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 10, número 1, junho de 2014.

_____. Relevo discursivo e uso do passado imperfectivo em narrativas literárias. **Revista do GEL**. São Paulo, v.9, n. 1, p.50-79, 2012.

COMRIE, Bernard. **Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

COMPANY COMPANY, Concepción. “¿Qué es un cambio lingüístico”, en COLOMBO, Fulvia y SOLER, María Ángeles (coords.). **Cambio lingüístico y normatividad**. México: UNAM, 2003. p.13-32.

_____. **Aspect**. (1981). 3. ed. Cambridge: Cambridge University Press.

COSERIU, E. **El sistema verbal románico**. México: Siglo XXI Editores, 1976.

_____. **Teoria da linguagem e linguística geral**. 2º Ed., Rio de Janeiro: Presença, 1987.

DI TULLIO, Ángela. **Manual de gramática del español** - Desarrollos teóricos. Ejercicios. Soluciones. Buenos Aires: Edicial, 1997.

DOMINGOS, Rosemay de Fátima Assis. **Variação no uso do pretérito imperfeito (indicativo e subjuntivo) na função de cotemporalidade a um ponto de referência passado**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

DUBOIS E VOTRE. A construção da gramática. **In: Análise modular e princípios subjacentes do funcionamento linguístico**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2012.

FLEISCHMAN, Suzanne. **The future in thought and language**. New York: Cambridge University, 1982.

FREITAG, R. M. K. 2007. **A expressão do passado imperfectivo no português: variação/gramaticalização e mudança**. Florianópolis, SC. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, 235 p.

_____. Traços aspectuais do pretérito imperfeito do indicativo e do passado progressivo no português em contextos de variação. **Revista Letras**, v. 72, 2007.

_____. Aspecto inerente e passado imperfectivo no português: atuação dos princípios da persistência e da marcação. **Alfa**, v. 55, n. 2, dez. 2011
<http://dx.doi.org/10.1590/S198157942011000200006>

_____. O social da sociolinguística: o controle de fatores sociais. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 8, p. 43-58, 2011.

_____. Atuação da marcação na gramaticalização das formas de passado imperfeito no português: o ponto de referência. **Estudos Linguísticos**, 38: 155-166. 2009.

FREITAG, R. M. K.; REIS, M.; BACK, A. C. D. P.; ROST-SNICHELOTTO, C. A. O controle do gênero textual/sequências discursivas na motivação da variação sociolinguística: apontamentos metodológicos. **Odisseia**, Natal, n. 3, p. 1-23. 2009.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Funcionalismo. In: **Manual de Linguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2008. p. 159-241.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; TAVARES, Maria Alice. **Funcionalismo e ensino de gramática**. Natal: EDUFRRN, 2016.

GARCÉS, María Pilar. **Las formas verbales en español valores y usos**. Madrid: Editorial Verbum, 1997.

GARCÍA FERNÁNDEZ, Luis. **El aspecto gramatical en la conjugación**. Madrid: Arco/Libros, 1998.

_____. **El pretérito imperfecto: repaso histórico y bibliográfico**. In: Ed. L. García Fernández y B. Camus Bergareche. **El pretérito imperfecto**. Madrid: Gredos, 2004.

GARCÍA FERNÁNDEZ, Luis; CAMUS BERGARECHE, Bruno (eds), **El pretérito imperfecto**. Madrid: Gredos, 2004.

GENTA, F. 2008. **Perífrasis verbales en español: focalización aspectual, restricción temporal y rendimiento discursivo**. Granada, Espanha. Tese de Doutorado. Universidad de Granada, 457 p.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GIVÓN, Talmy. **Historical syntax and synchronic morphology: An archaeologist's field trip**, CLS #7, Chicago: University of Chicago, Chicago Linguistics Society, 1971.

_____. **On under standing grammar**. Nova York: Academic Press, 1979.

_____. Tense-Aspect-Modality. In: **Syntax: a functional-typological introduction**. v.1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1984. p. 269-320.

_____. **Syntax: a functional-typological introduction**. v. 2. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1990.

_____. **Functionalism and grammar: a prospectus**. University of Oregon, 1991a.

_____. **Functionalism and grammar**. Philadelphia: J. Benjamins, 1995.

_____. Verbal Inflections: Tense, Aspect, Modality and Negation. In: **English Grammar: a functional-based introduction**. Vol I e II. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1995.

_____. **Syntax: an introduction**. Amsterdam: J. Benjamins, 2001.

_____. **Bio-Linguistics: the Santa Barbara Lectures**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2002.

_____. **Context as other minds: the pragmatics of sociality, cognition and communication**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2005.

GUTIÉRREZ ARAUS, L.M. 1997. **Formas temporales del pasado en indicativo**. Madrid, Arco/Libros, 92 p.

GÓMEZ, Esther Martínez. Las periphrasis verbales en español. **Tonos**, n.7, jun. 2004.

GÓMEZ TORREGO, Leonardo. **Perífrasis verbales**. Madrid: Arco Libros, 1988.

GRYNER, Helena; OMENA, Nelize Pires de. A interferência das variáveis semânticas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2012. p. 89-100.

GUTIÉRREZ ARAUS, L. M. **Formas temporales del pasado en indicativo**. Madrid: Arco/Libros, 1997.

GUY, Gregory. A identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialetoal nos padrões linguísticos, **Organon**, v. 14. p. 17-32, 2000.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. **Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola, 2007.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HUNNEMEYER, Friederike. **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HEINE, Bernd. **Auxiliaries: cognitive forces and grammaticalization**. Oxford University Press, New York, 1993.

HERNÁNDEZ, José G. Coronado. **Perífrasis verbales en formación en el español de México**. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Linguística) – Universidad Autónoma Metropolitana, Cidade do México, México, 2006.

HOCKETT, Charles F. **A Course in Modern Linguistics**. New York :Macmillan, 1958.

HOPPER, Paul. Emergent grammar. **Berkeley Linguistics Society**, v. 13, p. 139-157, 1987.

_____. On some principles in the grammaticalization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (eds.). **Approaches to grammaticalization**. Philadelphia: John Benjamins Company, 1991, p. 17-35.

_____. THOMPSON, S. Transitivity in Grammar and Discourse. **Language**, v. 56, n. 2, p. 251-299, 1980.

HOPPER, P. J.; E. C. TRAUGOTT. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

_____. TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

JAKOBSON, R. Lingüística e poética. In: _____. **Linguística e comunicação**. Tradução de Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix/Editora da USP, 1969, p. 118-162.

LABOV, William: **The Social Stratification of English in New York City**, Washington, Center for Applied Linguistics, 1966.

_____. WALETSKY, J. 1967. Narrative analysis. In: J. HELM (org.), **Essays on the verbal and visual arts**. Seattle, University of Washington Press, p. 12-44.

_____. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972a.

_____. **Language in the inner city**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972b.

_____. The boundaries of words and their meanings. In: BAILEY, C.; SHUY, R. W. (Orgs.). **New ways of analyzing variation in English**. Washington: Georgetown University Press, 1973.

_____. Where does the Linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. - **Sociolinguistic Working Paper**, 44. Texas, 1978.

_____. Building on empirical foundations. In: Winfried Lehmann e Yakov Malkiel (eds.). **Perspectives on historical linguistics**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1982.

_____. **Principles of Linguistic Change: Internal Factors**. Cambridge, MA: Blackwell, 1994.

_____. **Principles of Linguistic Change: social factors**. Oxford: Blackwell, 2001.

_____. Some Sociolinguistic Principles. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (orgs.) **Sociolinguistics**. The essential readings. New York: Cambridge, 2003.

_____. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de M. Bagno, M. M. P. Scherre e C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008[1972].

_____. **Principles of Linguistic Change**: cognitive and cultural factors. v. 3. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.

LABOV, W. The anatomy of style-shifting. In: RICKFORD, J. R.; ECKERT, P. (Eds.). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001a. p. 85-108.

LABOV, W. Ordinary events. In: FOUGHT, C. (Ed.). **Sociolinguistic variation**: critical reflections. Oxford: Oxford University Press, 2004. p. 31-43.

LAVANDERA, B. Where Does de Sociolinguistics Variable Stop? In: **Language Society**, n. 7. Printed in Great Britain, 1978.

LYONS, John. **Linguagem e linguística**: uma introdução. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

LENZ, R. La oración y sus partes. En: **Estudios de gramática general y castellana**. Madrid: Centro de Estudios Históricos, 1935.

LÓPEZ MORALES, Humberto. **Métodos de investigación lingüística**. Salamanca, Ediciones del colegio de Espanã, 1994.

_____. **Sociolingüística**. 3ª Ed. Madrid: Editorial Gredos, 2004.

MACLENNAM, L. Jenaro. **El problema del aspecto verbal. Estudio crítico de sus presupuestos**. Gredos, Madrid, 1962.

MALDONADO, Violeta Vázquez Rojas. **Interpretación del pretérito y el copretérito Un enfoque dinámico**. Tese (Mestrado em Lingüística Hispânica) – Facultad de Filosofía y Letras, Universidad Nacional Autónoma de México, Cidade Universitária, México, 2007.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MARTÍNEZ-ATIENZA, M. La expresión de la habitualidad en español. In: Ed. L. García Fernández y B. Camus Bergareche. **El pretérito imperfecto**. Madrid: Gredos, 2004.

MATTE BON, F. **Gramática comunicativa del español**. Tomo I: De la lengua a la idea. Madrid, Edelsa, 357 p. 2003.

MILROY, Lesley; GORDON, Matthew. **Sociolinguistics**. Method and Interpretation, Oxford, Blackwell, 2003.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: ____; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à Sociolingüística**: o tratamento da variação. 4. ed. 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2012.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Metodología Sociolingüística**, Madrid, Gredos, 1990.

_____. Proyecto para el estudio del Español de España y América (PRESEEA). Presentación, **Lingüística**, 5, p. 268-271, 1993.

_____. Metodología del Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y América (PRESEEA), **Lingüística**, 8, p. 257-287, 1996.

_____. Corpus para el estudio del español en su variación geográfica y social. El corpus «PRESEEA», **Oralia**, 8 (2005), págs. 123-139.

_____. Información básica sobre el “Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América – PRESEEA (1996-2010), **Revista Española de Lingüística**, 36 (2006), págs. 385-391.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. Ana M. CESTERO, Isabel MOLINA y Florentino PAREDES, El Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y América (PRESEEA): antecedentes, objetivos y estado actual, en LEONEL RUIZ MIYARES et alii (eds.), **Actas del VII Simposio Internacional de Comunicación Social**, Málaga, Universidad de Málaga, 2001, págs. 45-47.

MOYA CORRAL, Juan Antonio coord. **El español hablado en Granada**: Corpus oral para su estudio sociolingüístico. I Nivel de estudios alto, Granada, Editorial Universidad de Granada, 2007.

_____. **El español hablado en Granada II**: Corpus oral para su estudio sociolingüístico. Nivel de estudios medio, Granada, Editorial Universidad de Granada, 2008.

_____. **El español hablado en Granada III**: Corpus oral para su estudio sociolingüístico. Nivel de estudios bajo, Granada, Editorial Universidad de Granada, 2009.

MUÑOZ, D.; G. SOTO. 2000. Construcciones medias de alta transitividad en el español: un enfoque cognitivo-discursivo. **Lenguas modernas**, 27-26:185-208.

NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luíza. **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2012. p. 43-50.

NEVES, M. H. M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Texto e gramática**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

NOGUEIRA, M. T. Considerações sobre o funcionalismo linguístico principais vertentes. In: Maria Angélica Furtado da Cunha (Org). **Linguística funcional – a interface linguagem e ensino**. 1 ed. Natal: EDUFRN, 2006, v. 1, p. 23 – 40.

OLIVEIRA e SILVA, Gisele Macheline. Coleta de dados. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luíza (orgs.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012, pp. 117-133.

PAIVA, Maria da Conceição de. DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Quarenta anos depois: a herança de um programa na Sociolinguística brasileira. In: WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 131-151. Tradução de: *Empirical Foundations for a Theory of Language Change*, 1968.

PONTES, V. de O. **O uso dos pretéritos perfeito (simples e composto) e imperfeito do indicativo em narrativas escritas em espanhol por aprendizes brasileiros em formação docente universitária: uma análise funcionalista**. Fortaleza, CE. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Ceará, 119 p. 2009.

_____. **O pretérito imperfeito do indicativo e as perífrases imperfectivas de passado em contos literários escritos em espanhol: um estudo sociofuncionalista**. Fortaleza, CE. Tese de doutorado. Universidade Federal do Ceará, 264 p. 2012.

_____. O mapeamento funcional de formas imperfectivas de passado em contos escritos em espanhol. **Intersecções**. São Paulo, v. 13, n. 2, p. 139-152. 2014.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA (RAE). **Esbozo de una nueva gramática de la lengua española**. Madrid: Espasa- Calpe, 1983.

_____. **Nueva gramática de la lengua española**. Madrid: Espasa-Calpe, 2009.

_____. **Nueva gramática de la lengua española: manual**. Madrid: Asociación de Academias de La Lengua Española, 2010. 993 p. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=JtsFAAAAQAAJ&printsec=frontcover&hl=es&source=gbg_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 05 mai. 2017.

ROJO, Guillermo: Relaciones entre temporalidad y aspecto en el verbo español, En Bosque, Ignacio (ed.): **Tiempo y aspecto en español**. Madrid: Cátedra, 1990, 17- 43.

RUIZ CAMPILLO, J. P. Instrucción indefinida, aprendizaje imperfecto. Para una gestión operativa del contraste imperfecto / indefinido en clase. **Mosaico**, 15, p. 9-17. 2005.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A. & SMITH, E. **Goldvarb X - A multivariate analysis application**. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics. 2005.

SARMIENTO, Ramón; SÁNCHEZ, Aquilino. **Gramática básica del español: norma y uso**. 14. ed. Madrid: Sociedad General Espanola de Librería, 2007. 336 p.

SAUSURRE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2012.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. **Sociolingüística y pragmática del español**. Washington: Georgetown University Press, 2001.

SILVA, Imara Cecília do Nascimento. **Significação Aspectual Do Passado Imperfectivo No Espanhol Da Cidade Do México**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

SPERBERG-MCQUEEN, C. M. y L. BURNARD (eds.) (2002) **Transcription of speech**, en TEI P4: Guidelines for Electronic Text Encoding and Interchange. Text Encoding Initiative Consortium. XML Version: Oxford, Providence, Charlottesville, Bergen.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolinguística**. 7ª. Ed. São Paulo: Ática, 2005.

_____. **A Pesquisa Sociolinguística**. 1ª ed. São Paulo: Ática, 1982a. _____. **A pesquisa sociolinguística**. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

TAVARES, M. A. **A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO**: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista. 2003. 307 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

_____. Variação estilística no gênero “entrevista sociolinguística”: os conectores e, aí e então em narrativas de experiência pessoal e relatos de opinião. 2011. Natal. **Anais do Simpósio Internacional de estudos de gêneros textuais da UFRN**, 2011, Natal.

_____. O papel do gênero textual na variação estilística: em busca de padrões comunitários. **Revista do GELNE**, v. 14, n. esp., p. 239-257. 2012.

_____. Textos de diferentes gêneros produzidos em entrevistas sociolinguísticas: o caso do banco de dados VARSUL. **Veredas atemática**. Juiz de Fora, v. 19, n. 2, p. 176 – 194. 2015.

TORRES CACOULOS, R. 2001. From lexical to grammatical to social meaning. **Language in Society**, 30: 443-478.

VENDLER, Zeno. Verbs and Times. In: **The philosophical review**. Vol. 02, Nº 2. 1957, p. 143- 160.

_____. Verbs and Times. In: **Linguistics in philosophy**. New York: University Press, 1967.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: BRAGA, Maria Luiza; MOLLICA, Maria Cecilia (orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

WEINER, E. J.; LABOV, W. Constraintson the agentless passive. **Journal of Linguistics**. 1977.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. Tradução de: Empirical Foundations for a Theory of Language Change, 1968.

WEINRICH, H. **Le temps**. Paris, Seuil, 207 p. 1973